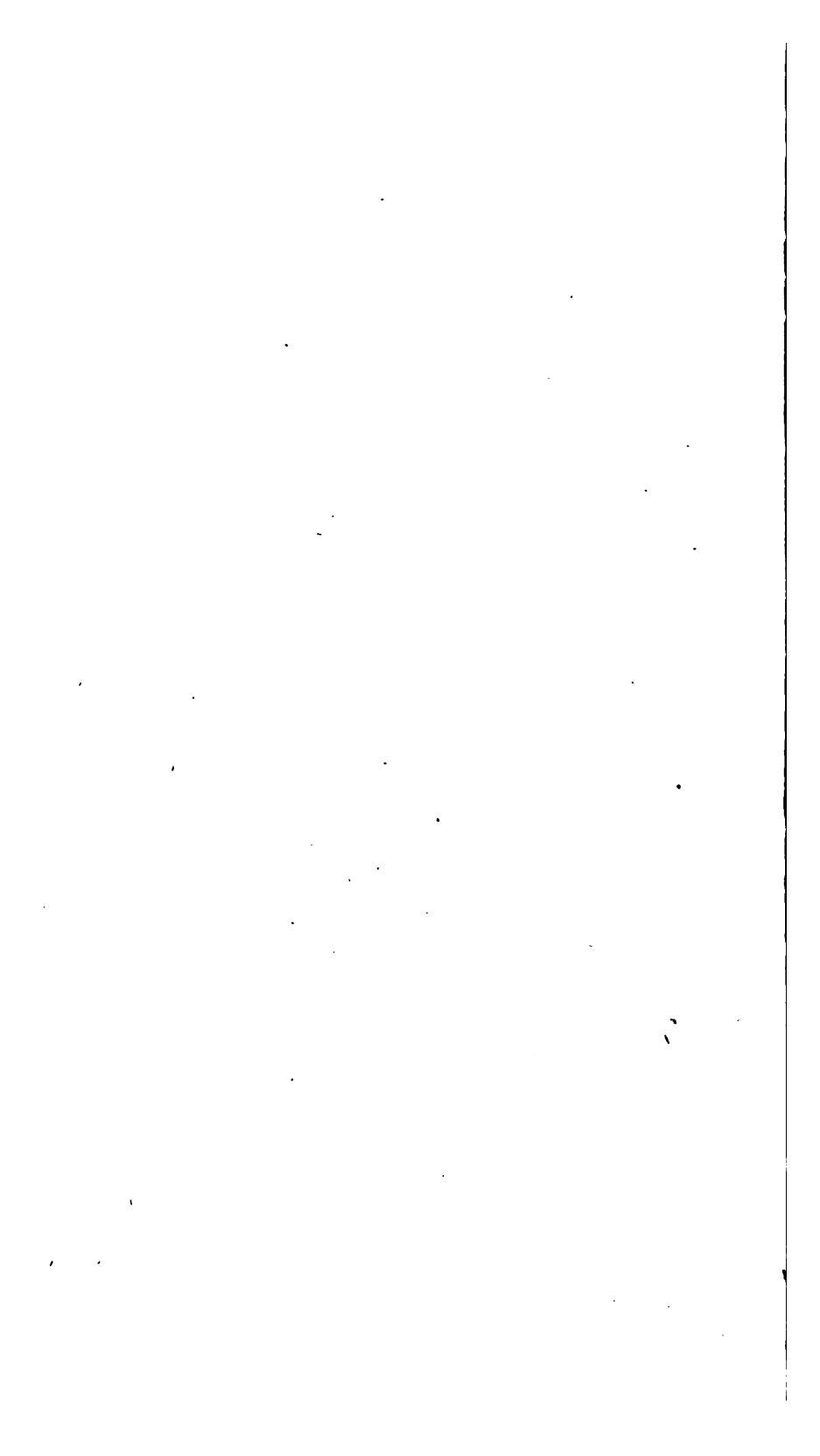
VIAGEM

Á CAPITAL DO JAPÃO

VIAGEM

DA

CORVETA DOM JOÃO I

Á CAPITAL DO JAPÃO

NO ANNO DE 1860

POR

FELICIANO ANTONIO MARQUES PEREIRA

Capitão de fragata e commandante da mesma corveta

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1863

1878, Feb. 11.

Gift of

the minister

of marine,

Lisbon, Portugal.

A descripção de uma viagem não póde ter as aristocraticas pretensões de uma obra classica, nem certamente nos póde conceder os fóros de auctor, que não temos o orgulho de pretender.

Os homens de acção difficilmente podem obter as qualidades necessarias para os homens de letras; e nós, tendo, ha perto de quarenta annos, optado por vocação pela primeira d'estas designações, debalde pretenderiamos ser perfeitos na segunda.

Vendo porém que nos outros paizes se escrevem viagens, genero em que a nossa litteratura mostra não pouca deficiencia, emprehendemos escrever esta que fizemos, a qual nos parece interessante na materia, aindaque a mesquinhez da fórma não sirva senão para despertar imitações que mais valham.

Mal ou bem descrevemos o que fizemos e o que vimos, e n'aquillo que não podémos ver ou saber pessoalmente recorremos a informações que buscámos obter nas localidades, e ao que têem escripto alguns auctores mais acreditados, especialmente á recente obra americana inti-

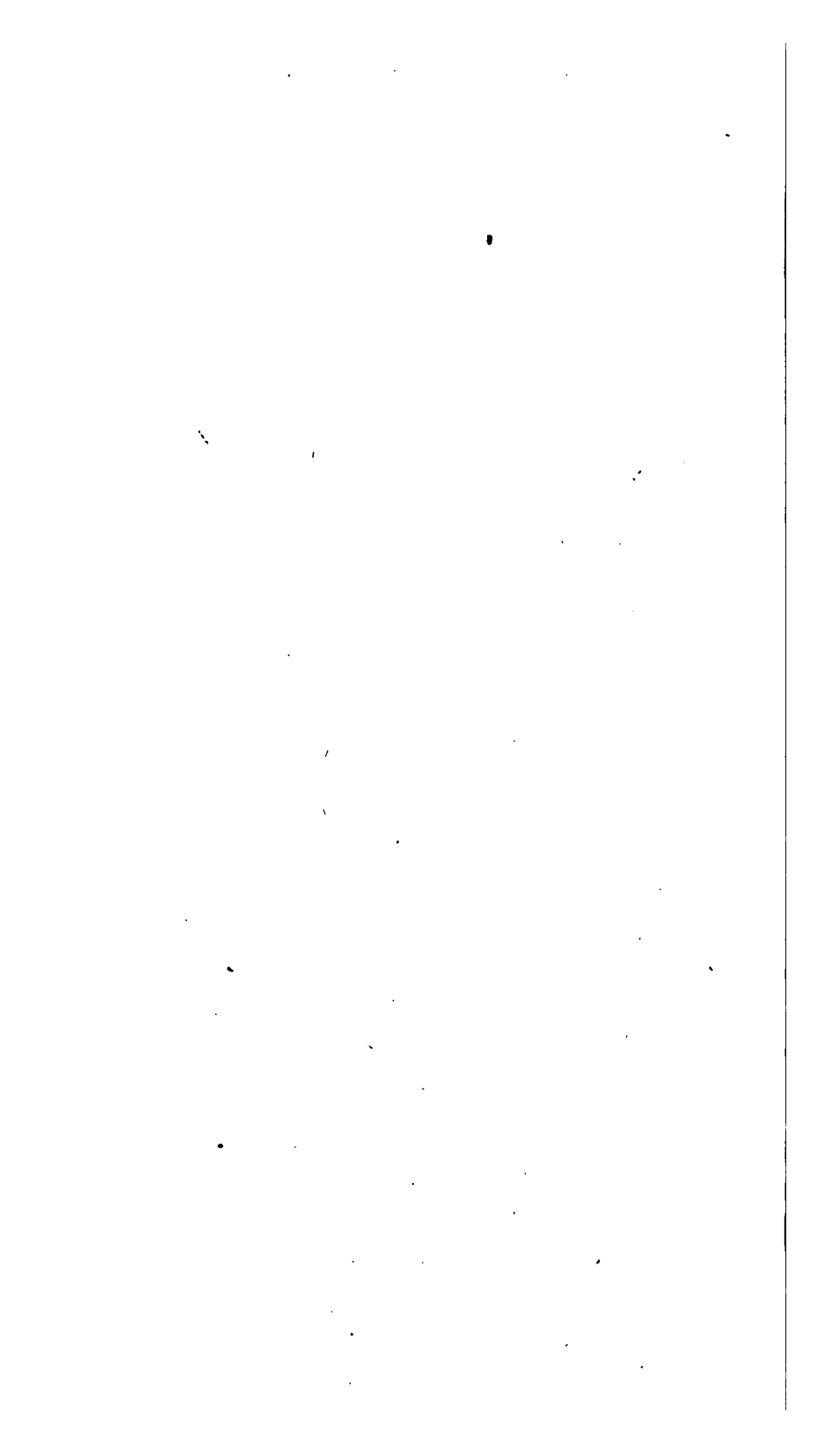
tulada *Narrativa da expedição da esquadra am aos mares da China e do Japão, nos annos de 18* e 1854, coordenada pelo dr. Hawks, na introd qual obra vem interessantes noticias sobre o Ja trahidas com bastante criterio dos mais acredit criptores sobre as cousas d'aquelle paiz.

Damos esta explicação para que alguem não ju possivel, com rasão, o sabermos tanto em tão pou po de demora.

Todos assim fazem.

Macau, 29 de maio de 1861.

PARTE PRIMEIRA

VIAGEM—NOTICIA GERAL DO JAPÃO

I

A corveta D. João I — Partida de Changhae
Viagem até Yêdo, capital do Japão

De todas as machinas ou invenções humanas, aquella que mais se assimilha a um ente animal, e mesmo racional, é sem duvida o navio de alto bordo; animal que anda ou vôa através dos oceanos; que tendo o cerebro n'aquelle que o dirige e os nervos nos outros tripulantes, move-se em todo o sentido e para todas as partes onde o quer conduzir o seu livre arbitrio; e, ainda melhor que o camello atravessando os desertos, leva no seu ventre os alimentos que vae ruminando por largo tempo surcando os mares.

Pelo titulo d'esta viagem parece que fizemos do navio o nosso protogonista, e n'este caso será forçoso começarmos pela descripção d'aquelle que nos occupa.

Construida no estaleiro da nossa praça e cidade de Damão, e deitada ao mar no anno de 1828, a corveta *D. João I* poderia n'essa epocha ser considerada como um navio de guerra do seu genero ao par das construcções con-

temporaneas da Inglaterra ou da França; mas com o rapido e progressivo movimento que têem tido as construcções navaes, mesmo em relação aos navios movidos sómente por meio de vélas, a referida corveta não póde hoje ser considerada senão como um navio antigo, participando de todos os defeitos a elles inherentes, taes como o serem curtos, cingirem mal o vento á bolina e de um andamento muito mediocre.

Póde-se assegurar que não ha ninguem que na sua profissão tenha feito mais difficuldades do que o official de marinha portuguez; porquanto, com tão mau material naval, comparado com o das outras nações, como tem havido até hoje, com machinas tão cansadas e deficientes ninguem era capaz de fazer nem mesmo esse pouco que se tem feito.

E, em 1860, todos sabem que marinha ou navios de guerra movidos sómente por meio de vélas, de construcção moderna que fossem, era já um perfeito anachronismo.

Exteriormente porém, fundeada em qualquer porto, a corveta *D. João I*, mastreando como um modelo no seu genero e elegante em sua construcção, ganhou muitas vezes o pomo da mais bella entre alguns navios de guerra das nações mais maritimas, graças aos esforços da sua guarnição.

Estava pois este navio no dia 29 de junho de 1860 surto quasi na foz do extenso rio Wam-pó, ou do Wussung, em frente da povoação china d'este ultimo nome, quando pela tarde, sem ser ainda esperado, talvez para evitar as honras ou continencia naval com que deveria ser recebido, entrou repentinamente a bordo o sr. conselheiro capitão de mar e guerra e governador de Macau, Izidoro Francisco Guimarães, que na qualidade de ministro plenipotenciario de Portugal deviamos conduzir na corveta a Yêdo, capital

do Japão, para negociar um tratado de paz e commercio com este paiz.

Embarcou igualmente na corveta, em companhia do mesmo sr. ministro, o pessoal da missão, que se compunha de um secretario, um addido, um interprete e creados. Tanto o sr. ministro como o pessoal da missão vinham de Changhae, cidade china aberta ao commercio estrangeiro, sita a vinte e seis kilometros para cima e no mesmo rio de Wussung, para onde tinham ido, havia oito dias, de Hong-Kong, em um vapor inglez.

Este rio de Wussung desagua no Yang-Tse, que não é menos consideravel que o Nilo, quer na grande extensão do seu curso, quer na formação dos seus deltas. As margens d'este Yang-Tse são tão baixas, especialmente de meia distancia do logar onde se achava a corveta até á sua foz, que não se podem ver a uma milha de distancia, sendo por consequencia muito perigosa a sua navegação, perigo augmentado ainda pelo pouco fundo do seu leito, que em muitas paragens não excede a quatro braças.

Sendo o vento contrario, um vapor inglez de reboques pegou na corveta, e ás dez horas da manhã do dia 30 de junho largámos de Wussung. Ás cinco horas da tarde nos largou o mesmo vapor o reboque por estarmos já fóra do Yang-Tse e em vista da ilha de Gutslaff, balisa avançada d'esta invisivel e perigosa foz.

Como o vento se conservava contrario, a maré enchia com força e a proxima escuridão da noite não deixava conhecer e evitar os perigos, fundeámos em oito braças de fundo, esperando pela manhã.

Entre todas as costas maritimas do globo nenhuma existe mais recortada, ou, admitta-se-nos a expressão, mais franjada do que a costa da China desde Haynão até á foz do Yang-Tse, isto é, em mais de metade da sua extensão; não sómente recortada no seu continente, como igualmente

franjada de um sem numero de ilhas maiores ou menores, e mais ou menos proximas da costa firme.

A sua arriscadissima navegação para aquelles que não forem praticos da mesma costa ou não possuirem boas cartas hydrographicas é incontestavel.

Mas tambem, justo é dize-lo, para os navegadores praticos e que possuirem essas boas cartas, não ha costa que offereça mais abrigados portos e ancoradouros contra a violencia das monções contrarias; porque nos mares da China predominam tambem as duas monções do nordeste e sudoeste com mui poucas alternativas. A primeira, que é a mais violenta, desde março até setembro; e a segunda, mais fraca e variavel, no resto do anno.

Ao sul e sueste do logar onde fundeámos estendia-se o grande archipelago de Chussan e os seus grupos accessorios do norte, as Ruggeds, as Parkers e as Saddles, com seus pequenos ilhéus destacados, pedras á flor de agua e restingas, tudo syrtes perigosas para os mais temerarios e medonhas para aquelles nautas timidos das proximidades da terra, e que só se pavoneam no alto ou largo mar, tendo sempre na mente como principio essencial do seu credo nautico aquelle rifão maritimo que diz: *o mar é o colchão dos navios*. Taes homens devem forçosamente vir com repugnancia abraçar as familias.

Guardados estavamos para na manhã seguinte arrostarmos com estes perigos, e d'aqui se póde concluir que nem sempre os revezes em principio de uma viagem, ou em começo de uma empreza, são maus agouros para os fins que se procuram alcançar. Tambem só agora que o escrevemos nos veiu isso á idéa.

Pouco antes de amanhecer o dia 1.º de julho, aproveitando-nos da maré, que saindo das fozes dos grandes rios Yong-Tse e Hang-chu que nos ficavam a oeste, maré que nos levaria para o mar, isto é, para leste, que era d'onde

o vento dominava, suspendemos e navegámos bordejando; mas refrescando o vento e envolvendo-se a atmosphera logoque amanheceu em um denso nevoeiro, tivemos, por conselho do pratico da costa da China que tinhamos a bordo, que arribar em procura de um ancoradouro de nós já conhecido, ao abrigo de uma d'essas ilhas que nos ficavam perto ao sul.

Difficil um pouco era a empreza, porque o nevoeiro era tal que não deixava ver fóra do navio mais que á distancia de um tiro de pistola. Sondando sempre a miudo enfiámos por entre duas ilhas que mal se viam; e aindaque o pratico asseverava ser aquelle o proprio canal que procuravamos, vendo nós que o prumo marcava sómente quatro braças, quando pelos planos devia marcar oito ou dez, duvidámos d'elle pratico, e logoque podémos encontrar seis braças de fundo largámos ancora e ferrámos o panno.

Não ha nada que mais instigue a energia, e que ponha em jogo mais activo as faculdades, as combinações e a sciencia, do que estas occasiões ou crises, em que é preciso dirigir o movimento de um navio de noite ou por um espesso nevoeiro, com mau tempo, por entre baixos e parceis onde o mar rebenta furioso, fazendo-se medonhamente ouvir, sem cousa alguma se poder ver. Se em taes logares não ha fundo palpavel o perigo é imminente, se o ha as ancoras são a salvação.

O perigo porém n'esta occasião não era imminente, já porque o fundo era bom, isto é, favoravel ao enterrar das ancoras, e tambem porque o abrigo de algumas ilhas montanhosas, que só depois se viram bem, quebrava a força do vento que soprava.

Proximo do meio dia o tempo aclarou, e então se conheceu que tinhamos entrado por differente canal, por onde nunca talvez passaram navios portuguezes; que nos achavamos na fralda de um banco, cercados por numerosas

ilhas. As boas cartas hydrographicas da costa da China que levavamos deram-nos então exactamente a posição da corveta.

As boas cartas e um tempo claro são o melhor e mais seguro piloto pratico; mais de uma vez por ignorancia d'elles nos temos visto em perigo de naufragar, o que nos teria acontecido se n'elles absolutamente confiassemos; e foi por isso que fallando-nos o sr. ministro plenipotenciario sobre a necessidade de tomarmos um pratico do Japão, onde nunca tinhamos ido, lh'o rejeitámos immediatamente, poupando n'isso á fazenda nacional uma somma talvez de mil patacas; e tratámos sómente de obter cartas e roteiros, sendo muito erradas as que havia, como depois verificámos.

O tempo tinha aclarado, como já dissemos; e tendo tambem o vento rondado mais para o norte, fizemo-nos de véla e navegámos por entre esse grande numero de ilhas que limita a parte norte do archipelago de Chussan. Sobre a noite veiu outra vez o espesso nevoeiro, e ainda para resto das fadigas d'este dia tivemos que pôr em pratica uma nova audacia, investindo, sem nada vermos, por entre duas das ilhas dos Pescadores, canal com duas milhas sómente de largo.

Finalmente no dia seguinte achámo-nos no mar largo chamado *Amarello*, e dirigimos a proa da corveta para essa cordilheira de ilhas que nos ficava ao oriente, por nós os portuguezes ha mais de dois seculos não avistadas, que partem da ilha Formosa até ao Japão, que ficam mais ao norte do archipelago de Lou-Tchou, cordilheira que separa o mar Amarello do mar Pacifico, e que constitue possessões tributarias do Japão. A travessa para ellas era ainda tão larga como de Lisboa aos Açores.

Este nome de mar Amarello, que é o que banha a costa da China ao norte na ilha Formosa, separando a mesma

costa da Coréa, do Japão e dos archipelagos de Lou-Tchou e de Bonin, provém-lhe das grandes manchas ou nodoas amarellas que mostram as suas aguas na superficie.

Mandando recolher, e examinando algumas porções da agua d'estas manchas, reconhecemos que não podiam deixar de ser copiosas desovações de alguma especie de peixe miudo, porque se compunham de pequenos globos amarellos similhantes ao pó fecundante das flores. Já tinhamos feito esta observação em outros mares, especialmente no Atlantico, onde, aindaque mais raras, apparecem as mesmas manchas, ordinariamente entre os tropicos. Ha tambem em todos os mares outras manchas tambem amarelladas, mas mais escuras, as quaes se conhece procederem de um oleo excessivamente phosphorescente e que durante a noite produz uma luz igual á do enxofre inflammado, talvez porções accumuladas do oleo phosphorico que se têem encontrado na composição da agua do mar. A esta luz, que algumas vezes tem a intensidade necessaria para se poder ler com ella, chamam os nautas *ardentia;* e nas occasiões de temporal espalha-se em salpicos pelas enxarcias e vergas como fagulhas ou pirilampos.

Com uma briza do norte um pouco fresca fomos navegando pois para leste, em procura de uma passagem para o mar Pacifico, preferindo, se a podessemos alcançar, a de Colnet, que aconselhâmos aos navegadores, como a mais larga e desembaraçada de perigos das que existem proximas da extremidade meridional do Japão, por entre essa cordilheira de ilhas ao norte do archipelago de Lou-Tchou, em que já fallámos, passagem preferivel ao estreito de Van-Diémen, especialmente aos que, na latitude em que nos achavamos, quizerem passar do mar Amarello para o Pacifico, reinando ventos do norte para o nordeste.

A viagem da China para o Japão seria muito mais curta e facil se sómente fossemos procurar na costa occidental o

porto de Nagazaki, onde nós os portuguezes eramos admittidos, e d'onde por intrigas religiosas e rivalidades commerciaes fomos expulsos em fins do seculo XVI, ficando sómente os hollandezes gosando da licença de commerciarem com o Japão, submettendo-se, do mesmo modo que nos acontecia nos ultimos tempos, a duras restricções de tempo e de localidade, do que daremos noticia quando tratarmos das relações commerciaes do Japão com as nações estrangeiras. Dirigia-se porém o nosso rumo aos ultimos limites, quasi, d'este vasto imperio, á sua capital ou ao golfo de Yêdo, que fica na parte oriental, afastado o mais possivel de Nagazaki, e onde não ha noticia que em epocha alguma fossem navios portuguezes.

Aos 5 de julho, ao romper de um dia claro e sereno, démos vista da ilha pelos europeus chamada de S. Francisco Xavier, e pelos indigenas Hebi-Sima, bem como de muitas das suas companheiras d'esta cordilheira, que nos íam apparecendo, tanto pelo norte como pelo sul da passagem que procuravamos, com a qual nos achavamos em *obra aberta*, maritimamente fallando; e que transpozemos pela hora do meio dia, entrando conseguintemente no mar Pacifico; e continuámos a navegar diligenciando ganhar caminho para o nordeste, direcção das terras ou archipelago japonico.

Com brizas fracas e variaveis do nordeste até ao sueste e correntes favoraveis fomos navegando pois para o nordeste e avistando por vezes as montanhas das provincias japonezas; dando vista no dia 9 do notavel vulcão e montanha chamada pelos naturaes Fuzi-yama, ou montanha de fogo, o qual tendo mais de doze mil pés de altura sobre o nivel do mar, nos appareceu, a mais de vinte e cinco leguas de distancia, com a sua cabelleira de brilhante neve, que ferida pelos raios de sol parecia lava ardente que se ía entornando e apagando em roda da cratera, e derra-

mando-se pelos enormes lados d'aquella immensa e perfeita pyramide conica.

Este Fuzi-yama é o emblema principal do Japão, comprazendo-se os japonezes em pintar ou gravar esta montanha em muitas das suas obras de arte. Effectivamente ainda não tinhamos visto, em quasi todo o mundo que temos percorrido, uma montanha de tal consideração, tão bem contornada em pyramide, e levantada no centro de uma planicie de trezentas a quatrocentas leguas quadradas, que certamente deverá ter n'esta localidade a grande provincia ou ilha japoneza do Nipon. Infelizmente, para nós, o vulcão estava n'aquella epocha apagado, o que sempre nos tem acontecido ao passar por mais de dez ou doze vulcões que havemos tido á vista.

Contam as tradições do Japão que o Fuzi-yama, apesar da sua espantosa grandeza, fôra apenas obra de uma noite; e que em uma manhã, que não deveria ser muito bella, appareceu formado no meio d'aquella immensa planicie do Nipon. O phenomeno é verosimil em vista do solo vulcanico e dos grandes e repetidos terremotos que ha no Japão, dos quaes em outro logar daremos noticia.

No dia e noite de 10 de julho, deixando a bombordo, ou á esquerda, os cabos Idsu e Diamante, os ilhéus perigosos de Giving e o porto de Simoda; e a estibordo, ou á direita, as ilhas montanhosas Oho-sima, To-sima[1], Utoma e outras que se não viram, entrámos na garganta do grande golfo de Yêdo.

No dia 12 ao meio dia estavamos em frente da cidade de Kanagawa, nas proximidades da capital; e tendo ali obtido boas noticias do estado politico do Japão, partimos immediatamente para Yêdo, em frente da qual, a não pequena

[1] A palavra *sima* n'estas partes do Japão e cordilheira de ilhas do sul até ao archipelago de Lou-Tchou, é como a palavra *pulo* na Malasia, e significa ou quer dizer *ilha*.

distancia, por assim o exigir o pouco fundo do golfo, fundeámos no mesmo dia ás quatro horas da tarde em quatro braças de agua.

Por fortuna, diligencia e boa navegação vê-se pois que a corveta portugueza *D. João I*, apesar das suas pouco louvaveis qualidades nauticas, venceu em onze dias e meio as difficuldades de uma larga viagem por entre ilhas e escolhos mal collocados nas cartas hydrographicas da actualidade, sem piloto pratico do Japão e em mares muito pouco conhecidos e ha muito tempo não navegados pelos portuguezes. Com tal navio e em taes circumstancias, pondo de parte modestias, pois estamos habituados a vê-las muito fóra de moda por estrangeiros e nacionaes, declarâmos afoutamente que ninguem o faria melhor.

Temos lido narrações de viagens em que os casos mais simples das occorrencias nauticas, e até mesmo os erros, como taes reconhecidos pelos homens da especialidade, são contados como victorias, como jactancias de pericia; louvores por se terem evitado perigos que deviam ser previstos com antecedencia, e que só se venceram pelas boas qualidades do navio, ou pela bondade das machinas. Mal da corveta *D. João I*, e da maior parte dos navios de véla portuguezes até hoje empregados, com poucas excepções, se o

.... nunca louvarei
Capitão que diga não cuidei,

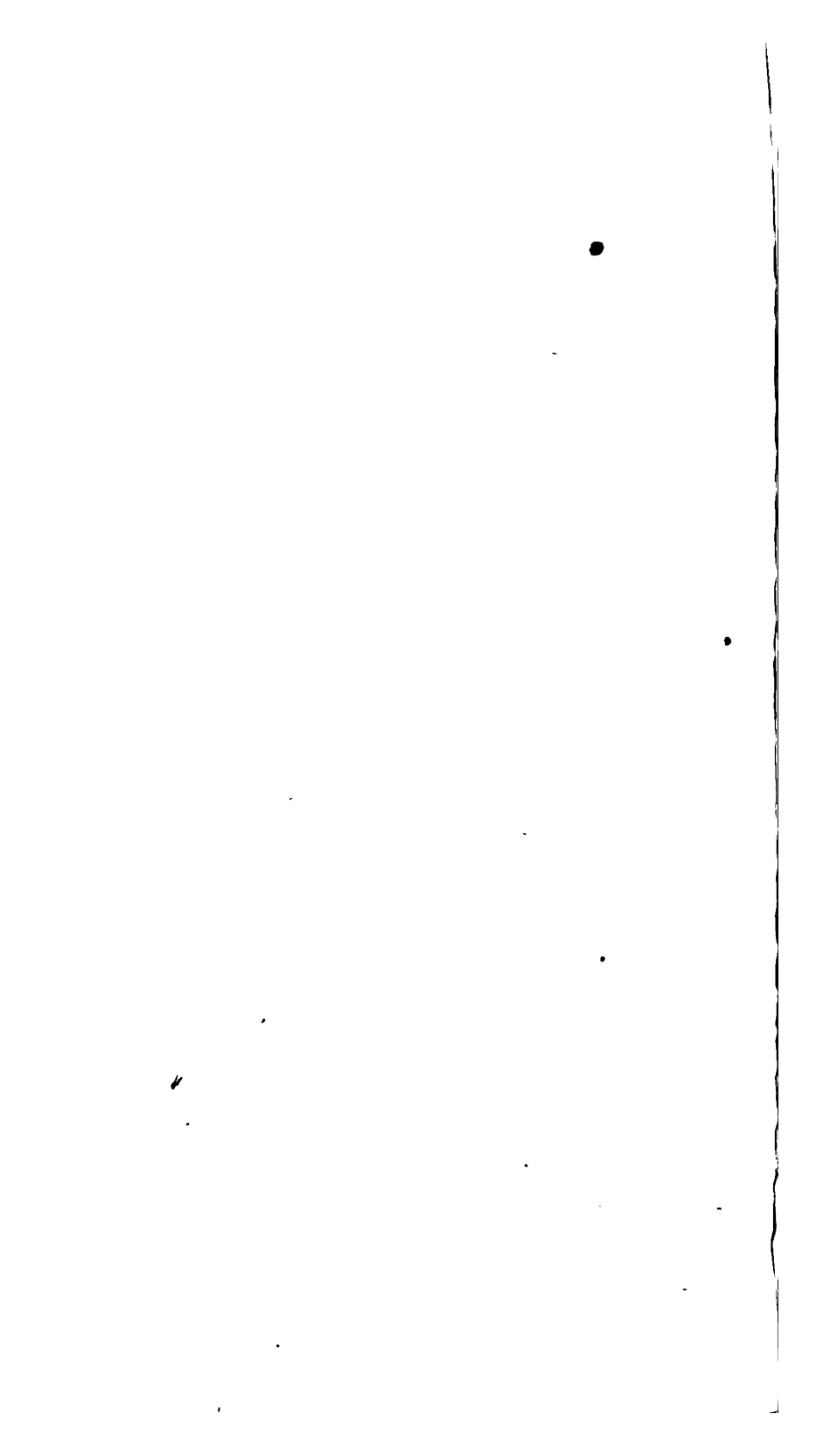
não andasse constantemente na lembrança e no proceder dos seus commandantes. A prova está na raridade dos naufragios dos nossos navios de guerra.

Dignos somos sem duvida de ter uma administração politica que bem conheça e dê incremento a esta natural predisposição dos portuguezes para a marinha; e que vendo com um oculo de melhor alcance qual póde vir a ser a sorte futura de Portugal, reconheça que a maneira de o engran-

decer e de lhe dar a consideração que já teve, quando Carlos V partilhava com elle a metade do mundo e lhe vinha pedir princezas para esposas, é promovendo o desenvolvimento e boa administração das suas ainda vastas colonias e o augmento da sua marinha de guerra, indispensavel instrumento de todo e qualquer systema colonial.

E voltando aos erros que em marinha algumas vezes commettem os subditos das nações estrangeiras mais abalisadas em navegação, contaremos um que por muito notavel nos tem feito sempre maior impressão, pois não é nada menos do que *um vapor*, saído havia poucas horas de um porto conhecido, varar ou passar alem das entradas de um mar tambem muito conhecido.

Foi em janeiro de 1850; íamos de passagem, *pagando*, em um vapor de guerra inglez da companhia das Indias; ao sol posto tinhamos saído de Aden, na Arabia, em dez horas de navegação deviamos ter chegado ás duas entradas do mar Vermelho, a Bab-el-mandeb; mas ás oito horas da manhã, quando viemos acima, conhecemos pela direcção da prôa que íamos navegando pela costa da Ethiopia abaixo; dissemo-lo, não fizeram caso; e só ao meio dia, quando observaram a latitude, é que conheceram o erro. Voltaram então para trás, e só proximo da noite é que entraram no mar Vermelho.

Se isto acontecesse a um portuguez, talvez dissessem que era natural; pois não nos consta que em taes circumstancias e navios jamais tenha acontecido isto a portuguez algum.

II

Noticia do golfo e cidade de Yêdo—Seus edificios—Negociações diplomaticas para o tratado de commercio—Tufão Entrega da carta regia—Partida para Kanagawa

O golfo de Yêdo é quasi tão vasto como um mar interior; para elle dá entrada um canal largo que toma o nome da cidade de Uraga, edificada no lado occidental do mesmo canal; abrindo depois para dentro seguidamente até Yêdo, onde o golfo não tem menos, ou perto, de vinte milhas de largura. Este golfo é o porto da capital do Japão.

Antes de entrar no canal de Uraga atravessa-se a já extensa e larga bahia de Wodowára, ou de Kawatsu, na bôca da qual fica a ilha de Oosima, dando livre e larga passagem por um ou outro lado da mesma ilha. O golfo ou porto de Yêdo começa a alargar passado o cabo Kamisaki, extremo norte do canal de Uraga, devendo-se n'esta parte mais apertada fugir quanto for possivel do lado oriental, d'onde sáe muito fóra o perigoso baixo de Saratóga.

A cidade de Kanagawa e o seu arrabalde de Yokubama ficam já perto de Yêdo, onde o golfo tem a sua maior largura.

O paiz em toda a parte occidental do golfo é muito agradavel á vista, e coberto muito a miudo de grandes povoações, não mostrando igual perspectiva o lado oriental, que pertence á grande peninsula de Ava, o qual é agreste e montanhoso até entrar no golfo, onde abaixa em margens e terrenos quasi ao nivel do mar.

O fundo é muito desigual, entre seis e dezoito braças, até chegar ao golfo ou a Yêdo, onde é tão esparcelado que a duas leguas de terra apenas se encontram quatro braças de agua em fundo de lodo muito solto.

A perspectiva da cidade de Yêdo, capital principal do Japão, onde reside a côrte do Taikum, ou imperador reinante, vista de perto ou de longe não tem nada de aprazivel, nem de admiravel; e não admitte mesmo comparação alguma com as cidades da Europa, nem com quaesquer outras do mundo christão. A sua vasta extensão de quatro a cinco leguas não lhe dá por isso rasão a dever conter uma correspondente população, não só pela grande largura das ruas, bem differente n'isso das cidades chinas, como tambem e essencialmente pela insignificancia da maior parte dos edificios, que ordinariamente não passam de barracas de madeira ao rez da rua, bem que cobertas com bem construidos telhados de grossas telhas. São sem duvida os frequentes terremotos que obrigam os habitantes a construir d'esta maneira. Em algumas partes porém as habitações dos nobres senhores, ou dâmios, nome que têem no paiz, elevam-se á altura de primeiros andares, solidificando-se até esta altura com grossas muralhas de cantaria, sem ou com raras aberturas de janellas na altura das lojas. Todo o desafogo e grandeza d'estas habitações dos nobres se manifesta para o lado interior, para onde tem espaçosos pateos cercados por edificios variados em construcção e divisões, onde habita toda a familia e vassallos d'estes mesmos nobres; a entrada para estas habita-

ções, que se assimilham a quarteis ou abarracamentos, é por uma ou duas portas fortes e curiosamente trabalhadas e marchetadas com chapas e grossos cravos de cobre.

As mais casas da cidade são todas barracas baixas, em que se vêem lojas de venda de diversos objectos, officinas de mesteres ou tavernas.

A cidade é dividida por extensos quarteirões, que podem, em algumas partes, ter uma milha talvez de face, e que contêem quintas ou jardins entremeados com as casas, o que faz ser muito fatigante o transito a pé. No centro da cidade ha dois recintos concentricos e fechados; o mais do centro é cercado de uma grossa e alta muralha de cantaria e de um largo fosso, ou grande canal de agua corrente, que vae desaguar no porto, por cima do qual se passa sobre pontes de madeira que podem considerar-se levadiças; é n'este recinto central que habita o imperador e a côrte, em edificios accumulados ao lado uns dos outros, como aquelles que ficam descriptos nas habitações dos nobres ou dâmios.

A cidade de Yêdo é geralmente muito cortada de canaes, ou rios de agua doce corrente, o que a faz ser muito abundante de aguas, apesar de ser quasi uma vasta planicie, porquanto não alcançam talvez a mais de cincoenta pés as suas maiores elevações.

As praças, postoque não regulares nem construidas de proposito, são largas e espaçosas.

Os edificios dos pagodes têem mais alguma altura, sem por isso deixarem de merecer o nome de barracões na parte que occupa o templo, ao qual ficam aggregadas muitas habitações baixas, que servem como de convento aos bonzos. O que ha de mais notavel nos pagodes são os magnificos jardins ou *parques*, no centro dos quaes ficam collocados, e os magestosos arcos, collocados nas lamedas que através dos jardins conduzem aos templos. Estes ar-

cos, sendo todos de madeira e cobertos com telhados de uma architectura curiosa e pesada, são muito notaveis pela singularidade da sua construcção, grande elevação e maravilhosa ligação dos grandes paus (ordinariamente só quatro) que os sustentam.

O grande e unico sino do pagode, similhante aos nossos mas sem badalo, é collocado em uma barraca baixa, e ali vem o bonzo leigo dar-lhe compassadas pancadas com um malho para chamar á oração.

As ruas da cidade são largas, como já dissemos, bem macadamisadas e policiadas por innumeraveis empregados de policia habitantes das mesmas ruas, que, munidos de uma alta vara de ferro com algumas argolas do mesmo metal na extremidade superior das mesmas, apparecem logo em qualquer ajuntamento ou falta de ordem, afastando-se immediatamente o povo ao ruido que fazem as argolas batendo nas hastes que as sustentam. As ruas que sáem para os arrabaldes, ou que os atravessam, são ordinariamente deliciosas estradas guarnecidas de sebes de verdura bem conservadas a um e outro lado, parecendo mais lamedas de um parque do que ruas do transito publico.

Feiissima é a parte da cidade que pega com o porto, ou litoral da mesma; não vimos um só cáes que mereça esse nome. Seja por arte, para defeza em caso de ataque do lado do mar, ou por natureza do terreno, a cidade é quasi geralmente elevada sobre o nivel medio das aguas do mar uns vinte pés pouco mais ou menos, formando uma rampa ingreme ou quasi a prumo, para a qual se sobe por escadas ou pranchadas de madeira que pertencem ás habitações particulares, que ficam assentes mesmo á borda d'aquella rampa.

As casas particulares, que, como dissemos, são abarracadas, elevam-se comtudo uns tres ou quatro pés do chão para as preservar da humidade. Uma varanda ou saliencia

de madeira, a coberto todavia dos telhados, cujas beiras são muito saídas fóra das casas, serve ordinariamente de communicação em roda dos quartos interiores; estes quartos são quasi geralmente divididos por paredes movediças feitas de pannos forrados de variados papeis pintados ou dourados, e seguros ou pregados nas extremidades em caixilhos de madeira; divididas as paredes em paineis do tecto ao chão, os quaes se movem correndo em calhas ou corrediças que ha pregadas no chão; podendo-se estes paineis sobrepôr uns sobre os outros, fazendo-se de muitos quartos um só; ou abrindo e fechando á vontade differentes portas de communicação, pois são para isso munidos de puxadores de metal á altura de mão. As paredes que deitam para os jardins e mesmo para as ruas são todavia um pouco mais solidas e construidas de tabuado até meia altura, e d'ahi para cima encaixilhadas como as nossas vidraças da Europa; mas em logar de vidros, que o paiz não fabrica, são estes ordinariamente substituidos por panno ou papel transparente.

As casas dos habitantes mais abastados e tambem as lojas de vendas são esteiradas com muito boas esteiras estofadas por baixo, em tiras largas, as quaes fazem um pisar muito suave, e que são conservadas em grande aceio pelos naturaes, que só as pisam em meias, porque descalçam os sapatos ao entrar em casa. Como não usam cadeiras e se sentam no chão, estas esteiras assim estofadas servem igualmente de *sofás*, e talvez tambem de camas, pois não damos noticia de lh'as ter visto. N'estas salas, ou quartos, ás vezes bem espaçosos e de tectos altos, assim esteirados e conservados no melhor aceio, não usam ordinariamente de moveis de qualidade alguma, comendo ou tomando chá em baixas e pequenas mesas de charão que vem com a comida para fóra, em roda das quaes se sentam no chão.

Bem se deixa ver que similhantes habitações pouca perspectiva de belleza poderão apresentar no exterior; mas não acontece outro tanto no interior, ou vistas do lado dos jardins, que ordinariamente têem, e para os quaes se desce por poucos degraus. Vistas d'ahi, por entre as arvores e flores, essas paredes meia rotas, essa varanda toda aberta que as cerca ordinariamente em roda, o aceio e o vistoso dos papeis pintados, tudo isto lhes dá um aspecto muito original e agradavel, certo caracter de *quioskes*, ou pavilhões, que as faz parecerem bellas e muito proprias para um clima quente. Como não estivemos no Japão na estação fria não sabemos se taes casas assim construidas serão capazes de bem resguardar os seus habitantes dos rigores do inverno, o que talvez assim aconteça, porque o papel com que todo o interior é forrado é pouco conductor, e talvez tambem que a latitude de Yêdo, que é, com pouca differença, a da nossa provincia do Algarve, não seja sujeita a uma temperatura excessivamente baixa.

Esta cidade, em caso de guerra, difficilmente poderá ser batida pelo lado do mar, pois tem tão pouco fundo o porto que a distancia do maior alcance de artilheria da praia apenas podem navegar escaleres ou barcos de fundo chato. Não obstante isso o governo do Japão fez ha poucos annos levantar sobre este baixo fundo, por meio de dispendiosos aterros, cinco espaçosos baluartes ou revelins, ilhados e destacados das margens da cidade a mais de meio alcance, separados uns dos outros e flanqueando-se reciprocamente, os quaes cobrem toda a frente da cidade; ainda não completamente guarnecidos podem, todavia, admittir um grande numero de bôcas de fogo, jogando á barbeta com fogos rasantes; obra que parece dirigida ou aconselhada por quem não era ignorante na arte da guerra moderna. Com taes baluartes e as difficuldades do pouco fundo póde repetir-se que a cidade de Yêdo, capital do Japão, se

os seus defensores tiverem valor e alguma pratica dos exercicios de artilheria, só mui difficilmente será tomada pelo lado do mar. Ha porém faceis desembarques em differentes praias que não ficam longe, e a cidade, fóra dos dois recintos em que já fallámos, é completamente aberta e nada defensavel pelo lado de terra.

A maneira bisonha com que n'esta capital do Japão são por emquanto tratados os estrangeiros, o que obriga o governo do paiz a dar-lhes guardas de officiaes de policia para os acompanhar, e até a cercar as habitações dos ministros estrangeiros com quem já tem tratados, quando elles ali residem, de corpos de guarda dos mesmos officiaes de policia, não permitte apresentar noticias mais circumstanciadas dos seus estabelecimentos, interior dos extensos edificios ou habitações dos grandes ou nobres, e da sua maneira intima de viver, guardando-nos para no seguinte capitulo fallarmos dos seus usos e costumes mais notaveis e ao alcance da observação dos estranhos.

No dia 13 de julho de 1860 desembarcou da corveta o sr. ministro plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima, acompanhado pelo pessoal da missão e por quasi todos os officiaes da mesma corveta, a qual n'esta occasião lhe salvou com vinte e um tiros; e foi hospedar-se para o pagode junto á beiramar, que servia de habitação, offerecido pelo governo japonez a mr. Alcok, ministro de Sua Magestade Britannica.

O nosso ministro preferiu ir hospedar-se onde estava este seu amigo, o ministro inglez, rejeitando um outro pagode que lhe fôra destinado para residencia pelo governo japonez. Vê-se que os pagodes no Japão são as unicas habitações de que o governo d'aquelle paiz póde dispor para receber hospedes de consideração, talvez por taes edificios terem mais capacidade.

Este que habitava o ministro inglez nem por isso era no-

tavel, pois não continha mais do que uma duzia dos taes quartos, ou casas moveis por meio das corrediças que já descrevemos, que só differem de biombos por chegarem quasi ao tecto. Pictoresca e agradavel era todavia esta habitação pelo lado interior, pois ficava no centro de um lindo parque, com vistoso bosque e jardim, e um bonito lago em frente dos quartos, alimentado por um ribeiro ou nascente de boa agua, pouco abundante n'esta estação, mas que mostrava dever sêr assás consideravel na epocha das chuvas. Uma fonte de excellente e fresquissima agua não faltava do lado opposto em frente do pagode. O resto d'este edificio era ainda occupado por alguns bonzos.

Uma extensa e larga lameda dava entrada desde a rua direita, que ficava ao correr da praia, até á entrada do pagode, passando-se, quasi a meio da lameda, por baixo de um d'esses magnificos arcos triumphaes de madeira que já descrevemos.

As conferencias com os negociadores do tratado por parte do governo do Japão, no numero dos quaes entrava o governador ou prefeito da capital, começaram logo poucos dias depois da chegada do sr. ministro portuguez.

O imperador de *facto* do Japão (sublinhâmos a palavra facto, porque no Japão ha dois imperadores, como adiante explicaremos) por nome o Taikum ou Taikum-Sama (Senhor Taikum) era a este tempo um menor; e pela regencia em nome d'elle tinha havido, havia pouco tempo, uma encarniçada e sanguinolenta luta, sendo assassinado um principe regente. Actualmente a regencia estava entregue a um conselho de ministros, dos quaes um sobresaía como presidente ou primeiro ministro. O imperador menor estava bem guardado, a ponto de ser invisivel aos estrangeiros e á maior parte ou á quasi totalidade dos seus proprios vassallos, pelo receio, provavelmente, de que o partido politico contrario o roubasse para se apossar da regencia.

Foi pois a regencia de ministros quem marcou o dia 19 de julho para receber em audiencia solemne o ministro de Portugal. N'esse dia, á 1 hora da tarde, partiu pois para essa audiencia o sr. ministro portuguez, com todo o pessóal da missão e o interprete da legação ingleza, o qual gostosamente se prestou a sê-lo tambem da portugueza, bem como o commandante e officiaes da corveta, tudo em grande uniforme; e cada um em seu *noriman* [1].

Em consequencia da nossa graduação foi-nos concedido n'esta audiencia e em todas as mais o logar immediato ao do sr. ministro plenipotenciario.

Chegados ao palacio do governo, que fica dentro do recinto mais central da cidade, onde habita a côrte, fomos recebidos pelo governador de Yêdo e por outros altos funccionarios, e conduzidos, através de bonitas e bem esteiradas salas, mas baixas de tecto e completamente desmobiladas, até uma onde havia postas em linha tantas cadeiras, e outras tantas pequenas mesas junto ás mesmas, quantos eramos nós todos que faziamos o acompanhamento da embaixada; e defronte da primeira banca e cadeira, que estava destinada ao ministro portuguez, uma outra banca e duas cadeiras onde se sentaram, depois de nos receberem de pé, dois ministros da regencia.

O governador de Yêdo tambem tinha um banco raso, onde se sentou; os mais, isto é, muitos officiaes de pala-

[1] O *noriman*, ou carruagem do Japão, muito similhante ao *dólim* de Bombaim, tem a fórma de um grande caixão, aberto pelos lados por meio de corrediças feitas de grades ou rotulas delicadamente trabalhadas. Um grande varal atravessa e segura por cima este caixão no seu maior comprimento, tudo primorosamente trabalhado, e acharoado nos mais ricos. O varal é suspenso aos hombros de quatro homens, dois atrás e dois adiante. O transitado, que entra pelas corrediças dos lados, vae sentado, ou deitado dentro, em fôfas almofadas.

cio e outras notabilidades, sentaram-se no chão sobre os calcanhares.

Em cima de cada uma das mesas que nos ficava defronte havia um traste similhante a uma escrevaninha, composto de dois cylindros de latão polido com suas tampas; em um havia tabaco de fumo picado e no outro fogo solapado coberto com uma camada de cal, ou de certa cinza ou pó branco que o conservava; dois pequenos cachimbos estavam ao lado.

Sentados uns e acocorados outros por ordem de suas graduações, o sr. ministro portuguez fez a sua exposição e declarações que foram traduzidas pelo nosso interprete em hollandez, que é o idioma de que os japonezes se servem nas suas relações com os europeus, e que o chefe dos interpretes japonezes ía traduzindo aos ministros, sempre de joelhos e arrastando-se de uns para outros individuos. Por esta maneira se estabeleceu uma conversa entre o sr. ministro portuguez e os ministros regentes do Japão, sobre os interesses commerciaes reciprocos que deviam resultar do tratado com Portugal, e sobre outros assumptos apropriados á negociação do mesmo tratado.

De quando em quando os ministros japonezes accendiam ou renovavam os seus cachimbos; e nós os portugueses, os que fumavam, accendiamos os nossos charutos de Manilha, que mais nos agradavam que os seus pequeninos cachimbos que levam sómente uma pitada de tabaco e que precisam ser reformados a miudo. De quando em quando, tambem, vinham saíndo de dentro nobres moços japonezes enfileirados como soldados, a um de frente, levantando na altura do peito taças de chá e pequenos cofres de bem lavrada madeira cheios de doces; tantos nobres moços como nós eramos, um para cada um. Chamâmos-lhe nobres moços, ou moços fidalgos, porque todos tinham espada e adaga, isto é, uma espada grande e outra mais pe-

quena á direita, mettidas ambas entre o cinto e o corpo, o que no Japão só é uso da nobreza. Todos os movimentos d'estes moços eram compassados e simultaneos, sem voz que os manobrasse, Entravam enfileirados até ao fim da linha das mesas, viravam-se todos ao mesmo tempo para ellas e para nós, collocavam em cima o que traziam, viravam-se depois todos ao mesmo tempo para a porta por onde tinham entrado, e retiravam-se em marcha compassada.

Entre os doces que nos trouxeram havia alguns que não eram desagradaveis ao nosso palladar, especialmente uns quadrados de geléa concentrada como grude amollecido e pouco doces. O chá porém que nos apresentaram, e que por mais vezes bebemos em casas japonezas, custava a differençar de pura agua morna, sendo todavia o chá do Japão tão superior como é ao da China, em planta ou folhas, já se sabe.

O sr. ministro portuguez findou a audiencia apresentando as suas credenciaes, e retirámo-nos na mesma ordem em que tinhamos entrado, despedindo-se de nós os ministros japonezes com muito agrado e apertos de mãos.

Poucos dias depois d'esta audiencia e apresentação de credenciaes é que principiaram as conferencias para a redacção do tratado, ao qual, bem que fosse quasi copiado pelo que o Japão tinha feito com a Inglaterra, queria o nosso ministro fazer algumas alterações que nos fossem favoraveis, essencialmente diminuindo os direitos de importação dos nossos vinhos no Japão, os quaes direitos tinham sido excessivamente estipulados no primeiro tratado com os Estados Unidos da America, e tambem no tratado com a Inglaterra, que se tinha modelado por aquelle; e bem encaminhadas íam as negociações do sr. ministro portuguez n'este sentido, se a imprudencia do ministro francez residente no Japão não viesse transtornar tudo, pois, que-

rendo para si a gloria de obter esta diminuição de direitos nos vinhos, invejoso talvez de que Portugal conseguisse mais do que as poderosas nações que com o Japão já tinham feito tratados, e sem combinar com os ministros da Inglaterra nem com o da Hollanda, ali residentes, principiou a dirigir notas ou officios ao governo japonez muito intempestivamente sobre este assumpto; sem attender que, qualquer modificação que conseguisse o sr. ministro portuguez sobre a importação das bebidas alcoolicas, revertia tambem a favor da França, em vista do artigo banal que hoje vae sempre mencionado em todos os tratados, igualando as concessões todas ás da nação mais favorecida. Tal procedimento do ministro francez fez com que o governo do Japão, ou os seus commissarios, assustados com tanta e tão extemporanea insistencia, nada concedessem, nem ao sr. ministro portuguez nem ao francez, sobre a pedida diminuição dos direitos das bebidas alcoolicas na importação no Japão, continuando a pagar 35 por cento *ad valorem*, como fôra estipulado no tratado com os Estados Unidos da America e nos da Inglaterra e Hollanda, paizes que não exportam vinhos.

Não garantimos a exactidão do que vamos contar, mas disse-se, ou constou, que os commissarios japonezes na presença das louvaveis exigencias do sr. ministro portuguez e das loucas, por intempestivas, do ministro francez, foram conferenciar com o ministro americano e aconselhar-se com elle; e que este, por amor da sua obra (pois o seu tratado foi o primeiro que modernamente se fez com o Japão, o qual tem servido de molde a todos os que se lhe seguiram), ou, talvez, para lisonjear ou beneficiar o Japão, lhe aconselhára que não concedessem modificação alguma, conselho que seguiram obstinadamente.

Emquanto estas cousas se passavam em terra a corveta *D. João I*, surta quasi a meio do grande golfo de Yêdo,

a tres leguas proximamente distante da cidade, nem por isso tinha mais do que tres ou quatro pés de agua debaixo da sua quilha, pois estava fundeada em menos de quatro braças, tal é o esparcelado d'aquelle fundo.

O tempo estava delicioso, claro e sereno. Todos os dias ás 9 horas da manhã vinham atracar com a corveta muitos barcos japonezes, carregados de refrescos; outros traziam preciosos charões, porcelanas e outras raridades do Japão para vender; e em rasão das poucas communicações que havia com a terra, consentimos que a bordo se estabelecesse um vistoso bazar, que ordinariamente durava só até ao meio dia, hora em que os vendedores se retiravam para terra, sempre acompanhados, na ida e na volta, por officiaes de policia e espiões do governo, acompanhamento ordinario de todo o funccionario publico do Japão.

No goso d'esta enganosa bondade do tempo estavamos porém guardados para soffrer, quando menos o esperavamos, um d'esses terriveis tufões que açoitam e desolam os mares e praias da China e do Japão, e que ordinariamente costumam destruir metade, pelo menos, dos navios que os soffrem sem estar ao abrigo de altas montanhas; tufões que, mesmo em terra, nas cidades do litoral, fazem voar como se fossem passaros as telhas dos telhados, que levantam os mesmos telhados, se as janellas não estiverem fechadas e trancadas, e que obstam ao transito pelas ruas.

O golfo de Yêdo é cercado de terras muito baixas por todos os lados e a grandes distancias.

Ás quatro horas da tarde do dia 27 de julho, dia que tinha estado lindo, bonançoso e claro, começaram os barometros a descer rapidamente e o vento a refrescar ao mesmo tempo pelo sueste, lado da bôca do golfo. A corveta tinha os seus mastaréus e vergas em cima; estavamos

a bordo como tinhamos ordinariamente por costume. Duvidosos ainda sobre se seria tufão hesitámos por algum tempo, mas ás cinco horas já não existia duvida, e a guarnição toda activa e diligente arreava vergas e todos os mastaréus, deixando o navio sómente em mastros reaes; esta custosa manobra levou até mais das seis horas; uma das mais possantes ancoras foi lançada ao mar, arreando-se a amarra da que existia até ao chicote e a da novamente lançada até mais de meia, ambas espertas por igual na direcção do vento.

Já era tempo. O tufão ás sete horas tinha chegado a uma violencia ainda por nós não experimentada em mais de trinta annos de serviço no mar. Os barometros tinham descido extraordinariamente. Os thermometros centigrados marcavam 26°. Difficilmente se podiam os homens segurar em pé. As vozes não se ouviam com o ruido do vento. O mar que batia na prôa com o arfar da corveta saltava acima do tombadilho ou castello de prôa, e espalhado em uma copiosa e grossa chuva cobria o navio todo sem escapar o tombadilho de ré. O navio dava horriveis esticões sobre as amarras, não obstante estar com tudo arreado e sómente em mastros reaes.

Toda esta furia de tempestade durou até ás onze horas da noite, occasião em que começou a serenar seguidamente até acalmar de todo. É sempre o costume n'estes furiosos tufões. N'esta occasião o prumo já não dava mais do que um pé de agua, proximamente, debaixo da quilha da corveta. Se o tufão durasse mais duas horas encalhavamos inevitavelmente; postoque, segundo observámos pela manhã, não tivessemos garrado mais do que uma milha para a terra. Se encalhassemos não nos julgariamos perdidos, todavia, porque o fundo era de lodo muito solto; mas haveria o grande trabalho de descarregar a corveta até da sua artilheria, o que, por falta de boas embarcações para

receber tudo, e pela circumstancia de ficarmos desarmados no centro do imperio japonez, de tão tristes recordações para nós os portuguezes, era sem duvida muito desagradavel.

Este tufão apresentou a singularidade de não saír nunca da direcção do sueste, o que não acontece nos mares da China, nos quaes percorre ou gira ás vezes por todo o horisonte. A atmosphera não tinha nuvens, mas estava muito encinzeirada.

No dia seguinte de madrugada suspendemos os dois ferros, e com uma aragem da terra fizemo-nos de véla para mais ao largo, e fomos fundear em cinco braças de fundo, a nove milhas, talvez, distantes da terra. Tinham-se içado todos os mastaréus e vergas ao seu logar, e a corveta ficou vistosa como d'antes e como costuma, pois como navio de véla é dos mais elegantes e airosos do seu genero.

Tendo acabado em terra as conferencias e traducções necessarias do tratado, assignou-se o mesmo, no dia 3 de agosto, pelo sr. ministro portuguez e pelos commissarios japonezes; a cuja solemnidade, que teve logar na sala do ministro de Sua Magestade Britannica, assistimos com quasi todos os officiaes da corveta em grande uniforme.

A corveta no porto festejou este acto com as costumadas salvas e embandeiramento em arco, içando e conservando pela primeira vez no tope de prôa a bandeira japoneza, que é branca com uma grande rodela encarnada no centro, a qual rodela tem por diametro um terço da altura da bandeira.

O tratado foi escripto em portuguez, japonez e hollandez, sendo esta ultima lingua a que no Japão serve para as relações com os europeus e americanos, talvez depois que o nosso idioma ficou esquecido.

Sua Magestade o senhor D. Pedro V tinha escripto, coom é costume n'estas negociações, uma carta ao imperador

do Japão; mas os ministros regentes havia muito que declinavam ou adiavam a audiencia do joven e menor imperador a todos os ministros estrangeiros residentes no Japão. O sr. ministro portuguez não podia exigir nem obter mais do que os outros debalde tinham até então solicitado. Não podia pois a carta de Sua Magestade Fidelissima ser entregue pessoalmente, mas sim pelo intermedio da regencia. O dia seguinte ao da assignatura do tratado foi o designado para esta solemnidade.

De bordo da corveta desembarcou conseguintemente no dia seguinte, 4 de agosto, uma guarda de honra de cincoenta praças dos marinheiros da armada, perfeitamente uniformisados e armados, com tres officiaes de fileira, guarda destinada a fazer as honras acompanhando a carta regia.

O prestito partiu de casa do ministro inglez, onde o nosso estava hospedado, era 1 hora da tarde. Ao *noriman* do sr. ministro portuguez seguia-se o do secretario da missão, que levava a carta de Sua Magestade, logo immediatamente a guarda de honra, a toque de cornetas em passo ordinario, após íamos nós e os officiaes da corveta, todos em grande uniforme, e o resto da missão, cada um em seu magnifico *noriman*; cercado e seguido tudo por varios officiaes japonezes, uns em *norimans* e outros a pé.

A carta regia foi entregue ao presidente ou primeiro ministro da regencia com as costumadas cerimonias e formalidades; a audiencia, similhante á primeira, foi todavia mais curta como por força de sua natureza o devia ser.

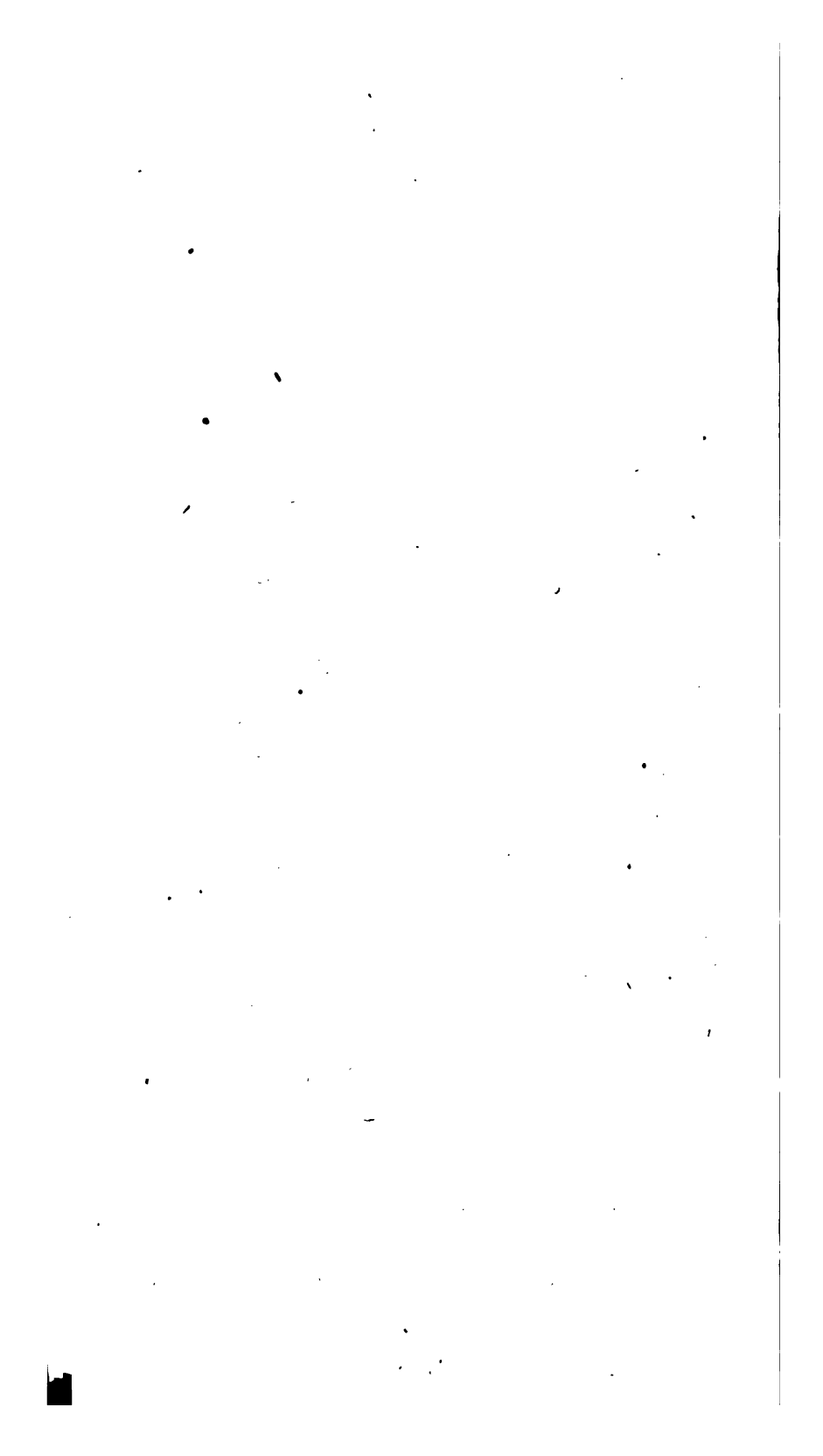
De casa de mr. Alcok, ministro de Sua Magestade Britannica, ao palacio do governo japonez havia a percorrer mais de cinco milhas, por baixo de um sol ardente e sem descanso algum. Não se tinha attendido ás nossas reflexões sobre a má escolha da hora, isto no Japão onde o governo e os funccionarios todos gostam de madrugar; não

admirou pois que ao chegar saíssem quatro homens fóra da fórma desfallecidos de cansaço, aos quaes os japonezes prestaram immediatamente *norimans* para regressarem.

Ás cinco horas da tarde tinhamos voltado ao domicilio de mr. Alcok. Atrás de nós mandou o governo japonez um lauto e variado jantar á sua moda e uso, todo servido em ricos vasos de charão; jantar que, depois de provado por nós em quasi todas as suas cobertas ou pratos, sem que algum nos podessemos resolver a comer, nem tão pouco os officiaes, pela singularidade das iguarias e desuso (nosso) dos temperos, foi entregue aos marinheiros da guarda de honra, que, com a sua costumada insensibilidade de paladar, tiveram animo de o devorar completamente, entregando os charões perfeitamente limpos depois de lavados no lago do jardim. N'este jantar havia certos pratos de peixe cru, outros de cristas de gallo e ratos guisados, não faltando certamente a carne de cão preto, que é muito estimada no Japão.

Ainda havia o crepusculo da tarde quando embarcámos todos para regressar á corveta, cantando os marinheiros em côro, nos escaleres, o hymno do Senhor D. Pedro V, largando pela ultima vez, provavelmente, as praias da cidade de Yêdo.

O sr. ministro portuguez não embarcou para a corveta, seguindo por terra para Kanagawa, a dezeseis milhas de distancia, onde estava a partir um vapor de guerra inglez que ía para Nagazaki por dentro dos estreitos e canaes, rebocando navios de véla.

No dia immediato, 5 de agosto, ao romper do dia, fizemos a corveta de véla, e fomos fundear ao meio dia em frente de Kanagawa, para nos refazermos de mantimentos e aguada.

III

A cidade de Kanagawa e o seu arrabalde de Yokuhama
Costumes e usos japonezes

Kanagawa é uma das cidades do Japão abertas ao commercio estrangeiro, que n'esta epocha só o eram tres; a saber: Nagazaki, na costa occidental, muito nossa conhecida na segunda metade do seculo XVI e principio do XVII, Hakodadi, ao norte do Japão, na ponta meridional da ilha de Yêzo, e esta de Kanagawa, que fica ao oriente, dentro do golfo de Yêdo, no fundo de uma não pequena bahia, onde, a menos de meia milha da terra, não se encontram menos de seis braças de muito bom fundo.

Não é porém propriamente em Kanagawa que se effectua todo o trafico ou commercio com os estrangeiros, mas sim em um arrabalde da mesma, chegado para a ponta mais meridional da bahia, chamado Yokuhama, e separado de Kanagawa por um pequeno riacho. Os consules das nações com quem o Japão tem celebrado tratados teimam em habitar mesmo em Kanagawa, com grande incommodo e perigo de suas pessoas; incommodo, porque têem que vir

quasi diariamente a Yokuhama, onde têem os seus escriptorios e feitorias, os que são negociantes, e perigo de suas pessoas, porque póde acontecer que um dia sejam todos assassinados, apesar do cuidado e guardas que lealmente lhes dedica o governo japonez, ao qual a opposição procura quanto póde comprometter com os estrangeiros.

Fallaremos d'esta opposição quando tratarmos do governo politico do Japão.

É pois em Yokuhama onde os estrangeiros andam á vontade, sem constrangimento nem receio algum, e sem serem acompanhados sempre, como o são em outras partes, por escoltas de empregados ou officiaes de policia armados; mas Yokuhama não é uma cidade, nem uma povoação propriamente dita, é uma feira fixa, é um bazar completo e officinas de mesteres. Aqui existe tambem a alfandega, e se faz a carga e descarga dos navios.

As ruas bem macadamisadas e, na maior parte, magestosamente largas são por um e outro lado guarnecidas de lojas e officinas, em barracas (já se sabe, pelo gosto japonez) pouco elevadas do chão, e tendo por cima a maior parte d'ellas uma especie de sotão ou sobreloja com pequenas janellas. A frente d'estas lojas é toda aberta sobre a rua e ali estão expostos em continuo bazar, n'umas preciosas e variadas obras de charão, em outras os variados tecidos de seda, ou as singulares porcelanas, ou as não menos singulares obras em cobre e em mosaico de metaes. Este bazar, esta feira permanente, cresce de dia para dia, o que bem se mostra pelas barracas em construcção e pela carestia dos terrenos.

Aqui não se vê a multidão de nobres ociosos, sempre armados com a grande e pequena espada, que enchia as ruas e as praças da capital; nem japonez algum se espanta, como lá, com a vista dos estrangeiros. Os logistas são trataveis e hospitaleiros; logoque se entra nas lojas

vem um rapaz offerecer uma chavenasinha de chá e um banco. Querem conversar, explicando-se o melhor que podem, e muitos d'elles já fallam alguma cousa o inglez.

Em geral o povo do Japão é docil, e parece disposto ao trato com os estrangeiros, apreciando muito os beneficios que lhe podem resultar do commercio; não é cioso das mulheres, as quaes entre o mesmo povo gosam de uma plena liberdade, da qual usam largamente, não sendo o pudor qualidade ou virtude que lhe mereça consideração, pois não é raro que appareçam á porta de suas casas com o mesmo vestuario que tinha a nossa mãe Eva quando appareceu pela primeira vez ao pae Adão.

Uma outra prova, alem de muitas que poderiamos apontar, da impudicicia do povo japonez, são os banhos, ou mais propriamente lavatorios publicos, de porta sempre aberta, nos quaes se lavam conjunctamente os dois sexos inteiramente despidos. E não se pense que os corpos estão mettidos na agua até ao pescoço; são grandes casas com os sobrados inclinados em escoante e com tanques ou ribeiros que passam ao lado, dos quaes os banhistas tiram vasos de agua que deitam por cima de si, havendo apenas um ligeiro gradeamento que separa os homens das mulheres.

Estes banhos ou lavatorios são muito frequentados pelo povo a toda a hora do dia, pois só de dia é que estão abertos, e reunem ás vezes mais de quarenta homens e mulheres.

Custaria a acreditar, e seria hypocrisia se não dissessemos que fomos uma vez pessoalmente vê-los; escusado será declarar para que lado da casa nos dirigimos; e bem longe da nossa presença e da dos homens que nos acompanhavam fazer impressão ou constrangimento, ou obrigar alguma das mulheres a tomar a posição da Venus de Medicis, nenhuma mudou de attitude, e em geral, ou se

mostraram indifferentes como se ninguem ali estivera, ou se riram da nossa curiosidade.

Se, como se vê, o pudor é desprezado pelo povo japonez, possue este porém outras virtudes que não devem deixar de ser mencionadas com louvor. Ou seja por indole propria, ou pelo rigor dos castigos, o roubo é muito raro no Japão, bem differente n'isto dos povos da China. São tambem dotados de tanto pundonor ou nobre orgulho que lhes repugna aceitar recompensas ou dadivas de qualquer estrangeiro. Se alguma cousa se offerecia aos officiaes da policia que nos acompanhavam, rejeitavam sempre, respondendo com bons modos que o seu governo pagava aos empregados que o serviam; e note-se que a designação de official não tem a significação que tem entre nós, salvo comparando-a aos nossos officiaes de diligencias judiciaes: persuadimo-nos comtudo que estes officiaes japonezes tinham certo privilegio de nobreza.

O povo do Japão é o mais aristocratico que se conhece, o que mais largamente se explicará quando tratarmos do seu governo politico.

Dos privilegios de nobreza só são exceptuados os commerciantes, os agricultores e os operarios; os mais todos são nobres, e como taes desde creanças usam ou trazem sempre á cinta duas espadas, uma maior do lado esquerdo e outra mais pequena como adaga do lado direito, mettidas ambas na cinta que lhes aperta as roupas talares ou cabaias, de pouca roda e compridas, que geralmente usam. Estas espadas são de uma finissima tempera, um pouco curvas e com punho comprido e proprio para se lhe poder pegar, querendo, com as mãos ambas, sem guarda-mão e só com uma pequena rodella que separa o punho da folha.

O japonez não cobre a cabeça; rapa á navalha metade do cabello do lado da frente, e do resto que fica, cres-

cido e atado, faz um rolo que puxa para cima da parte rapada, ficando-lhe na cabeça fazendo a vista da parte superior de um capacete antigo.

As cabaias compridas que usam são ordinariamente de côr escura, salvo em occasião de gala ou na côrte, e têem pegada uma especie de romeira que lhes cobre inteiramente os hombros.

A côr do luto é a cinzenta, e o paiz estava de luto pela morte do principe regente, que havia poucos mezes que tinha sido assassinado pelos sicarios da opposição.

As mulheres usam vestidos ou roupões abertos, com golas viradas como os chambres dos homens entre nós, sobrepostos uns a outros conforme o grau de temperatura, sendo mais curtos os de cima, e comprido a arrastar, nas mulheres nobres, o primeiro de baixo; todos com mangas largas e compridas até ao punho. Por baixo d'estes vestidos trazem uma saia. Não usam meias, e calçam alparcas; d'estas, as que levam á rua quando sáem a pé, muito se assimilham aos nossos tamancos.

São como as chinas muito escrupulosas no penteado e na limpeza do cabello, que têem preto e muito farto, e que penteiam adiante em rolo arregaçado para trás; enfeitando as fartas e lustrosas tranças na parte posterior da cabeça com flores, settas ou pequenas espadas doiradas atravessadas no cabello.

Os vestidos das mulheres nobres são de ricas e preciosas sedas de ramagens de cores e até bordados ricamente a oiro; cordões ou cintos lhes apertam a cintura.

Os japonezes são sanguinarios, não por fanatismo religioso, pois são pouco afferrados ás suas crenças, mas sim por fanatismo politico e rivalidades pessoaes e das familias nobres umas com as outras. Talvez possamos concluir das relações antigas dos portuguezes com o Ja-

pão, das quaes trataremos na parte segunda, que os muitos martyrios e execuções que tiveram logar contra os christãos no seculo XVI houveram mais por motivo o receio de se poder attentar contra a sua independencia e costumes, e as intrigas das ordens religiosas christãs, e dos hollandezes e inglezes, do que o rancor ou fanatismo religioso, e sobre tudo as intrigas entre os jesuitas e os franciscanos; o que bem se deixa ver em muitos auctores antigos, especialmente no *Oriente conquistado,* na conquista IV do tomo II. Que são sanguinarios pois é defeito de que não poderam até hoje ser absolvidos; sanguinarios com os estrangeiros, e tambem uns com os outros, e até comsigo mesmo. O suicidio é entre elles frequente e é considerado como uma virtude heroica; o seu modo ordinario e mais nobre de se suicidarem é abrindo o ventre com dois golpes de espada em cruz; e têem muito orgulho em saberem dar-se estes golpes com elegancia.

O japonez não joga nunca, e tem horror a toda a qualidade de jogo, bem differente tambem n'isso dos chinas, os quaes até vendem e fazem negocio jogando e apostando.

São na physionomia muito mais bem parecidos que os chinas e com muito menos traços da raça tartara.

A côr da pelle é muito varia entre elles, desde a côr de cobre até ao branco rosado como os europeus, sendo porém poucos os individuos d'esta ultima especie. As mulheres não são mal parecidas, e muito melhores de rosto do que as chinas; e postoque não vimos nenhuma que merecesse a classificação de bella, segundo o nosso entender, havia ou vimos todavia algumas que mereciam bem a vulgar designação de boas mulheres.

Uma cousa notavel tambem entre elles, é a pouca differença que têem uns para os outros em altura; quasi todos são de estatura mediana.

E para remate do que poderiamos dizer sobre os usos, costumes e indole dos japonezes copiaremos parte de uma carta que S. Francisco Xavier escrevia ao collegio de S. Paulo de Goa, da companhia de Jesus, e que extrahimos do *Oriente conquistado,* indole e costumes que nada têem mudado até hoje:

«De Japão, pela experiencia que da terra temos, vos faço saber o que della temos alcançado. Primeiramente a gente que athe agora temos conversado, he a melhor, que athe agora está descoberta: & me parece que entre gente infiel não se achará outra que ganhe aos Japões. He gente de muy boa conversação, & geralmente boa, & não maliciosa, gente de honra muito á maravilha: estimão mais a honra que nenhuma outra cousa. He gente pobre em geral, & a pobreza entre os fidalgos, e os que o não são, não se tem por afronta. Tem huma cousa, que nenhũa das partes dos christãos me parece que tem; & vem a ser, que os fidalgos por muyta riqueza que tenhão, tanta honra fazem ao fidalgo muy pobre, quanta lhe farião se fosse rico, & por nenhum preço casaria hum fidalgo muy pobre com outra casta que não he fidalga, ainda que lhe dessem muytas riquezas: & isto fazem por lhes parecer, que perdem de sua honra casando com casta bayxa, de maneyra, que mais estimão a honra que as riquezas. He gente de muitas cortezias huns com outros, estimão muyto as armas, & confião muyto nellas, sempre trazem espadas & punhais, & isto todos, assim fidalgos, como gente bayxa: de idade de quatorze annos trazem já espada & punhal.

«He gente que não soffre injurias nenhumas, nem palavras ditas com desprezo: a gente que não he fidalga, faz muyta honra aos fidalgos, & todos os fidalgos, se prezão muito de servir ao senhor da terra, & lhe são muy sujeitos, & isto me parece que fazem, por lhe parecer que, fazendo o contrario perdem de sua honra, mais que pelo castigo,

que do senhor receberião, se o contrario fizessem. He gente sobria no comer, se bem no beber são algum tanto largos, & bebem vinho de arroz, porque não ha vinhas n'estas partes. São homens que nunca jogão, porque lhes parece que he grande deshonra, pois os que jogão desejão o que não he seu, & dahi podem vir a ser ladrões. Jurão pouco, & quando jurão he pelo Sol. Muyta parte da gente sabe ler, & escrever, que he hũ grande meyo para com brevidade aprender as orações, & as cousas de Deos. Não tem mais de uma mulher. He terra onde ha poucos ladrões, & isto pela muita justiça que fazem nos que achão que o são, por que a nenhum dão vida: aborrecem muyto em grande maneyra este vicio de furtar. He gente de muy boa vontade, muy conversavel, & desejosa de saber: folgão muyto de ouvir cousas de Deos, principalmente quando as entendem. De quantas terras tenho visto em minha vida, assim dos que são christãos como dos que o não são, nunca vi gente tão fiel ácerca de furtar. Não adorão idolos em figuras de brutos animaes: crem os mais delles em homens antigos, os quaes segundo o tempo passado erão homens que vivião como filosophos. Muytos delles adorão o Sol, & outros a Lua. Folgão de ouvir cousas conformes á razão, & dado que haja vicios, & peccados entre elles, quando lhe dão razões, mostrando que o que elles fazem he mal feyto, lhes parece bem o que a razão defende. Menos peccados acho nos seculares, & mais obedientes os vejo á razão, do que são os que elles aqui tem por pays, que elles chamão Bonzos, os quaes são inclinados aos peccados, que a natureza aborrece, & elles o confessão, & não o negão, & he tam publico, & manifesto a todos assim homens como mulheres, pequenos, & grandes, que por estar em muyto costume o não estranhão, nem aborrecem, & folgão muyto os que não são Bonzos de nos ouvir reprehender aquelle abominavel peccado, parecendo-lhe que

temos muyta razão em dizer quam máos são, & quanto a Deos offendem os que tal peccado fazem. Muytas vezes dizem aos Bonzos que não fação peccados tão feyos, & elles tomão por graça o que lhe dizemos, & disso se riem, & nenhũa vergonha tem de ouvir reprehensões de peccados tam feyos. Está este peccado tanto em costume que ainda que a todos pareça mal, o não estranhão. Ha entre Bonzos huns, que se tratão á maneira de frades, os quaes andão vestidos de habitos pardos, todos rapados, que parecem que cada tres ou quatro dias se rapão, assim toda a cabeça, como a barba: estes vivem muy largos, tem freyras da mesma ordem, & vivem com ellas juntamente, & quando alguma destas monjas se sente pejada, toma mezinha com que logo lança a creança, & isto he muy publico, & a mim me parece, segundo o que tenho visto neste mosteyro de frades, & monjas, que o povo tem muyta razão na má opinião que dellas tem concebido. Estes frades... & &.» [1]

Do mesmo *Oriente conquistado* copiaremos tambem sobre os mesmos costumes dos japonezes o que o padre Alexandre Valignano, da mesma companhia de Jesus, escrevia de Cochim para o seu geral em Roma no anno de 1583.

« Os Japões são diversos dos costumes das mais nações, que parece andárão estudando em como se havião desviar de todas: & athe nos sentidos naturaes nos são tão contrarios que aborrecem e desprezão aquillo de que nós mais gostamos; & pelo contrario, o que elles muito estimão, nós o não podemos meter na boca. A côr branca, que entre nós he alegre, & festiva, entre elles he luto, & tristeza, & folgão muito com o preto, & morado. As nossas musicas de vozes, & instrumentos lhes ferem as orelhas, & gostão summamente das suas muzicas, que realmente nos ator-

[1] *Oriente conquistado*, parte I, conquista IV, divisão I, § 15.º

mentam os ouvidos. Não podem soffrer o cheyro do incenso, beyjoim, & outras cousas similhantes. Nós por cortezia tiramos o chapéo, e nos levantamos em pé: elles pelo contrario lanção fóra as chinelas, & sentão-se: & receber os hospedes em pé seria summa descortezia. Nós folgamos de ter os cabellos louros, & os dentes brancos, elles os tingem de preto. Nós cavalgamos com o pé esquerdo, elles com o direyto. Põem as trempes no fogo com os pes para cima, & o circulo para bayxo. Julgão por cousa pestilencial aos enfermos gallinhas, frangos, doces, & quasi tudo o que nós lhe damos: & dão-lhes por cousa proveitosa peixe salgado, & fresco, limos, caramujos & outras cousas amargosas, & salgadas: & achão por experiencia, que lhes fazem proveyto. Nunca tirão sangue, & as purgas que dão, são todas muy cheyrosas, & suaves, no que nos levam muita vantagem, sendo as nossas mui asquerosas, & pestilenciaes. As mulheres antes de conceberem andão muy largas de cinto, & desabafadas, & quando concebem se apertão tão fortemente com huma cinta, que parece que querem rebentar; de sorte, que estando já para parir mostrão menos barriga, & fazem menos vulto do que antes de conceber: & se não andão assim apertadas, não tem bom successo nos seus partos.

«Quanto ao vestir, & comer, são tão particulares, que não se pode dar a entender o que nisto passa; porque sendo o seu modo de vestir muy polido, & limpo, nada se parece com o nosso: & muito menos se pode entender a politica das suas mesas; porque guardando em tudo muyta limpeza, gravidade, nenhuma similhança tem com as nossas: & as iguarias são taes, & guizadas por tal arte, que nada se conformão com as da Europa, nem quanto a substancia, nem quanto ao sabor. Emfim tudo he de sorte, que athe hum homem se costumar aos seus comeres, passa muito trabalho, & molestia: & não se padece menos no modo de

assentar; porque se sentão sobre os pés com os joelhos no chão, couza que para elles he descanço, & para nós mortificação athe nos costumarmos com o tempo. Fazem pouca conta das nossas joyas, & pedraria, & por huma panela ou boyão de barro para o uso do seu cha, se feita por algum insigne official antigo, darão muitos mil cruzados, sendo a nosso respeito cousas de riso, & de nenhum valor. ElRei de Bungo me mostrou hum boyão muy pequeno de barro, que realmente entre nós só poderia servir para se metter com agua em alguma gayola de passarinhos, o qual elle mesmo comprou por nove mil taéis de prata, que são perto de quatorze mil cruzados, & na verdade eu não dera por elle tres réis [1].»

Nós não tivemos tempo para entrar *em todas as minuciosas indagações* a que se deram os reverendos padres jesuitas, mas tudo que podémos notar conforma-se exactamente com estes usos e costumes; nem mudança alguma se póde esperar dos povos da Asia, que nunca conheceram esse idolo chamado Moda, a que nós os europeus e suas raças prestâmos tão respeitoso culto; vestem hoje como vestiam ha muitos seculos, o que se prova pelas antigas pinturas; e fazem hoje o mesmo que faziam talvez ha milhares de annos. Quando, ha mais de tres seculos, nós fomos pela primeira vez á China e depois ao Japão, já n'aquellas partes os habitantes comiam com dois pausinhos como comem hoje; nós então comiamos com a mão.

Estes pausinhos, que servem de talher na China e no Japão, merecem talvez ser descriptos. São da grossura das varetas de espingarda, de pouco mais de palmo de comprido, de marfim os mais decentes e os outros de pau, redondos do meio para baixo e de quatro faces para cima.

[1] *Oriente conquistado*, parte II, conquista IV, divisão II, § 69.

Manejam-se ambos entre os dedos da mão direita, com tal geito, filho do habito, que com elles, em fórma de tenaz, entalam e levam á bôca até cousas um tanto pesadas. Muitos chinas que, vivendo em nossa companhia desde creanças, têem garfos e facas á sua disposição, não os usam e preferem os seus pausinhos. Não ha nada mais perseverante e tenaz do que os usos e costumes dos asiaticos! Os portuguezes filhos de Macau são tambem muito peritos em comer com estes pausinhos.

IV

Descripção geographica do imperio do Japão—Noções historicas Seu governo politico—Grande poder e intrigas da sua aristocracia, na qual reside a força militar do imperio—Pouca segurança dos estrangeiros na capital.

A parte mais consideravel do imperio do Japão compõe-se de tres grandes ilhas, tão ligadas entre si que parece formarem um só grande todo, que se estende nordeste-sudoeste; tendo no seu maior comprimento em linha recta 280 leguas maritimas, e 70 na sua maior largura, entre as latitudes de 29° a 47° norte e as longitudes 135° a 157° ao oriente de Lisboa.

Este apparente todo compõe-se da grande ilha ou terra de Nipon, que comprehende a parte mais consideravel do norte e estende um braço de terra para o lado de oeste, o qual cobre pelo norte e abraça as duas outras partes ou ilhas de Kiusiu e Sikók.

Alem d'esta consideravel parte do Japão possue o mesmo imperio a grande ilha de Yêzo, que fica ao norte, separada pelo estreito de Tsugar, as Kuriles, das quaes uma parte pertence á Russia, e um grande numero de pequenas ilhas, que lhe ficam proximas, tanto pelo lado do orien-

te, ou mar Pacifico, como pelo lado do sul e do occidente, ou mar do Japão; algumas d'estas ultimas são assás consideraveis e muito povoadas, taes como Sado, Goto, Amacuza, Firando e outras.

Muitas cidades consideraveis tem o Japão, como são: Yêdo, Miako, Osaka, Kanagawá, Simoda, Toyoama e outras muitas no Nipon; Nagazaki, Amacuza, Kagosima, Saga, Finai ou Fucheo e outras na ilha de Kiusiu; e algumas menos consideraveis na ilha de Sikók. As mais populosas são Yêdo, capital, que se reputa ter 1.500:000 habitantes; e Miako, antiga capital e ainda hoje residencia do Mikado, ou descendente dos antigos imperadores, a qual se suppõe conter 600:000 habitantes.

Todas estas cidades são porém muito maiores em extensão do que seria necessario para conter a sua população, por causa da largura das ruas, grandeza dos parques e jardins e pouca altura dos predios.

Apesar do Japão poder dizer-se um composto de ilhas são todavia bastantemente notaveis alguns dos seus rios na ilha ou parte mais consideravel chamada Nipon, taes como o Todo-gawa ou Tenrio-gawa, que tem muitos braços e canaes, havendo alguns saída para o mar Pacifico, ao norte do golfo de Yêdo; o Ara-gawa, que se enlaça com o Todo-gawa por differentes canaes e braços; o Tone-gawa, que junta as aguas de differentes pequenos rios e se liga tambem por meio de canaes com o Todo-gawa, dividindo-se em dois braços, dos quaes um desagua no lago Kasmiga-oura e o outro no golfo de Yêdo, formando este e os que ficam ditos consideraveis deltas ao norte da capital: este lago Kasmiga-oura tem uma larga e extensa saída para o oceano Pacifico, ao norte do golfo de Yêdo; o Sinano-gawa, cujas aguas, depois de correrem por largo campo ao norte vão saír por muitas bôcas na costa noroeste do Nipon, formando muitos deltas defronte da ilha

Sado, no mar do Japão, e reunindo as suas aguas com as do rio Su-gawa, tambem assás consideravel; o Figami-gawa, que desagua emfrente da ilha Figami, na costa do nordeste; e outros muitos de menos consideração.

Todos estes rios consideraveis ficam no Nipon, como já dissemos. São muito pouco notaveis, segundo nos consta, os das ilhas Kiusiu e Sikók.

Tudo que podémos avistar das costas e interior das terras da parte principal do Japão nos pareceu assás montanhoso, se exceptuarmos as proximidades a grande distancia da sua capital Yêdo, sendo porém estas montanhas de mediana altura, entre dois e seis mil pés sobre o nivel do mar, as das costas.

Ha porém no interior outras mais elevadas, distinguindo-se sobre todas o grande vulcão Fuzi-yama que tem doze mil e tantos pés de altura sobre o nivel do mar. Fica esta montanha collocada no centro do Nipon, ao occidente e na mesma latitude proximamente da capital Yêdo; tem tido notaveis erupções, uma das quaes suppomos que fôra a que menciona, no anno de 1596 o P.e Crasset na *Historia da igreja do Japão.*

Este Fuzi-yama é o idolo, terrivel talvez, dos japonezes, que o copiam muito vulgarmente, como já dissemos, nos seus charões e porcelanas; é regularmente pyramidal e, apesar de ficar muito no interior das terras, avista-se do mar a grandes distancias; tendo mesmo na maior força do estio uma magestosa cabelleira de neve.

Já dissemos que as tradições do Japão contam que uma tão notavel montanha fôra obra de uma só noite, e que, na presença de um grande terremoto, apparecêra formada no dia seguinte. Effectivamente os terremotos no Japão são tão triviaes e terriveis, que ainda não ha muitos annos, uma fragata russiana, achando-se ancorada no porto de Simoda, em dez braças proximamente de fundo, viu, por

duas vezes, na presença de um terremoto, baixarem repentinamente as aguas do porto até apparecerem as ancoras que estavam no fundo; o que fez com que a mesma fragata se perdesse com as grandes pancadas que deu, abrindo de modo que foi preciso reboca-la logo para terra até encalhar para salvar a guarnição.

Poucos paizes haverá que reunam um tão grande numero de bons portos de mar como o Japão; e, não fazendo mais cabedal do que o pouco que merece o de Yêdo, sua capital, o qual pela sua vastissima extensão (vinte milhas proximamente de largo), desabrido por consequencia, e tambem por ser cercado de terra baixas, e pelo seu pouco fundo, se torna, por todas essas circumstancias, e por ser sujeito a violentos tufões, pouco digno de elogios, notaremos em resumo os excellentes portos de Nagazaki, de Amakuza de Oumura, de Kagosima, de Fucheo ou Finode, de Ozaka e de Simoda; alem de uma immensidade de outros que seria difficil enumerar, especialmente dos que ficam nos extensos canaes navegaveis, ou separações sinuosas e pouco distantes que resultam da quasi união das tres grandes ilhas de Nipon, Kiusiu e Sikok; e um grande numer de magnificas bahias, tão seguras e abrigadas quasi como portos, taes como Hakodade, no extremo meridional da ilha Yêzo, a de Yokuhama, ambas estas abertas já hoje, juntamente com o porto de Nagazaki, ao commercio estrangeiro, e outras muitas; sem deixar de mencionar por gratidão aquella em que a corveta *D. João I* esteve surta quatro dias, em sete braças de fundo, muito dentro das pontas da terra, esperando ensejo de vento para saír do canal de Uraga; á qual, por não se fazer d'ella menção nas cartas inglezas, nem nas americanas publicadas até hoje, lhe pozemos o nome, pelo qual estimaremos que fique sendo conhecida, de *bahia portugueza*. Quando tratarmos do regresso da corveta daremos noticia exacta da posição d'esta bahia.

A população do imperio do Japão é ainda mais difficil de saber ou de conhecer que a do imperio da China, essencialmente pelas rasões obvias do pouco trato que este paiz tem até hoje tido com as nações da Europa e da America, e pelo pouco credito que, a meu ver, se deve dar ás estatisticas indigenas; consultando porém as noticias verbaes ou escriptas que pude obter mais dignas de credito, a população de todo o imperio, incluindo as ilhas mais ou menos povoadas, mas notavelmente grandes que possue, como são a de Yêzo, parte das Kuriles e das Tarrakais, nas quaes a Russia domina na parte mais boreal, a Tane-gasima, Sado, Oki, Firando e Gôto, não póde ser avaliada em menos de 50.000:000 habitantes approximadamente.

O governo politico do Japão deve-se-lhe propriamente chamar *monarchico-aristocratico,* bem que os seus chefes tomem e recebam o titulo de imperadores.

Ha verdadeiramente no Japão dois imperadores; o que chamam o Taykum é o chefe do executivo, aquelle que realmente impera, e que reside ordinariamente, ou tem a sua côrte e ministros em Yêdo, o qual por ser hoje menor é tutelado por uma regencia; o outro, a que chamam o Mikado, reside em Meako. Diz-se ser este ultimo o descendente dos antigos imperadores, mas não governa; tem todavia certas attribuições ou privilegios, como o de conceder graças e outros.

Agora extractaremos o que diz o dr. Hawks na sua *Narrativa sobre a geographia, historia e governo politico do Japão.*

Marco Paolo, voltando a Veneza em 1295, foi o primeiro, depois de suas largas viagens pela Asia, que deu noticia da existencia de uma grande ilha ao oriente do Catay (China), a qual disse chamar-se *Zipangu,* ou Cipango, corrupção de Nipon, que é a ilha maior e principal do imperio japonez. Marco Paolo não tinha lá ido.

Parece que nem os gregos nem os romanos tiveram noticia de similhante imperio.

Os japonezes chamam á sua terra *Dai-Nipon*, que quer dizer grande Nipon; e parece que a etymologia da palavra vem das duas *nitsu*, «o sol» e *pon* ou *fon* «origem», o que, segundo as abreviaturas japonezas, faz Nipon ou Nifon, que significa «terra do sol», ou do oriente; e como os chinas lhe chamam *Jih-pun-koue*, isto é, reino do Jihpun, ou reino do oriente, d'ahi vieram *Nipon*, *Jih-pun*, *Japão*.

O reino ou imperio do Japão compõe-se de um grande numero de ilhas, que dizem chegar a 3:850, estendidas por toda a costa oriental da Asia desde 138° até 155° de longitude ao oriente de Lisboa e entre 31° e 46° de latitude norte.

Divide-se o imperio em Japão propriamente dito, e em ilhas dependentes, sendo a primeira divisão composta das tres grandes ilhas Kiusiu, Sikok e Nipon, que juntas fazem uma superficie de 160:000 milhas quadradas proximamente, e das muitas mais ilhas que nos são conhecidas.

Yêdo, na ilha de Nipon, é a capital de todo o imperio.

A ilha de Yêzo, que fica ao norte da de Nipon, é assás consideravel, mas muito pouco conhecida. O capitão Golownin, da marinha russa, que esteve dois annos prisioneiro em Matsmai, pôde fugir, e alguma cousa escreveu sobre os usos dos habitantes e cousas notaveis d'aquella ilha. N'esta ilha fica a cidade de Hakodade, aberta ao commercio das nações com que ha tratados.

Ás duas ilhas Kiusiu e Sikok ficam abraçadas ou como encravadas na grande ilha Nipon, no seu extremo do sudoeste, deixando entre si varios canaes ou estreitos navegaveis para todas as embarcações.

A estructura geral das ilhas do Japão é assás montanhosa ou de grandes elevações, sendo a mais notavel das mon-

tanhas a que fica ao occidente da capital Yêdo, a qual tem de altura doze mil pés; tem o seu cume constantemente coberto de neve e é um vulcão que por vezes tem tido notaveis erupções; chamam-lhe os japonezes *Fuzi-iamma*, ou montanha de fogo.

Todas estas montanhas parecem ser de origem vulcanica; e ficando as mais notaveis no interior do paiz, deixam em muitas partes, desde a sua base até ás costas do mar, extensas e ferteis planicies regadas por muitos rios, que pela rapidez do seu curso bem deixam conhecer que têem as suas fontes em alturas muito elevadas.

O clima do Japão é muito vario. Na parte mais do norte póde-se comparar com o da Inglaterra. Alguns invernos são notavelmente brandos, sendo poucos os dias em que ha neve ou geada. O calor no verão chega em alguns dias a 98° de Fahrenheit em Nagazaki, o que parecendo excessivo é todavia moderado pela brisa que predomina durante o dia do lado do sul, chamando-se á noite para leste. O *Satkasi*, ou estação das chuvas, é em junho e julho; e n'esta estação ha annos em que chove com muita abundancia.

O lado ou parte do Japão que fica virado para o oceano Pacifico é o mais terrivel no inverno e sujeito a nevoeiros, trovoadas e tempestades, a ponto de serem algumas vezes destruidas povoações consideraveis. Kœmpfer diz que os violentos aguaceiros são muito frequentes nos mares que cercam o Japão.

ORIGEM DOS HABITANTES

Alguns auctores que têem escripto que o Japão foi colonia china julgaram mui superficialmente, porque a linguagem e physionomia dos dois povos é bastante differente, bem que haja muitas palavras de nomes de objectos in-

troduzidos pelos chinas, o que tambem se dá com algumas perfeitamente portuguezas, devendo-se ter tambem em consideração que a lingua china mandarim é uma especie do nosso latim ou um dialecto universal n'aquelles extremos da Asia, o qual faz parte de uma boa educação. No Japão notam-se tres dialectos; a saber: o de *yomi*, que é o puro japonez, sem mistura alguma de phrases chinas, o qual serve para as poesias e litteratura romantica ou ligeira; o *koye*, no qual os bonzos escrevem as obras ou livros religiosos; e o terceiro, que é uma mistura dos dois, que serve como linguagem vulgar em todo o imperio.

São pois diversas as opiniões sobre a origem do povo japonez. Kœmpfer pretende que provém de colonias das planicies de Shinar (Syria?), que atravessaram a Mesopotamia, e que vindo pelas margens do Caspio através das Tartarias desceram pelo rio Amor, povoando a Coréa e esta porção mais oriental da Asia. Esta opinião parece-nos um tanto arriscada por vir de tão longe, e julgâmos, que, vistoque os japonezes, em sua physionomia e idioma primitivo, não se assimilham aos povos meridionaes da Asia, é mais natural que a sua origem provenha de alguma das Tartarias, e mais provavelmente da Mongolia, o que se conforma com a opinião de Siebold.

GOVERNO

O Japão apresenta a singularidade de ter ao mesmo tempo dois chefes ou imperadores, um secular e outro ecclesiastico; ou mais propriamente um de facto e outro de direito. Esta existencia de dois chefes não provém de um systema politico, mas sim dos acontecimentos historicos.

Os japonezes, como todos os outros povos, vangloriam-se da grande antiguidade da sua nação, que por his-

torias authenticas começa no reinado de Zin-muten-Woo (nome que significa o divino conquistador) no anno 660 antes de Christo.

Diz-se que este guerreiro china invadiu Nipon, e que fizera edificar um grande templo dedicado á Deosa-sol, propriamente chamado o *daire*, titulo que apropriaram ao Mikado ou chefe, do que resultou serem estes dois nomes muitas vezes confundidos pelos escriptores europeus, e que esse chefe fundára a soberania dos Mikados, do qual até hoje descendem todos elles.

Este soberano, revestindo-se do poder espiritual e temporal, prescreveu as regras para o culto religioso; e talvez d'aqui provenha serem os seus livros sagrados escriptos em lingua koye, que tem muito da lingua china, e tambem a similhança religiosa.

Os seus successores estabeleceram o governo despotico, e desdenhando, com o correr dos tempos, o commando dos exercitos, conferiram-o aos filhos dos parentes. Um Mikado reinante casou uma filha com um poderoso principe e abdicou em favor de um filho, creança de tres annos, largando de suas mãos a regencia do menor.

O novo regente encerrou n'uma prisão o monarcha que tinha abdicado, o que produziu uma notavel guerra civil.

Ioritomo, personagem muito notavel da historia do Japão, tomou o partido do monarcha preso; e depois de uma guerra que durou muitos annos, ficando victorioso, conseguiu dar-lhe a liberdade: em renumeração do serviço que prestára foi-lhe conferido o titulo de Sio e Dai Ziogum, ou de generalissimo guerreiro contra os barbaros. Por morte d'este ex-Mikado, Ioritomo, como logar tenente do soberano, regeu virtualmente por espaço de vinte annos; e por sua morte delegou esta auctoridade em seus filhos. D'aqui começou o poder dos Ziogums, isto é, dos soberanos temporaes ou de facto.

Os descendentes do Ioritomo tiveram com o correr dos tempos lutas e discordias sobre a posse da auctoridade dos Ziogens, e ao vencedor Taykum-sama foi dada a confirmação por um Mikado: d'este Taykum-sama (senhor Taykum), muito notavel tambem na historia do Japão, vêm por descendencia os Taykum-samas actuaes, os quaes exercem a auctoridade e cargo dos antigos Zioguns, transmittindo-a em seus descendentes.

Os Mikados, despindo-se assim por uma serie de acontecimentos historicos de todo o poder temporal, e condemnados pelo verdadeiro poder, ou poder de facto, a uma respeitosa reclusão, ficaram todavia conservando o poder espiritual. Reputados e reconhecidos como supremos chefes ecclesiasticos, estabeleceram a sua residencia na cidade de Miako, emquantoque o Ziogum, ou Taykum-sama, reside na capital Yêdo, com todo o esplendor de um imperador de facto, sendo o outro só considerado como monarcha de direito. E taes são em resumo os successos historicos do Japão que produziram a singular existencia de um estado com dois soberanos.

Não ha talvez nação alguma do mundo que seja mais aristocrata do que o Japão; o que se prova pelas oito rigorosas categorias em que são classificados os seus habitantes, as quaes são as seguintes:

1.ª Os principes de titulo hereditario, vassallos do imperio.

2.ª A nobreza hereditaria abaixo do grau de principes, entre os quaes são comprehendidos os que têem terras ou feudos e que são sujeitos como os antigos cavalleiros a prestar serviço militar aos principes hereditarios, de quem são feudatarios, e directamente ao Ziogum, os que pertencem ás cidades imperiaes, sendo o numero requerido dos vassallos armados regulado pela extensão do respectivo territorio. Estes nobres hereditarios têem geralmente

sub-vassallos em suas terras ou feudos, e fornecem a sua correspondente parte dos homens de guerra. Os governadores de provincia, generaes e officiaes do estado são escolhidos fóra d'esta ultima classe.

3.ª Os padres do imperio, que se assimilham aos da antiga religião do Japão *Sintu,* bem conforme com o buddhismo.

4.ª Os vassallos assoldadados fornecidos pela nobreza da segunda classe. Esta quarta classe da sociedade japoneza gosa de certos privilegios: póde trazer duas espadas e umas saias largas ou ceroulas caídas que ninguem mais se atreve a trazer.

5.ª Comprehende a mais elevada da classe media, como medicos, empregados do governo e outras profissões e empregos.

6.ª Os negociantes e mercadores, classe mui desfavorecida no Japão no seu commercio ou trafico. Os homens ricos pelo commercio não podem gastar o seu dinheiro em luxos ou ostentações; e são sujeitos a uma rigorosa pragmatica que não podem violar impunemente. Não podem tambem servir na guerra nem cingir espadas, sendo pela maior parte obrigados a aggregarem-se aos grandes senhores, o que lhes custa bastante dinheiro.

7.ª A classe mais ordinaria de vendedores a retalho, bufarinheiros, artistas e outras classes não mencionadas; pintores e outros artistas pertencentes a esta classe.

8.ª Comprehende os marinheiros, pescadores, camponezes, agricultores e jornaleiros de toda a especie. Os camponezes são mesmo uma especie de servos adscriptos ao territorio, como os da idade media da Europa; pertencem á terra. Alugam-se com a terra e são pagos pelo proprietario ou rendeiros com certas porções dos fructos.

A mola governamental do governo do Japão é a espionagem; e n'isso fica a perder de vista o que se praticava

na antiga Veneza. A espionagem no Japão é official e patente: todo o funccionario é acompanhado em suas funcções por um espião responsavel para com a auctoridade superior. O Ziogum ou Taykum-sama, ou os regentes d'elle, se é menor, têem espiões seus, junto ao grande conselho, o qual tem muito maiores attribuições que o nosso conselho d'estado; e este grande conselho tem espiões junto ao Ziogum. É de presumir que no palacio do Mikado não faltem espiões subordinados ao Ziogum.

As cidades e povoações são divididas em grupos de cinco familias, e uma d'estas familias, officialmente designada, é encarregada de espionar as outras quatro, e de informar sobre o seu procedimento e vida.

Não extractaremos mais por emquanto do mencionado auctor, e continuaremos com o que observámos e juizos que d'isso fizemos.

Quando dissemos que a regencia que existe actualmente, em nome do menor Taykum-sama, se faz obedecer em todo o imperio, não pensem os nossos leitores que essa obediencia é absoluta e que o poder esteja perfeitamente centralisado no Japão, porque o não póde estar, pelas seguintes rasões:

O Japão parece ter passado por todas as vicissitudes que soffreu a Europa depois das invasões dos povos do norte; e acha-se actualmente no estado em que se encontrava a mesma Europa nos seculos XIII e XIV, isto é, predomina ainda ali o systema feudal.

Ha pouco mais ou menos no Japão sessenta e seis dominios feudaes com seus senhores, a quem chamam dâmios, os quaes, conforme a extensão do seu dominio, correspondem aos duques, marquezes e condes, com todo o seu poderio de terras, castellos e vassallos, como entre nós os havia na meia idade. Esses reis do Bungo, de Firando, de Omura, de Amacuza e outros, que os nossos auctores qui-

nhentistas mencionam como taes nas historias e chronicas da nossa entrada e da propagação da fé catholica no Japão, não eram outros senão os mesmos senhores feudaes que existem hoje, com mais ou menos sujeição ao imperador.

Já o nosso rei D. Sebastião, em uma carta que escreveu ao chamado pelos padres jesuitas rei do Bungo, da qual adiante daremos noticia, lhe chama duque do Bungo.

Os vassallos d'estes senhores, dâmios, são-lhes pela maior parte tão dedicados que se sacrificam á morte por elles; que assassinam quem elles mandam; que, commandados pelos mesmos senhores, formam os corpos militares do imperio. Tudo como na nossa idade media, mas com mais fanatismo de vassallagem.

São estes senhores que nos seus districtos ou dentro das suas casas acastelladas exercitam os seus vassallos no manejo da espingarda e das mais armas, e nos exercicios militares, no que todavia se acham muito mais atrazados que os europeus, mas superiores sem duvida aos chinas.

Ou fosse respeito aos antigos usos, como acontece entre nós com a guarda real dos archeiros, ou verdadeiro atrazo ainda, o corpo da guarda que vimos em Yedo, á entrada do recinto forte onde reside a côrte, só tinha uma especie de alabardas; nem vimos cousa alguma que parecesse tropa regular.

Mas comparativamente com os outros povos da Asia oriental, o valor dos japonezes, seu gosto pelas armas e desprezo da vida são cousas notorias, o que bem prova andarem os nobres todos sempre armados de espada e adaga.

Em tal paiz póde-se facilmente imaginar que força terá o governo, e as difficuldades que encontrará não só nos seus actos como tambem em se sustentar. Para isso obriga os dâmios a persistirem na côrte uma certa parte do anno, convoca-os em conselhos ou assembléas, e arma-os ou indispõe-os provavelmente uns contra os outros.

A opposição que o governo soffre da parte dos dâmios que não approvam os seus actos, não tem nada de parlamentar nem de pacifica; sendo muitas vezes assignalada com violencias inauditas. Poucos mezes antes de chegarmos a Yêdo, em março, tinha sido assassinado o principe regente pelos sequazes dos nobres que lhe faziam grande opposição.

Nenhum senhor sáe fóra de sua casa ou do seu districto que não vá acompanhado de gente armada, para poder repellir os ataques dos seus inimigos politicos ou particulares.

Um dos actos do governo que a opposição dos dâmios (provavelmente da minoria) tem visto com muito maus olhos são os tratados que o mesmo governo tem modernamente celebrado com as nações estrangeiras; e como em Yedo é que está a côrte, e conseguintemente o maior numero dos senhores reunidos, é ahi que os estrangeiros correm maior perigo de serem assassinados, mesmo para porem o governo em embaraços, o que obriga o mesmo governo a ter corpos de guarda permanentemente em roda das residencias dos ministros diplomaticos e a fazer acompanhar todos os estrangeiros por homens armados. Para comprovar o que temos dito contaremos o seguinte:

O interprete da legação americana, mr. Heusken, era um extravagante, audaz e atrevido, que não queria ser acompanhado pelos guardas do governo, e que se recolhia algumas vezes alta noite. O seu ministro tinha-o muitas vezes admoestado e prevenido, recommendando-lhe que tal não fizesse.

Poucos mezes depois da nossa saída de Yêdo, em meiado de janeiro de 1861, recolhendo-se de noite só, como costumava, foi barbaramente assassinado.

Os ministros europeus, inglez, francez e hollandez, assustados com tal acontecimento, não só pelos receios da

sua segurança pessoal, como tambem para obrigarem o governo japonez a perseguir e punir os criminosos, reuniram-se em conferencia e resolviam-se a saír da capital, o que tudo fizeram constar ao ministro americano, o qual lhes respondeu com a seguinte nota diplomatica, que, traduzida, transcrevemos na sua integra:

«Legação dos Estados Unidos no Japão. Yêdo, 12 de fevereiro de 1861.—Senhor, tenho a honra de accusar a recepção da vossa nota datada de 22 do proximo passado, transmittindo a *acta* das conferencias que tiveram logar em 19 e 21 de janeiro, na legação de Sua Magestade Britannica n'esta cidade, entre os representantes das nações estrangeiras aqui existentes.

«A *acta* declara que o ministro americano não esteve presente á conferencia de 21 de janeiro; porém faltou-lhe declarar tambem que não tinha sido convidado a comparecer áquella reunião

«Em conformidade da *acta,* que dizeis ser o fiel extracto das conferencias acima referidas, pedis-me para assignar um protocollo.

«Devieis ter previsto que não está em meu poder certificar a exactidão do relatorio da conferencia de 21 de janeiro, tendo sabido o resultado das ditas conferencias sómente pela propria acta.

«As conclusões a que vós e os meus collegas chegaram, podem-se estabelecer da seguinte maneira: Que nenhuma confiança póde haver na lealdade do governo japonez; que os membros das differentes legações acham-se expostos a assassinatos, continuando a residir n'esta cidade; e que para o fim duplicado de segurança pessoal e effeito sensivel no dito governo, são de opinião que as legações se retirem para Yukuhama.

«Infelizmente não sou da mesma opinião; e vou rapidamente mostrar as causas da minha divergencia. O go-

verno japonez tem constantemente avisado os representantes diplomaticos do perigo existente, desde o primeiro dia da sua chegada a esta cidade, e mostra-se solicito em dar a sua protecção aos ditos representantes. O seu unico desejo é que os estrangeiros se sirvam dos mesmos meios de precaução e protecção que os japonezes têem em geral entre si; é bem sabido que os individuos de uma gerarchia correspondente á de ministro estrangeiro têem as suas casas cercadas por um grande numero de guardas, e que não sáem sem ser acompanhados por um numeroso acompanhamento dos mesmos.

«Será pois justo exigir dos japonezes uma protecção differente d'aquella que empregam para sua propria segurança?

«Se os japonezes nos estivessem tratando com pouca lealdade,—se elles realmente desejassem assassinar os representantes estrangeiros, a simples manifestação de um tal desejo seria sufficiente para o levar á execução apenas n'uma hora.

«Nós temos vivido em Yêdo ha perto de dezenove mezes em segurança, e este facto é uma prova do desejo e habilidade do governo em nos prestar a sua efficaz protecção. O assassinato de mr. Heusken, habil e fiel interprete da legação, que todos lamentam e eu deploro, foi devido ao seu desprezo pelos reiterados avisos do governo japonez contra as suas constantes saídas durante a noite, e a sua morte foi a realisação dos meus temores, desde a minha chegada a Yêdo.

«Para julgar dos actos d'este governo é essencial conhecer a sua politica anterior: ha mais de duzentos annos que este paiz foi fechado hermeticamente aos estrangeiros; esta barreira levantada e sustentada com tanta força foi de repente removida, e o paiz foi-lhe franqueado.

«É bem sabido que um grande numero de homens per-

tencentes á alta gerarchia se oppõem á nova ordem de cousas inaugurada pelos tratados, e que é n'esta cidade que a opposição se acha concentrada e na maior intensidade. As manifestações de maus desejos acham-se principalmente ligadas aos subditos ou companheiros dos dâmios, que reflectem as opiniões dos seus chefes.

«É inquestionavel, segundo a minha opinião, que o augmento do preço dos artigos de consumo geral, consequencia da admissão do commercio estrangeiro, tem augmentado os seus sentimentos de opposição.

«Um governo póde fazer tratados e observar os seus artigos, porém não está no poder de algum governo o ir contra a opinião publica.

«Contraria-me ver que todos os argumentos apresentados na conferencia referida foram baseados em que o governo japonez se achava a par da civilisação dos governos occidentaes, o que é um grave erro; os japonezes ainda não se acham civilisados, mas sim semi-civilisados; e o estado social n'este paiz é inteiramente analogo ao da Europa na idade media.

«Exigir portanto do governo japonez a mesma observancia, a mesma administração de justiça que se encontra nas nações civilisadas, equivale a exigir uma impossibilidade; e obrigar o governo a ser responsavel por actos isolados, de individuos particulares, tenho a certeza de não se poder sustentar por alguma lei internacional.

«Este principio não se acha mesmo em pratica no occidente. Não ha muito que em Londres um tribunal deu a liberdade a um conspirador contra a vida do imperador dos francezes. Não me consta que a legação franceza em Londres se retirasse para Dover, em consequencia d'esta falta de justiça; n'outra occasião, em um dos logares de mais passagem em Napoles, foi ao meio dia barbaramente assaltado o ministro francez; e aindaque centenares de pes-

soas presenceassem este assalto os assassinos poderam effectuar a sua fuga; e até hoje não foram presos.

«Deveria a legação franceza retirar-se de Napoles em consequencia dos criminosos não terem sido presos?

«Em março passado o regente do Japão foi assassinado; e até hoje sómente uma parte dos criminosos têem sido presos, e d'estes nenhum ha sido castigado. Esta demora em castigar os assassinos de uma tão elevada personagem mostra que a maneira de administrar a justiça n'este paiz é differente da usada no occidente.

«Acredito sinceramente que emquanto observar as precauções recommendadas pelo governo japonez, e em uso mesmo pelos proprios japonezes, a minha residencia n'esta cidade se acha segura.

«Retirar para Yukuhama com a intenção de produzir effeito no governo japonez, parece-me ser um erro; não houve artigo no tratado americano, que custasse mais a resolver que o de estabelecer em Yêdo a residencia do representante dos Estados Unidos. Os ministros japonezes n'aquella occasião me preveniram das grandes difficuldades em estabelecer de modo seguro a residencia dos ministros estrangeiros em Yêdo; e mostravam grandes desejos em que aceitassemos uma residencia permanente em Kanagawa ou Kawasaki, com a permissão de vir a Yêdo, todas as vezes que o serviço o exigisse.

«A retirada das legações estrangeiras para Yukuama é pois exactamente o que o governo deseja, ficando assim livre de grande anciedade, responsabilidade e despeza.

«Em vez portanto da nossa retirada causar abalo ao governo japonez, será olhada por elle como resolução desejada; e alem d'isso entendo que a nova residencia confundirá no espirito japonez os representantes com os negociantes, o que lhe fará perder tanto o seu prestigio como a sua influencia.

«Pelas rasões tão brevemente expostas desapprovo a resolução dos meus collegas, por julgar não poder produzir um effeito benefico, e ser um passo importante para uma guerra com este paiz.

«O povo japonez não póde chegar ao nosso grau de civilisação pelos rasgos de pennas diplomaticas, nem tendo por civilisador um exercito estrangeiro de 50:000 soldados. Sómente tempo, paciencia e prudencia poderão produzir resultados satisfactorios.

«Esperava que as paginas da futura historia recordassem o grande facto da civilisação christã chegar a um ponto remoto do Oriente, sem vir acompanhada, como de costume, de roubos e derramamento de sangue: temo que esta minha esperança seja illudida; pois parece-me que brevemente verei annullados os tratados, o Japão voltar ao antigo estado de isolamento, e os horrores da guerra assolarem este pacifico povo e esta terra feliz.

«Rogo-vos que mandeis uma copia d'esta nota ao vosso governo, para ser annexa á acta das conferencias que tiveram logar em 19 e 21 de janeiro.—Tenho a honra de ser vosso creado obediente=(Assignado) *Townsend Harris*, ministro residente dos Estados Unidos no Japão.—A Rutherford Alcock, Esq., enviado extraordinario e ministro plenipotenciario no Japão.»

E note-se que o assassinado fazia parte do pessoal da missão americana.

Não partilhâmos todavia a opinião do ministro americano sobre ser a causa d'esta antipathia contra os estrangeiros a carestia dos generos; mais dados nos parece haver para suppor que isto provenha, como já dissemos, de opposição acintosa, que trata de promover embaraços e complicações de toda a ordem ao governo.

Nas cidades maritimas e commerciaes, especialmente n'aquellas que estão abertas ao commercio estrangeiro,

não acontecem ordinariamente estes casos; não só pelos lucros que ali tiram do commercio, o que os leva a não escandalisar os estrangeiros, como pelo continuo trato com elles; e tambem por não haver n'aquellas cidades o grande numero dos nobres senhores que povoam a capital, os quaes, vivendo ordinariamente do producto das suas terras, ou dos tributos que lhes pagam os seus vassallos, nada têem que fazer com o commercio, que como já notámos consideram como cousa vil, á maneira dos nossos senhores feudaes que só o julgavam como emprego proprio dos judeus.

A opinião do ministro americano, sobre a sinceridade e boas intenções do governo do Japão para com os estrangeiros, não padece duvida. As idéas e opiniões dos regentes parecem envolver até pensamentos de progresso, ao qual não dão toda a expansão que desejam com receio da opposição. Nas conferencias para os tratados notava-se que elles se prestariam facilmente a muitas concessões, se não fosse este receio.

Não só se observa o cuidado que lhes dá a segurança dos mesmos estrangeiros, como o seu generoso procedimento para com elles. Logoque chega a Yêdo um navio de guerra estrangeiro o governador da cidade manda-lhe um presente de refrescos; e ha ordem geral para que, em todos os portos do imperio, mesmo os não abertos ao commercio, se prestem auxilios aos navios estrangeiros que d'elles carecerem. O mais notavel d'estes obsequios é a troca ou mudança da moeda, a que o mesmo governo se está prestando com evidente prejuizo seu: ás legações diplomaticas, consulados e navios de guerra das nações com quem tem tratados, troca o governo japonez todas as patacas que precisarem para seus gastos, cujo curso não é forçado no paiz, na rasão de tres *scibuques* por pataca; isto é, peso por peso da prata; e está dada ordem ás al-

fandegas para fazerem estas trocas pelos seus cofres. No commercio, a pataca mexicana, ou qualquer outra, não corre por mais de dois scibuques; logo o governo do Japão perde 33 1/3 por cento com esta generosidade. Sabemos de mais de um consul que não tem repugnancia em tirar sordido proveito d'este nobre proceder do governo.

Tal é o actual estado politico do Japão; e assim continuará provavelmente até apparecer n'aquelle paiz um Luiz XI de França, ou um D. João II de Portugal, o que lhe não prognosticâmos tão cedo; mais facil e possivel lhe seria talvez, se elle adquirisse maior grau de civilisação, constituir-se em republica aristocratica como o antigo estado de Veneza.

Paguemos ao findar este capitulo o divido tributo á gratidão e á verdade, declarando que encontrámos nos grandes e povo do Japão verdadeiros signaes e provas de simpathia por nós os portuguezes; talvez resultado de reminiscencias historicas.

V

Industria, commercio e navegação — Litteratura e bellas artes no Japão — Regresso ou viagem da corveta de Kanagawa para Changhae

Industria agricola — A agricultura está mui desenvolvida e aperfeiçoada no Japão, para o que muito concorrem a bondade dos terrenos, quasi todos vulcanicos ou de alluvião, fartura de aguas, dimanando de copiosos rios, e a excellencia do seu clima temperado. Póde-se dizer que no Japão ha ou póde haver toda a qualidade de plantas e de fructos, sem exceptuar a uva, que lá a vimos excellente. Abunda em arroz, trigo, milho e differentes especies de saboroso legume; mas a mais notavel das suas producções é o seu excellente chá, muito superior pela maior parte ao da China, bem que seja enrolado e secco com menos pretensão e apparato, talvez por haver sido até nossos dias pouco procurado pelos europeus e americanos, que o não conheciam, nem tinham relações com o Japão. Hoje já vem grande quantidade d'elle para Changhae na China, onde o enrolam melhor e apuram, dando-lhe, no que querem fazer verde, a côr propria, por meio do anil combinado com

cal para fixar a côr. A apparencia do chá do Japão é desagradavel, mas o gosto é superior ou igual ao melhor da China.

É tambem uma raridade unica na parte mais norte do Japão, especialmente na ilha de Yezo, a producção, pela maior parte espontanea, da raiz de genciana, de uma especie mais forte, corpolenta e limpa do que a vulgar da Europa. Esta raiz vale na China muitas vezes um igual peso de oiro, servindo-se os chinas do seu chá ou infusão, e tem fama de grande tonico, o que elles explicam dizendo que lhes alegra o coração e prolonga a vida.

Industria fabril—As producções industriaes mais notaveis do Japão são as sedas, os charões, as porcelanas, papel liso e pintado de diversas qualidades, e algumas obras de metal, especialmente de cobre, mineral abundantissimo no paiz. Os tecidos de seda do Japão são, em geral, muito superiores aos da China, não sómente na grossura do fio, como tambem na excellencia das tintas, e póde-se dizer que pouco inferiores serão em qualidade, senão em gosto, aos melhores tecidos de seda de Leão. Para isto concorre muito a magnifica qualidade do fio, que hoje constitue um ramo importante de exportação; e pela nossa parte podemos asseverar que nunca vimos em parte alguma um fio tão grosso e rijo, parecendo á primeira vista madeixas de linho canhamo.

Os charões do Japão serão sempre singulares e admirados, não só pela bondade, talvez impossivel de igualar, do verniz de que são cobertos, o que de certo é devido á superioridade das rezinas do paiz (porque tudo quanto ha do Japão é do paiz), como tambem á qualidade da madeira de que são feitos. Será difficil encontrar em alguma parte madeira que se preste com tanta fidelidade, sem abrir a mais ligeira fenda ou raxa, ás differentes obras de

torno e de marceneria branca como o pinho do Japão. Nem o de Finlandia, Riga ou America do Norte é capaz de o igualar, pois d'elle se tiram aparas como folhas de papel de que fazem ventarolas que não mostram a mais pequena fenda: tal é a força de cohesão de suas fibras. Em parte nenhuma do mundo se torneiam obras de madeira com mais perfeição do que no Japão: um ovo como os de pomba sem que bem se lhe perceba uma fenda circular, abre-se por ella, e assim se vão abrindo e tirando cinco ou seis ovos pequenos concentricos que este ovo contém; o ultimo é do tamanho de um feijão; este ovo ou ovos são de pinho do Japão! Os japonezes usam de poucos moveis, porque se sentam em cima de esteiras estofadas e comem em cima de baixas mesinhas de charão; se usassem mais moveis a sua marceneria seria de um singular acabamento geometrico, porque vimos pequenas commodas que ao fechar de uma gaveta se abriam as outras pela compressão do ar que as impellia.

As porcelanas do Japão são, como todos sabem, de admiravel perfeição, não sómente pela bondade da massa de que são fabricadas, como pelo seu brilhante esmalte, em tudo muito superiores ao que se encontra na China. Quanto ao trabalho é elle tão delicado no torno que (em uma certa especie de porcelana transparente) as chavenas, ou quaesquer vasos de figura circular, chegam a obter a tenue grossura da casca de ovo; e quanto ao esmalte, é no Japão que bem se lhe póde dar esse nome, porque as cores não são pela maior parte mettidas em simples pintura com o banho de verniz por cima, mas sim mettidas em porções de esmalte da côr propria, ali adaptadas. Tambem não é menos notavel a elegancia das fórmas, elegancia que a propria Europa arremeda, e faz bem em arremedar. O que é muito para admirar é que os japonezes não conhecem as obras nem os desenhos da Europa.

A fabricação do papel é uma das industrias mais adiantadas do Japão, no que tambem, a certos respeitos, como logo diremos, excede as identicas fabricações do resto do mundo. No Japão manufactura-se papel de toda a qualidade e papel para tudo, para cousas até que nunca vimos que em parte alguma se fizessem de papel. Como já dissemos as casas do Japão são no interior divididas por uma especie de biombos correndo em corrediças; estes biombos e os tectos das casas são forrados de lindos papeis, lisos, pintados ou dourados; o que importa pequena despeza, porque o papel no Japão é baratissimo. A especialidade porém de algum papel do Japão (a maior parte) a que acima nos referimos, e em que dissemos excedia o papel das outras partes do mundo, consiste na difficuldade ou quasi impossibilidade de se rasgar; porque não parece papel, é mais propriamente um feltro, destructivel só por meio da humidade. D'este papel fazem-se sacos para dinheiro e cousas pesadas; fazem-se até casacos que, envernizados, resistem á chuva. Esta qualidade de papel deve ser imitada na Europa.

O trabalho em obras de metal, especialmente em cobre, é tambem uma das notaveis industrias do Japão. A pericia no tornear manifesta-se bem nos seus elegantes vasos, ou grandes urnas de cobre e de latão, alguns dos quaes similham muito ao gosto das fórmas etruscas; mas o que mais os singularisa é o trabalho a buril em altos relevos, e sobre tudo o entalhe ou incrustação de metaes diversos, como o aço, a prata e mesmo o oiro, incrustado á face no cobre formando variados lavores. Não sabemos o uso que os japonezes dão a estes vasos ou urnas, pois como elles até hoje pouco têem exportado, nota-se que todas as artes e industrias em que estão mais adiantados são de uso proprio; talvez os appliquem a ornamento dos templos ou dos altares ou oratorios caseiros.

Independentemente da singularidade d'estas urnas, são notaveis as suas obras mais miudas, taes como o lavor e incrustação de metaes diversos nas suas espadas e adagas, os seus espelhos de aço, tão bem polidos que difficilmente se oxydam, as suas obras de cobre acharoado e outras.

Industria commercial—É esta no Japão a menos importante de todas as suas industrias. Já vimos a pouca consideração, ou mesmo desprezo, em que têem os individuos que se dedicam ao commercio; isto junto ao quasi isolamento completo de relações exteriores em que o Japão tem existido até hoje, ha feito com que esta industria só seja exercida no interior.

O Japão não tem marinha mercante de alto bordo; os seus barcos, de construcção extravagante, e que só podem navegar com ventos largos, apenas se limitam á navegação de cabotagem, quasi sempre effectuada nos canaes que separam as ilhas, atrevendo-se o muito nas monções proprias a irem ao archipelago de Lwt-chw ou de Bonin; n'isto são-lhe muito superiores os chinas; estes são essencialmente commerciantes, e estão muito mais adiantados em navegação, bem que não gostem muito de largar a de cabotagem, na qual são mais peritos que todas as nações do mundo. O pouco commercio exterior do Japão, até aos recentes tratados que este paiz acaba de celebrar com a Inglaterra, França e America do Norte, fazia-se exclusivamente com a Hollanda na cidade japoneza de Nagazaki, ou mais propriamente em Dezima, arrabalde da mesma cidade. Hoje estão abertos a estas nações, bem como a Portugal, os portos e cidades, não só o de Nagazaki como tambem o de Kanagawa, proximo da capital, o de Hakodade na ilha de Yezo, e um outro que ainda se ha de escolher ao noroeste do Nipon; brevemente o vão ser tambem o

porto e cidade de Ozaka no coração do imperio, e o de Firando, nosso conhecido em tempos passados, que fica na parte mais meridional da ilha Kiusiu.

O Japão pois vae ser *por força* commercial; exportará tudo bom e bonito que sabe produzir; mas que importará o Japão? Dinheiro, unicamente dinheiro, como aconteceu por muitos seculos á China, até que appareça um opio, ou algumas outras invenções viciosas que lhe façam expulsar o dinheiro accumulado. Todavia os varios vinhos da Europa, o vidro em chapa e em obra, industria em que os japonezes estão muito atrazados, os tecidos de linho, o marfim e talvez mesmo o sandalo, póde ser que obtenham ali favoravel importação actualmente.

O commercio do Japão parece que foi consideravel ha tres ou mais seculos, especialmente com a China, e tambem algum tanto com a Hollanda, sendo hoje mui pouco consideravel com a primeira d'aquellas nações, porventura desde a epocha em que as sedas e porcelanas do Japão venceram em qualidade os productos similares da China. Talvez tambem que n'essas epochas remotas o oiro e a prata das minas do Japão pagassem essas importações. As minas foram-se esgotando, como acontece sempre, e a industria dos productos mais essenciaes ao consumo do paiz foi-as substituindo. O Japão, sem progresso de gosos e de modas, aferrado, como os outros povos da Asia, aos seus antigos usos e costumes, produzindo tudo quanto póde satisfazer as necessidades dos seus habitantes, fraco commercio de permutação poderá ter feito n'estes dois passados seculos com a Hollanda. As suas minas de prata e de oiro estavam ha algum tempo esgotadas, e então, actualmente, em troca dos seus productos de exportação, dos quaes o mais consideravel e de valor é a seda em rama, está-se saturando de prata, se o não está já, em vista do afan com que as

nações com quem modernamente tem feito tratados (a ingleza, especialmente) lhe tem ido buscar a seda a troco de muitos milhões de patacas, nas quaes já hoje se perde 33 por cento do valor que ali tinham ha dois ou tres annos.

Qual será pois dentro em pouco tempo o movimento commercial das nações christãs com o Japão? de seis ou sete nações com quem ultimamente tem celebrado tratados de commercio? Na minha opinião muito pouco será.

Saturado o paiz de prata, sua quasi unica importação actual, esta baixará cada vez mais de valor, e a seda em rama e alguns outros poucos productos que por ella se trocam, encarecerão conseguintemente de tal modo que será abandonada a procura por não convir no preço.

Se pois as nações com quem o Japão ultimamente tem feito tratados não conseguirem que os japonezes lhes consumam os productos da sua industria, o que muito duvido que consigam em ponto consideravel, o movimento commercial com o Japão ha de ficar em breve reduzido ao só valor d'aquelle que com o mesmo paiz tinha até hoje a Hollanda.

O Japão não quer nem precisa cousa alguma dos paizes estrangeiros; se tem feito tratados de commercio com as nações que modernamente o tem perseguido para isso, é sem duvida só com o fim politico de afastar ou evitar os flagellos de guerra, roubos e invasões que ultimamente têem assolado o imperio da China; que nada precisava tambem do resto do mundo, mas a quem as nações christãs querem civilisar á força.

Nem os costumes e genio cavalleiroso dos nobres japonezes, commum a toda a nação, se coaduna com a indole commercial. O Japão é uma sociedade de nobres aristocratas, que têem nos seus dominios tudo que é preciso para

viverem como seus avós; e, pela maior parte, quem não é senhor é servo, vassallo ou da familia do senhor.

Uma das provas mais evidentes do pouco espirito commercial do Japão e da sua negação absoluta a querer-se habilitar para ir buscar cousa alguma do alheio, está na insignificancia ou quasi nullidade da sua marinha mercante, a qual se reduz sómente a pequenos barcos de pesca, e alguns, não muitos, destinados á cabotagem de ilha para ilha, sempre á vista de terra; isto é, destinados a conduzir de uma das provincias do Japão os generos agricolas que n'aquella abundam e que na outra faltaram, barcos de construcção exquisita e defeituosa e incapazes de navegarem cingindo o vento. Bem differentes são n'isto e muito inferiores aos chinas que, apesar de pouco adiantados nos conhecimentos astronomicos, largam muitas vezes a terra da vista, percorrendo toda a Asia oriental, e cobrem as suas costas e portos de muitos milhares de barcos de todas as grandezas, nos quaes empregam milhões de pessoas, que são, n'aquellas navegações quasi de cabotagem, os melhores e mais destros homens do mar que póde haver.

Nós, os portuguezes, que não temos abundancia de patacas hespanholas ou mexicanas, nem as sabemos tirar á China, como fazem os inglezes e americanos, para as levar ao Japão, que trocas poderemos effectuar para alcançar d'ali pelo commercio o seu precioso fio de seda e os seus charões e porcelanas? Só se os japonezes se habituarem ao consumo dos nossos vinhos, pois não sendo assim apenas lhe poderemos mandar alguns pannos ou cazimiras finas de lã e vidro em chapas.

Como n'este capitulo temos tratado da industria e do commercio do Japão, parece-nos a proposito tratar tambem da moeda ahi corrente; cuja unidade mais conhecida é o *scibuque*, moeda de prata quadrangular, e que pesa

proximamente duas oitavas e meia, da qual tambem ha as subdivisões de meios e quartos. Ha tambem uma moeda de cobre de fórma elliptica chamada *tempó*, das quaes dezeseis equivalem a um *scibuque*.

Litteratura e bellas artes no Japão — Tratando da litteratura e bellas artes dos japonezes diz o dr. Hawks, que no Japão ha sete seculos que é conhecido o uso do papel; e que a impresssão de livros á moda chineza foi introduzida no anno de 1206 da nossa era; que a cidade do *Mikado*, (Miako) é a metropole da litteratura d'aquelle imperio; que a grande quantidade de livros impressos será capaz de endoudecer quem for dado ás letras, citando em seu apoio S. Francisco Xavier, que já na epocha em que visitou o Japão contava quatro academias na cidade de Miako, ou nos seus arrabaldes, as quaes eram frequentadas por tres a quatro mil estudantes; que um grande numero de instituições litterarias existiam proximo da cidade de Bandone, e que por todo o imperio havia muitos seminarios; que a educação da mocidade merece muito desvelo da parte do governo do Japão; que ha escolas publicas por um igual systema para ambos os sexos, sustentadas pelo estado, onde se ensina a ler e escrever, e se iniciam no conhecimento da historia do seu paiz; que se imprime grande numero de livros por baixo preço para uso dos rapazes e do povo, com o titulo de *litteratura barata;* que antes de ser conhecida na Europa a arte de imprimir em diversas cores já o era no antigo Japão; que os livros japonezes tratam principalmente de sciencias, historia, biographia, geographia, viagens, philosophia moral, historia natural, poesias, dramas e encyclopedias; que é uma occupação favorita dos dois sexos e muito commum no Japão, o verem-se, quando faz bom tempo, grupos de senhoras e de cavalheiros correndo de uma parte para outra em procura de livros; que o merito

dos livros japonezes não póde ainda ser bem avaliado pelos europeus e americanos, porque mui raros são os que têem alguma idéa da lingua japoneza; que os auctores que têem escripto sobre o Japão, Klaproth, Titsingh, Siebold e Hoffman accusam-se reciprocamente de ignorantes da lingua japoneza; e que conseguintemente ainda é cedo para se formar uma opinião critica sobre esta litteratura.

Sobre a musica japoneza—diz, que as arias ou cantigas nacionaes são muito notaveis e recommendaveis aos ouvidos dos europeus e americanos; que o principal instrumento é o *sansic,* ou guitarra, a qual tangem muitas senhoras jovens da alta categoria; que é este o instrumento invariavel para o acompanhamento nas partidas que as senhoras fazem alternadamente em casa umas das outras.

Artes de desenho, pintura e estamparia—Sobre todas estas artes têem os japonezes feito ha já muitos seculos notaveis progressos. Bem como os chinas, são muito pouco versados na sciencia das sombras, e muito imperfeitos na composição, mas inexcediveis, para assim dizer, na imitação das flores e dos animaes, especialmente dos passaros, e não menos no colorido; distinguem-se sobre tudo nas figuras isoladas. Entretanto, geralmente fallando, em pintura são um pouco inferiores aos chinas, a quem muito excedem em outras artes.

Na madrugada do dia 11 de agosto, tendo-se vitualhado convenientemente a corveta, como o pedia a viagem ainda contra-monção que íamos emprehender para regressar á China, largámos de Kanagawa, ou de Yokuhama, que, como já dissemos, ficava a proxima distancia na mesma bahia e velejámos dirigindo-nos para o sul, diligenciando saír

d'aquelle profundo golfo, ainda mui pouco conhecido dos europeus e conseguintemente muito incorrecto e mal notado nas cartas.

A empreza de saír d'ali não se mostrava facil, porque os ventos, bem que bonançosos, não se arredavam havia já bastantes dias dos quadrantes do sueste e sudoeste contrarios ao rumo necessario. Bordejar em um golfo tão desconhecido, sem piloto pratico, ignorando ao certo o curso e direcção das marés, não era empreza que deixasse de carecer do emprego de toda a prudencia e vigilancia, aliás podêriamos quando menos o esperassemos acharmo-nos encalhados em algum dos muitos baixos fundos do lado oriental do golfo ainda não sondado nem bem conhecido. Resolvemo-nos pois a navegar só de dia, sempre com dois prumos na mão; e como a maré n'esse dia 11 nos foi muito contraria só podémos no fim da tarde alcançar e fundear no bahia a que a expedição americana do commodore Perry poz o nome de *Mississipi*, que era o de um dos vapores da mesma expedição.

Já que fallámos na expedição americana do commodore Perry, que veiu ao Japão em 1854 e 1855 fazer um tratado de commercio, que foi o primeiro que o governo do Japão celebrou modernamente com os estrangeiros, lembrâmos aos navegadores que vierem ao Japão que aproveitem a carta d'estes mares que a mesma expedição aperfeiçoou, que é a que mais se approxima da verdade, na qual trabalharam os tenentes Bent e Mory, carta que tem todavia o defeito de ser em ponto tão miudo que os graus tem pouco mais de meia pollegada.

Na madrugada do dia 12 fizémo-nos novamente de véla, e ajudados de algumas aragens menos escassas passámos o perigoso baixo de Saratóga, que fecha quasi pelo norte o canal de Uraga; e descendo, não pouco, por este canal viemos, proximo da noite, e porque o vento cada vez se

fazia mais escasso, sempre com os prumos na mão, demandar a terra de oeste; e assim ao acaso entrámos na bella bahia a que pozemos o nome de *portugueza*, onde fundeámos em sete braças, fundo de areia, a uma milha distante de uma praia em meia lua semeada de povoações.

Não vem esta bahia mencionada como merece em carta alguma das, por nós os europeus, até hoje conhecidas; pois na carta ingleza vem ali a costa do canal de Uraga em linha quasi recta, sem reintrancia alguma (o que não admira, porque tal carta é cheia de outros muitos erros), ficando a mesma bahia tão profunda que do logar onde estava fundeada a corveta ficavam os ilhéus Plymouth apparecendo apenas pouco fóra da ponta do norte da bahia. O logar do navio era em 35° 9′ de latitude norte e 139° 43′ de longitude ao oriente de Greenwich; a ponta que fechava pelo sul deveria ser o cabo Sagami, muito mal collocado tambem na carta ingleza de 1859.

Continuavam a dominar ainda, postoque bonançosos, os ventos dos quadrantes do sudoeste e sueste, ambos contrarios para saír com vantagem do resto do golfo. E, postoque mediante alguns bordos possivel nos fosse a desejada saída, só nos restava depois como navegavel o bordo de leste, o qual nos levaria pelo mar Pacifico fóra, dominados pelas correntes, com grave transtorno da viagem e não pequeno risco da navegação, por entre varias ilhas pequenas, soltas e mal collocadas nas cartas, dispondo de um navio sómente de vélas, pouco ou nada fino no cingir do vento pela bolina. A lua nova não tardava muitos dias, e n'essa conjuncção esperavamos alguma mudança nos ventos. Os pessimos navios da marinha de guerra portugueza, que por nossa infelicidade temos commandado, ensinaram-nos a manha de procurar ou esperar ensejos favoraveis para largar de uns pontos para outros, e a isso devemos sem du-

vida algumas viagens felizes que temos feito. Resolvemonos pois, apesar de alguns ignorantes impacientes, a esperar n'esta bahia portugueza até á conjuncção da lua nova; o que nos deu o bom resultado que esperavamos, como adiante se verá.

O ancoradouro era excellente, a bahia bastante abrigada e o tempo bom, aindaque contrario; não se podia estar melhor. Prohibimos a communicação com a terra, por consideração com os costumes japonezes; pois, como já dissemos, só destinaram algumas cidades ao commercio ou trato com os estrangeiros; e por outras muitas rasões de prudencia, que nunca são de mais quando se está em contacto com povos pouco civilisados. Se nós porém pensavamos assim, melhor conceito, sem duvida com justiça, mereciamos aos habitantes das muitas povoações espalhadas pela bahia, e provavelmente tambem pelo interior, os quaes parecia que todos á porfia, homens mulheres e creanças, desde o nascer do sol até elle se esconder, vinham, em quantos barcos de pescaria podiam encontrar, examinar e admirar a corveta, por fóra sómente, a seu pezar, pois, sem attender ás diligencias que fizeram, eram tantos que seria preciso ter a guarnição sob as armas desde pela manhã até á noite para os poder admittir a bordo.

Não faltou entre os nossos quem nos rogasse para deixar entrar as mulheres, algumas das quaes, raparigas e assás claras, não mereciam o nome de feias; mas os que tal nos pediram tiveram de se contentar com uma mimica muito animada das janellas da pôpa para as embarcações que as traziam: pois como era natural que os homens com quem ellas vinham tambem quizessem entrar, e as mulheres do Japão são, segundo dizem, pouco difficeis, receiámos que se commettessem algumas imprudencias que alterassem a ordem.

Não faltava igualmente a vir presenciar estas visitas ao

mar um japonez ancião, que parecia auctoridade administrativa ou policial, o qual da sua pequena embarcação observava, impassivel e com uma seriedade imperturbavel, tudo que se passava.

A nossa expectativa n'esta bahia não passou de tres dias. Com a influencia da lua nova os ventos, postoque sempre fracos, começaram a chamar-se por vezes ao quadrante do nordeste, e consequentemente fizemo-nos de véla na madrugada do dia 15; e pela noite d'esse mesmo dia deitámos fóra do golfo de Yêdo, tão impertinente para ser navegado por navios de vélas sómente.

Na noite do dia 20 fomos investidos por uma furiosa trovoada, acompanhada de negros e rijos aguaceiros, que tudo limpou completamente na madrugada do dia 22; no qual dia com bellissimo tempo, saímos o estreito de Van-Diemen, e despedimo-nos das terras do Japão e das ilhas Tanega-sima, Apollo ou Take-sima, Vulcano, Kuro-sima, e das rochas de Ingersoll e de Poncié, as quaes, de um e outro lado do estreito, o embellezam com bom tempo ou o fazem perigoso na tempestade, e entrámos no mar Amarello que separa a China do Japão.

Aos ventos orientaes bonançosos com que saímos do mar Pacifico para o Amarello seguiram-se quatro dias de calmas ou aragens mui fracas e variaveis; e assim como não ha bella sem *senão*, tambem não ha navio de pouco andamento ou pouco fino, nauticamente fallando, que não tenha alguma qualidade boa; a corveta *D. João I* não desgoverna quasi nunca, ignorando-se muitas vezes qual é a aragem ou bafagem que a faz governar. Para lhe fazermos justiça, vistoque d'ella nos temos queixado mais de uma vez, diremos que tambem nos temporaes se porta muito bem, que tem pouco abatimento, mesmo com mar cavado, e que raras serão as circumstancias em que ella minta a virar por davante.

Pedimos desculpa da technologia.

Todos sabem que não ha nada mais inconstante que os ventos. Quantas vezes nos tem acontecido, e conseguintemente a todos os navegadores, o ver com amargos presentimentos os momentos mais felizes e prosperos de uma navegação qualquer, em que os ventos vão largos e favoraveis, e a atmosphera limpa e brilhante, com a terrivel certeza do inevitavel contraste que se espera?!.. Tambem *vice versa*, na força da tormenta, poucas vezes nos abandona a esperança.

Que boa paridade se deve tirar d'aqui para muitos casos da vida humana!

O que fica dito prognostica sem duvida algum temporal. Assim aconteceu no dia 26 de agosto, em que o vento começou a fazer-se tormentoso do noroeste.

Não estavamos, talvez, no centro ou maior força de um tufão, mas, sem duvida, occupavamos a parte extrema dos seus limites. Tinhamos tambem a nosso favor o não haver turbilhão, ou rotação dos ventos, que é o mais ordinario e perigoso dos mares da China; porque este conservou-se sempre, durante tres dias, no rumo do noroeste.

Para aquelles que não forem profanos n'estas descripções diremos, que este tempo ou ventania não foi tão furioso que a corveta o não podesse aguentar sempre de kapa seguida; em gavea nos ultimos rizes, traquete, mezena e polaca; com os seus mastaréus de joanetes no convez, lancha e antenas peiadas e escotilhas fechadas. O mar que entrava pela amura e través de barlavento não era muito, o que tambem depõe em favor do navio.

No dia 29 avistámos as ilhas mais do nordeste do archipelago de Chussam, na costa da China. O vento, abonançando, saltou ao sudoeste; e com elle, já bonançoso e o mar plano, forçámos de vêla; e atravessando por entre as mesmas ilhas, chamadas dos *Pescadores*, e pelas outras

maiores que lhes ficam a noroeste, que eram as mesmás entre as quaes tinhamos estado fundeados com o nevoeiro na partida para o Japão, demandámos a foz do grande Yang-Tse-Quiang, que entrámos na manhã do dia 30; e ao pôr do sol chegamos á foz do rio de Wusung, onde, pelas hesitações do piloto pratico da costa da China que tinhamos a bordo, ou pela excessiva baixa da maré, encalhou a corveta levemente na restinga de bombordo.

N'estes rios lodosos da China, e geralmente em todos os de fundo molle, o encalhar em maré baixa não tem nada de perigoso. No rio, ou porto interior de Macau, fica-se sempre encalhado nos grandes baixa-mares. Ferrou-se o panno e passadas duas horas a corveta largou o fundo sem esforço algum; e, com a bujarrona sómente, porque o vento era por cima da terra, veiu fundear ao largo em seis a sete braças de agua.

Em quinze dias apenas tinha-se pois feito a viagem desde o golfo de Yêdo, na costa oriental do Japão, até á China; viagem que todos reputavam duraria quarenta a cincoenta dias, pelas rasões de ser ainda a monção contraria, e pelas difficuldades da navegação e contrariedade das correntes.

O cliper inglez *Maria Luiza* tinha chegado na vespera, havendo partido de Kanagawa no dia 9; gastou pois vinte e um dias. Para as pessoas que o não souberem, diremos que cliper é o nome que se dá a um navio dos mais andadores e de melhores qualidades nauticas.

Pelo que fica dito se fará idéa da grande vantagem que se leva em aproveitar para *tudo* os ensejos favoraveis.

No dia seguinte (31) chegou tambem a Wusung, vindo de Nagazaki em uma pequena escuna ingleza, o sr. conselheiro Guimarães, ministro plenipotenciario que tinhamos levado ao Japão.

Ás dez horas da manhã do dia seguinte, que era o pri-

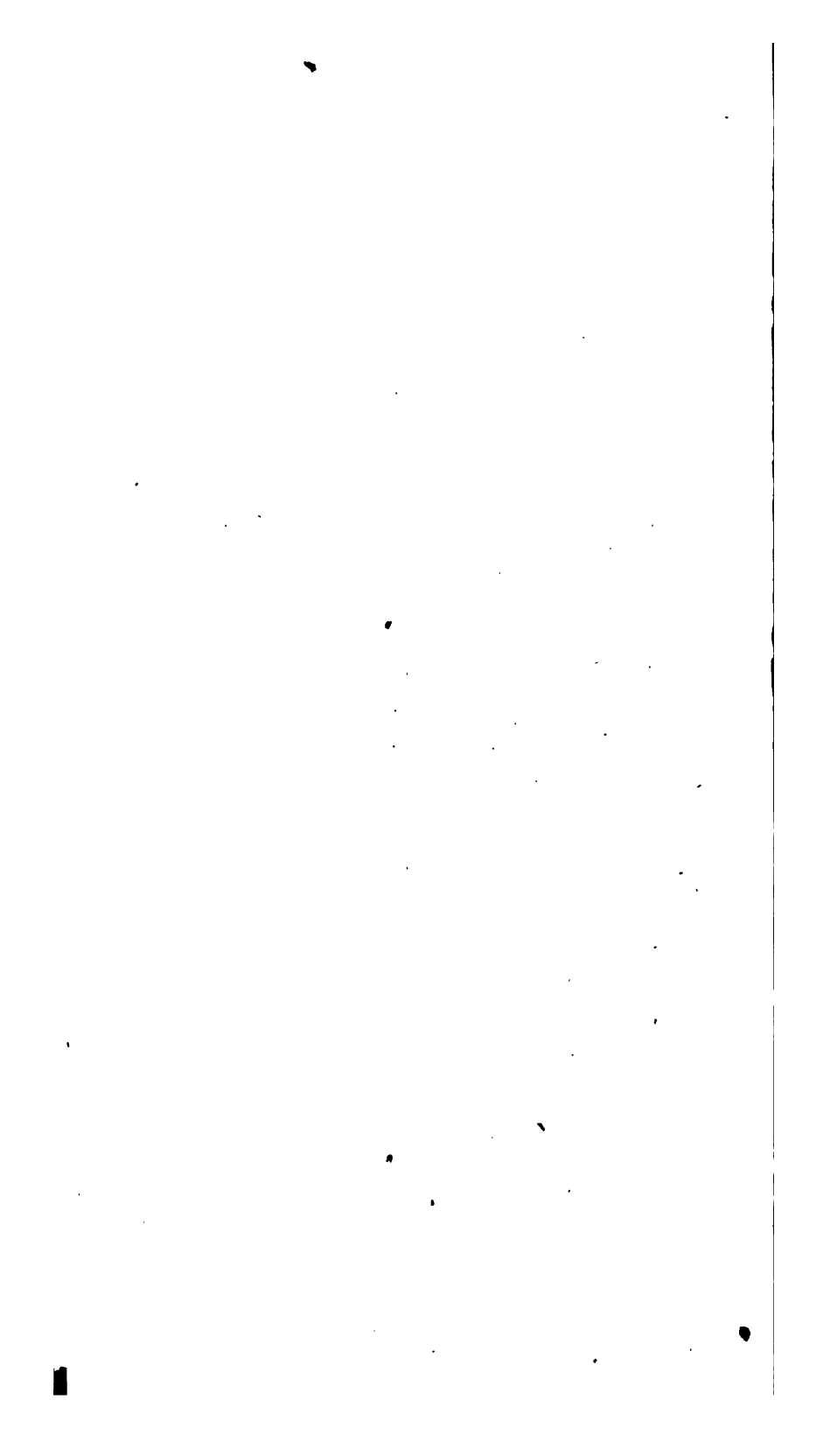
meiro de setembro, fizemos a corveta de véla, e, ajudados por uma briza larga e favoravel, entrámos e subimos o rio de Wusung até Changhae, onde fundeámos ás quatro horas da tarde, em frente dos sumptuosos palacios do consulado portuguez.

E aqui damos fim a esta viagem da corveta *D. João I* á capital do Japão, que é provavelmente o mais interessante episodio da sua ultima commissão ou campanha na estação de Macau e mares da China [1]; e passaremos, na segunda parte d'esta obra, a dar noticia das antigas relações dos portuguezes com o Japão, extractando os auctores contemporaneos ou proximos da epocha em que descobrimos e mais frequentámos aquelle paiz.

[1] Pelo relatorio que dirigimos, na chegada a Lisboa, a sua excellencia o sr. ministro da marinha e ultramar, o qual vae em appendice no fim do volume, se póde ver o serviço que a corveta desempenhou em toda a sobredita companha ou commissão, a qual durou tres annos e vinte dias.

PARTE SEGUNDA

ANTIGAS RELAÇÕES DOS PORTUGUEZES COM O JAPÃO

(EXTRACTOS E FRAGMENTOS)

I

Da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto

Para se poder colher o fructo historico que contém a *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, é necessario ter presentes duas considerações: 1.ª, que o auctor, em rasão dos muitos trabalhos, naufragios e captiveiros que soffreu, não pôde certamente conservar apontamentos por escripto, e que conseguintemente o que escreveu muitos annos depois em Portugal não são mais lo que recordações do que passou, d'onde provém talvez os grandes erros que commette nos nomes proprios; a 2.ª são as exagerações que ás vezes apresenta sobre a grandeza das cidades, dos exercitos, das riquezas dos pagodes e outras; o que é devido por ventura a ter-se servido ou acreditado de mais nas narrações dos indigenas, os quaes foram talvez os que exageraram em cousas que elle não pôde presencear ou calcular.

Outros erros ha que elle commetteu involuntariamente, em rasão do atrazo em que ainda se achavam n'aquella epocha as sciencias nautica e hydrographica.

Feitas porém as necessarias correcções fica sendo um monumento historico de muita valia a sua notavel e extraordinaria *Peregrinação,* hoje mais do que antigamente apreciada por nacionaes e estrangeiros, na qual muito diz que se conforma, e até mesmo esclarece as mais modernas noticias locaes.

Deve-se tambem ter em consideração que Fernão Mendes Pinto não era mais do que um grumete ou soldado de fortuna que o desejo de grangear riquezas levou, como a outros muitos, entre innumeras vicissitudes, a essas remotas regiões da Asia, então apenas descobertas pelos portuguezes.

Não é bem conhecida na *Peregrinação* a data rigorosa em que Fernão Mendes Pinto abordou pela primeira vez ao Japão, onde foi quatro vezes; mas vê-se que foi elle um dos tres portuguezes que primeiro tiveram entrada n'aquelle paiz, nos annos de 1542 ou 1543; sendo estes tres portuguezes os primeiros europeus que tal paiz viram e com elle tiveram communicação.

Tendo sido recebidos a bordo do navio de um pirata china em uma ilha deserta, onde estavam abandonados, elle, Diogo Zeimoto e Christovão Borralho, foram, depois de um combate com outro ladrão ou pirata, e de um vendaval de oessudoeste, corridos até á vista da ilha Tanixuma (Tanegasima), que fórma com a ponta mais meridional das grandes ilhas do Japão o estreito de Van-Diemen, e que já pertence ao Japão, e ahi tomaram porto na calheta de Miaygimaa (Make-sima) [1], onde o pirata, escasseando-lhe a agua e os

[1] Estes nomes que pomos entre parenthesis como emenda aos que traz o auctor, são os que vem nas cartas e roteiros inglezes, os quaes não afiançâmos tambem que estejam em boa orthographia, pois tanto os inglezes como os francezes são talvez ainda menos conscienciosos que Fernão Mendes Pinto na transcripção dos nomes proprios estrangeiros, dizendo, por exemplo, Pedrobranco

mantimentos, se intitulou mercador, e com as fazendas que levava, provavelmente roubadas, entrou a mercadejar e fez muito boa veniaga.

Isto concorda com o que diz a *Historia da igreja do Japão* e outros auctores, havendo só discordancia nos nomes dos portuguezes, não se mencionando Fernão Mendes Pinto, mas sim dois outros; e chamando-se ao Zeimoto, Francisco e não Diogo. Mas a boa hermeneutica pede, ou conduz a acreditar o auctor, que declara haver sido testemunha presencial, e que representa n'esta arribada, como veremos, um dos primeiros papeis.

Existe tambem uma versão muito verosimil de que outros tres portuguezes foram ao Japão logo depois d'estes [1].

O senhor de Tanega-sima, que era genro do rei do Bungo, um dos potentados do Japão na ilha de Kiusiu, vem a bordo do junco ou embarcação china do pirata, e vendo os tres portuguezes faz-lhe muitas perguntas, servindo-se de um interprete china, com cuja nação elles japonezes ha muito tempo tinham relações commerciaes, e lingua que o Fernão Mendes conhecia pelo muito tempo que acabava de estar captivo na China, admira-se de ver ali gente de tão remota parte do mundo, convida-os a virem para terra e ali os agasalha o melhor possivel.

Diogo Zeimoto, que tem uma espingarda (de morrão,

por Pedra branca, ilha de S. Thomás por ilha de S. Thomé, Oporto por Porto, etc., etc.

[1] Para conciliar as controversias que differentes auctores têem tido sobre a discordancia d'estes tres nomes, e firmes na opinião de que houve só um grupo de tres portuguezes que primeiro foram ao Japão, diremos que é muito trivial ainda hoje que aquelles individuos que desertam, ou abandonam os nossos navios para procurar fortuna em paizes distantes, troquem ou mudem os nomes, e que é possivel que o Fernão Mendes Pinto e outros nas suas peregrinações em busca de fortuna, nem sempre conservassem o nome do baptismo.

sem duvida), nas horas de ocio emprega-se em atirar e matar caça de que abunda a ilha; isto causa grande espanto aos japonezes que não conheciam armas de fogo, e ainda mais ao senhor da ilha que fez por isto muitas honras ao Zeimoto, o qual agradecido lhe deu de presente a espingarda e lhe ensinou a fazer a polvora, do que recebeu em recompensa mil taéis de prata, valor que hoje mesmo sobe a mais de 1:200$000 réis. Servindo-se d'esta espingarda como modelo, conta Fernão Mendes Pinto que os japonezes (japões lhes chama elle) fizeram outras muitas, fabricando, só em cinco mezes e meio que ali se demoraram, mais de seiscentas; e que, quando lá voltou em 1556, lhe *affirmaram homens nobres e de respeito* que em todo o Japão havia já mais de trezentas mil. E acaba este capitulo dizendo: «e por aqui se saberá que gente esta é; e quão inclinado por natureza ao exercicio militar, no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem».

Por causa da tal nova invenção da espingarda ía elle Fernão Mendes Pinto sendo degolado, como adiante veremos.

O rei do Bungo, que é uma parte do continente do Japão—permitta-se-nos esta expressão de *continente*, postoque o Japão, como já dissemos na parte geographica, não seja mais que um aggregado de tres grandes ilhas, tão intimamente unidas por estreitos canaes, que não parecem fazer mais que uma sómente, a qual pela grandeza se póde chamar continente quando partirmos ou fallarmos de outras muitas pequenas ilhas que o cercam por todos os lados; o Bungo fica na ilha de Kiusiu—o rei, digo, que era sogro e tio do senhor de Tanega-sima, sabendo da chegada dos tres portuguezes, mandou pedir ao genro por uma carta muito pomposa e floreada (estylo do auctor) que lhe mandasse um para o distrahir na sua doença com as extraordinarias noticias do seu paiz, e é rogado e escolhido

para partir para o Bungo Fernão Mendes Pinto, por ser mais *alegre* e menos *sisudo*.

Partiu pois o auctor em uma embarcação de remos, atravessou em uma noite o estreito chamado hoje de Van-Diemen, que tem umas seis leguas n'este logar, e d'ahi á véla com bom vento entraram na bahia e foram á cidade de Kagosima, a que elle Fernão Mendes Pinto chama Quãguixumaa umas vezes, e outras Canguexumaa.

Tudo isto está perfeitamente em concordancia com o possivel geographico.

D'aqui, pelo canal, segundo suppomos, que fica entre a ilha de Kiusiu e a de Sikok, e tambem em jornadas por terra, foi ter á capital do Bungo, a que o auctor chama Fucheo.

N'esta capital é bem recebido pelo Oregendoo, rei ou senhor d'esta parte do Japão, o qual, como já dissemos, estava enfermo, e não só o distrahe e recreia com as suas exageradas historias das cousas de Portugal, como tambem lhe indica a infusão de um pau ou raiz que o cura completamente.

Achando-se pois o auctor nas boas graças d'este senhor japonez, lhe aconteceu um caso que lhe ía custando a vida; e como é natural que aos nossos leitores lhe aconteça o mesmo que nos acontece, que é rirmo-nos um pouco hoje dos muitos sustos e desgraças que aconteceram a este pobre homem, especialmente quando são narradas por elle mesmo com a sua ingenuidade do costume, daremos um excerpto da sua *Peregrinação,* contando o seguinte:

«O segundo filho del Rey, por nome Arichandono, moço de dezasseis até dezassete annos, &. a quem elle era muyto affeiçoado, me requereo algumas vezes que o quisesse insinar a tirar, de que me eu escusey sempre, dizendo que avia mister muyto tempo para o aprender, porem elle não aceitando esta minha razão, fez queixume de mym a seu

pay, o qual pelo comprazer me rogou que lhe desse hum par de tiros para lhe satisfazer aquelle apetite, a que respondy que dous, & quatro, & cento, & quantos sua alteza mandasse; & porque elle neste tempo estava comendo com seu pay, ficou para despois que dormisse a sesta, o qual inda aquelle dia não teve effeito, porque foy aquella tarde com a Rainha sua mãy a hum pagode de grande romagem, onde fazia huma festa pela saude del Rei. E logo ao outro dia seguinte, que foy hum sabado vespera de nossa Senhora das Neves, se veyo pela sesta á casa onde eu estava, sem trazer comsigo mais que sós dous moços fidalgos, onde me achou dormindo sobre huma esteyra, & vendo estar a espingarda pindurada, não me quiz acordar, com proposito de tirar primeyro hum par de tiros, parecendolhe, como elle despois dezia, que naquelles que elle tomava não se entenderião os que lhe eu prometera, & mandando a hum dos moços fidalgos que fosse muyto caladamente accender o murrão, tirou a espingarda donde estava, & querendoa carregar como algumas vezes me tinha visto fazer, como não sabia a quantidade de polvora que lhe avia de lançar, encheo o cano em comprimento de mais de dous palmos, & lhe meteo o pilouro, & a pôs no rosto & apontou para huma larangeyra que estava defronte, & pondolhe o fogo, quiz a desaventura que arrebentou por tres partes, & deu nelle & lhe fez duas feridas, huma das quais lhe decepou quasi o dedo polegar da mão direita, de que o moço logo cahio no chão como morto, o que vendo os dous que com elle estavão, forão fugindo caminho do paço & gritando pelas ruas hião dizendo, a espingarda do estrangeyro matou o filho del Rei, a cujas vozes se levantou hum tamanho tumulto na gente, que toda a cidade se fundia, acudindo com armas & grandes gritas á casa onde o pobre de mim estava, & ja então qual Deos sabe, porque acordando eu com esta revolta,

& vendo jazer o moço no chão junto de mim ensopado todo em sangue, sem acudir a pé nem a mão, me abracey com elle ja tão desatinado & fóra de mim que não sabia onde estava. Neste tempo chegou el Rey debruçado sobre huma cadeyra que quatro homens trazião aos ombros, & elle tão coado que não trazia cor de homem vivo, & a Raynha a pé sobraçada em duas molheres, & ambas as filhas da mesma maneyra em cabello cercadas de grande quantidade de senhoras & gente nobre, as quais vinhão todas como pasmadas, & entrando todos na casa, & vendo jazer o moço no chão como morto, & eu abraçado com elle ensopados ambos em sangue, assentarão todos totalmente que eu o matara, & arremetendo dous dos que aly estavão a mym cos treçados nús nas mãos me quiseram logo matar, porem el Rey bradou rijo dizendo, ta, ta, ta, inquiranno primeyro, porque sospeito que vem esta cousa de mais longe, porque póde ser que peitassem este homem alguns parentes dos tredos de que o outro dia mandey fazer justiça. E chamando então os dous moços fidalgos que se acharão aly com seu filho, os inquirio com grandes preguntas, a que responderão que a minha espingarda o matara com huns feitiços que tinha dentro no cano, a que os circunstantes todos disserão com huma grita muyto grande: pára que he senhor ouvir mais? deselhe logo cruel morte. Com isto mandarão logo a grande pressa chamar o Jurubaca que era o interprete por quem me eu entendia com elles, que neste tempo tambem era fugido com medo, & o trouxerão preso diante del Rei, & perante elle & toda a justiça lhe fizerão hum preambulo de muytos ameaços se não falasse verdade, a que elle tremendo & chorando respondeo, que elle a diria. Então fizerão logo aly vir tres escrivães, & cinco algozes com treçados dambas as mãos arrancados, & eu ja neste tempo estava com as minhas atadas, & posto em joelhos diante delles, & o Bonzo As-

querão teixe que era o Presidente da justiça, cos braços arregaçados, & huma gomia tinta no sangue do mesmo moço na mão me disse, eu te esconjuro como a filho do diabo que es, & culpado neste crime tão grave como os habitadores da casa do fumo metidos na concava funda do centro da terra, que aquy em voz alta que todos te oução me digas qual foi a causa porque quiseste que a tua espingarda com feitiçarias matasse este innocente menino que todos tinhamos por cabellos da nossa cabeça? a que eu por então não respondy palavra por estar tão fóra de mim que ainda que me mataram cuydo que o não sentira, porem elle com sembrante feroz & irado me tornou a dizer, se não responderes a minhas preguntas te ey por condenado a morte de sangue, & fogo, & agoa, & assopro de vento, para nos ares seres despedaçado como penna de ave morta que se divide em muytas partes. E com isto me deu hum grande couce para que espertasse, & me tornou a dizer, falla, confessa de quem foste peitado, & quanto te derão, & como se chamão, & onde vivem? a que eu algum tanto ja mais esperto, respondy, que Deos o sabia, & a elle tomava por Juiz desta causa, elle com tudo não contente com que tinha feito, me fez outros muytos ameaços de novo, & me pôs diante outros muytos espantos & terribilidades em que se gastou espaço de mais de tres horas, dentro nas quais prouve a nosso Senhor que o moço tornou em sy, & vendo seu pay & sua mãy junto consigo banhados em lagrimas lhes disse que lhes pedia muyto que não chorassem, nem demandassem a ninguem a sua morte, porque só elle fôra a causa della, & que eu não tinha culpa nenhuma, pelo que lhes tornava a pedir muyto pelo sangue em que o vião banhado, que me mandassem logo soltar, & senão que tornaria a morrer de novo, & el Rey me mandou tirar logo as prisões com que os algozes me tinham atado. Neste tempo chegarão quatro

bonzos para o curarem, & vendoo da maneyra que estava, & com dedo polegar pendurado, fizerão tamanho caso disto que o não sey dizer, o que ouvindo o moço, começou a dizer, tiremme esses diabos de diante, & tragãome outros qne me não digão da maneyra que estou, pois foy Deos servido que estivesse eu desta maneyra. E despidindo logo estes quatro, vierão outros, os quais se não atreverão a curar as feridas, & assi o disserão a seu pay, de que elle ficou assaz triste & desconsolado, & tomando sobre isto o parecer dos que estavão com elle, lhe aconselharão que devia de mandar chamar hum bonzo por nome Teixe andono muyto afamado entre elles, que estava então na cidade de Facataa que era daly setenta legoas, a que o moço assi ferido respondeo, não sey que diga a esse conselho que dais a meu pay estando eu da maneyra que todos vedes, porque onde ouvera ja de ser curado para se me estancar o sangue, quereys que espere por hum velho podre que está daquy cento & quarenta legoas de ida & de vinda, que primeyro que cá chegue se passará hum mes, desafrontay esse estrangeyro, & segurayo do medo que lhe tendes posto, & despegem esta casa, que elle me curará como souber, porque antes quero que me mate hum homem que tanto tem chorado por mim como esse coitado que o Bonzo de Facataa de 92 annos, & sem vista nos olhos.»

Por fim cura o rapaz que fica sem lesão; recebe por isso muitos presentes de peças de seda, espadas e ventarolas, que lhe dá a rainha, as princezas e os fidalgos, e de el-rei seiscentos taéis; e parte para Tenega-sima e d'ahi para Ning-pó, a que elle auctor, chama Liampó ou Liâpoo, onde dá aos mercadores portuguezes ahi estabelecidos a noticia da descoberta do Japão e dos grandes lucros que ali se podem obter pelo commercio; o que faz com que os mesmos mercadores se disputassem com as

armas na mão, uns aos outros, toda a fazenda apropriada que havia no mercado, e carregassem nove juncos, que fizeram immediatamente partir de Ning-pó «contra vento, contra monção, contra maré, e contra rasão», diz o auauctor, os quaes logo á saída soffreram tamanho temporal que, segundo assevera tambem o nosso Pinto, deram todos á costa em uma restinga da terra do Lequio ou ilha Lequia, que é a maior do archipelago que nas cartas americanas chamam Lew-chew e nas inglezas Lon-tchou ou Loo-choo. N'este naufragio, em que elle tambem se achou, conta que morreram seiscentas pessoas, nas quaes se contavam cento e quarenta portuguezes honrados e ricos, e se perderam mais de trezentos mil cruzados de fazendas, somma enorme para aquelles tempos.

De mau agouro foi sem duvida este começo das emprezas e relações commerciaes dos portuguezes com o Japão; e até estes ultimos tempos tem tido rasão o agouro: esperâmos porém que de hoje em diante, se esse commercio for aproveitado por nós os portuguezes, o que muito duvido, o agouro poderá ser desmentido.

É porém fóra de duvida que de Ning-pó se estabeleceram por algum tempo relações commerciaes com o Japão, até á destruição dos portuguezes d'aquella cidade ou estabelecimento, successo que teve logar, governando a India o vice-rei Martim Affonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca Rui Vaz Pereira Marramaque.

Note-se que em todas estas datas nos reportâmos ao testemunho do proprio Fernão Mendes Pinto.

A segunda vez que o auctor voltou ao Japão foi partindo de Malaca em 1546 em uma nau (navio de gaveas) de Simão de Mello, capitão da fortaleza; a qual nau era capitaneada por um Jorge Alvares, natural de Freixo de Espada á Cinta, e levava carga para commercio.

De Malaca a avistarem Tanega-sima, gastaram vinte e

seis dias; e não querendo entrar na bahia de Kago-sima correram costa acima do lado oriental do Japão e foram ao porto e cidade de Fucheo, capital do reino do Bungo, onde foram muito bem recebidos pelo rei e por todos; e com muita franqueza de direitos nas fazendas que levavam, fizeram muito boa veniaga; e ainda melhor seria se emquanto ali estiveram não houvesse um levantamento no reino, no qual mataram o rei; cujos pormenores passa a contar. E como este caso póde talvez servir á historia do Japão, mostra o caracter sanguinario dos seus habitantes e dá algumas idéas dos usos e costumes d'aquelles povos em tal epocha, usos e costumes que muito pouco differem dos actuaes, copiaremos aqui o auctor, conservando-lhe, como costumâmos, a propria orthographia:

«Andava na corte deste Rey de Bungo no tempo que aquy chegamos hum mancebo por nome Axirandono, sobrinho del Rey de Arimaa, o qual por agravos que tivera del Rey seu tio avia ja mais de hum anno que se viera para esta corte, & fazia então ja fundamento de não tornar mais a sua terra, mas socedendo por sua boa fortuna, fallecer n'este meyo tempo el Rey seu tio sem aver quem socedesse no reyno, o declarou a elle por seu herdeyro. O Fucarandono de que pouco ha fiz menção, vendo quanto este principe lhe armava para o casar com huma filha que tinha, pedio a el Rey de mercê que lhe quisesse ser terceyro nisto, & tratar este casamento, o que lhe elle concedeo levemente. E para isto convidou el Rey hum dia o principe para se yr desenfadar a hum bosque daly duas legoas, onde tinha muyta caça, & outros desenfadamentos, a que dezião que elle era muyto inclinado, & o levou consigo, & lá lhe fallou no casamento, & lhe mostrou que levaria muyto gosto de lho elle não negar. E o principe lho outorgou de boa vontade, de que el Rei se mostrou grandemente satisfeito; & man-

dando logo ao outro dia chamar o Fucarandono á cidade, lhe disse o que tinha feito no casamento de sua filha co Rey de Arimaa, pelo que lhe era necessario irlhe logo dar as graças, & grangeallo daly por diante como a filho mimoso para o fazer mais conforme a sy, pois nisso assi elle como sua filha ganhavão tanto, porque lhe affirmava em verdade de Rey que muitas vezes o cubiçara para genro. O Fucarandono se lançou aos peis del Rey, & lhos beijou com palavras convenientes á obrigação em que lhe estava por tamanha mercê & honra como aquella que por seu meyo Deos lhe tinha feito. E daly se foy logo para sua casa, onde com grande alvoroço & contentamento deu conta do que passava a sua molher, & a seus filhos & parentes, de que todos ficarão muyto alegres, & se derão por isso muytas alvissaras huns aos outros, como entre elles se costuma em desposorios tão honrados como estes. A may da noiva, que neste gosto mostrava ter a maior parte, se foy muyto contente a huma camara onde a filha então estava lavrando com outras moças nobres de seu serviço, & a trouxe pela mão á sala onde o pay estava com todo aquelle ajuntamento de irmãos, & tios, & parentes seus, & todos lhe derão os parabens de tamanha honra & lhe fallarão por alteza como a Raynha que ja era do reyno de Arimaa, & desta maneyra se passou aquelle alegre dia em festas & banquetes, & visitações de senhoras, em que ouve muitas dadivas de peças ricas. Mas como o bem ou mal dos negocios desta qualidade está mais no que despois se segue nelles, que no que nelles se começa, destes bons & alegres principios destes desposorios se seguirão despois tamanhos males & desaventuras, que vierão a ser quasi iguais com aquelles de Sião de que atrás tenho contado. E digo isto, porque assi o posso affirmar com verdade, pois ambos estes successos vy com meus olhos, & em ambos me achey presente com assaz de pe-

rigo meu. Àquelle dia todo se gastou em visitações dos nobres do reyno, & neste geral contentamento, só a noiva estava descontente, porque era em estremo affeiçoada a hum certo mancebo fidalgo filho de hum que se dezia Groge Aarum, que he como barão entre nós, mas muyto differente no ser, no estado, & na valia, do Fucarandono pay da noiva. Pelo qual constrangida ella do amor que lhe tinha, tanto que foy noite, lhe mandou dizer pela secretaria destes seus negocios que logo em todo caso a viesse tirar de casa de seu pay antes que fizesse de sy algum desatino. O mancebo, que tambem não estava livre desta affeição, veyo ter com ella ao lugar por onde custumava de lhe fallar, & ella o importunou de maneyra, que a elle lhe foy forçado tirala logo de casa de seu pay, & daly foy meter num mosteyro, de que era Abadessa huma sua tia delle, onde esteve encerrada nove dias sem se saber parte de cousa nenhuma. Ao outro dia pela menham cedo a aya que tinha cuydado della a foy buscar ao lugar onde a deixara a noite dantes, & não a achando nelle, entrou na camara de sua may, parecendo-lhe que por ser dia de festa se estaria lá enfeitando, ou outra cousa desta maneyra; & como tambem a não achou lá, se tornou á camara onde ella dormia, onde vio huma janella que cahia sobre hum jardim aberta, & hum lançol feito em tiras pindurado da grade, & huma alparca sua embaixo no chão, & imaginando o que podia ser, ficou de todo fóra de sy, & sem esperar mais foy logo dar rebate a sua may, que ainda neste tempo jazia na cama, ella sobresaltada com esta nova, se levantou logo com muita pressa, & buscando com muyta diligencia todas as casas das molheres onde lhe pareceo que podia estar, a não achou, de que dizem que ficou tão pasmada que supitamente cahio no chão com hum accidente de que logo morreo. O Fucarandono que inda até então não sabia parte do que passava, ouvindo a grita

& a revolta das molheres, acudio muito depressa a saber o que era, & sendo certificado da fugida de sua filha, mandou logo recado a alguns seus parentes, os quais espantados da novidade daquelle triste successo & não esperado, vierão logo ter com elle, & tratando todos entre sy do que então se devia de fazer naquelle negocio, assentarão de o levarem por todo o estremo de rigor quanto fosse possivel, & começando logo nas molheres que em casa avia, de cento que erão, não ficou então nenhuma que não fosse degolada, & as principais dellas feitas em quartos, com achaque de serem sabedoras daquella fogida. E lançando huns & outros varios juizos onde a moça podia estar, lhes pareceo bem a todos não se fazer nisto mais diligencia alguma, sem se dar primeyro conta a el Rey do que passava, o que logo puserão por obra, & lhe pedirão muyto que mandasse buscar certas casas que lhe elles apontarão, de que el Rey se escusou, assi por não afrontar os senhores dellas, como por arrecear o motim que este desmancho podia causar. O Fucarandono agravado del Rei porque lhe não fizera o que lhe pedira, se tornou para sua casa cos seus parentes, & assentou com elles de por sy só fazer tudo o que neste caso lhe parecesse que era sua honra; porque de gente fraca & que podia pouco era requerer por justiça o que por sy não podia effeituar. E como estes Japões são muyto mais ambiciosos de honra que todas as outras naçoens do mundo, determinou este de levar em tudo ao cabo seu intento, sem pôr diante inconveniente nenhum que se lhe offerecesse. E para isto deu rebate a quantos parentes seus avia na corte, os quais se ajuntarão todos com elle aquella noite, & dandolhe elle conta desta sua determinação, todos lha aprovarão & ouverão por boa. E sem se deterem mais, derão logo nas casas daquelles onde lhes pareceo que podia estar a moça escondida, os quais ja a este tempo tambem estavão pro-

vidos de gente, pelo receyo que tinhão do que podia ser, onde a revolta & a desaventura foy de maneyra, que so nesta pequena parte que ficava por passar da noite se matarão de huns & dos outros passante de doze mil pessoas. A este desmancho acudio ja por derradeyro el Rey em pessoa com a guarda que tinha consigo a ver se os podia pôr em paz, porem a cousa andava ja tão acesa, & a elle o tratarão de tal maneyra que despois de o desacatarem algumas vezes, se veyo a voltar a furia toda contra elle, & lhe matarão tantos dos seus que lhe foy forçado vir-se retirando ja com muyto poucos para as suas casas, porem nem isso ja então lhe aproveitou, porque até lá o seguirão, & nellas o acabarão de matar, & a toda a gente que nellas avia, que, segundo se affirmou, passarão de quinze mil pessoas, em que entrarão vinte & seis Portuguezes de quarenta que se acharão com elle. E não contentes ainda estes ministros de Satanás com este tamanho desmancho, & co mal que tinhão feito, derão tambem nas casas da Raynha, que então jazia doente na cama, & aly a matarão com tres filhas suas, e mais de quinhentas molheres. E com a furia & desatino que trazião puserão fogo á cidade por seis ou sete partes, o qual ajudado do vento que então assoprava com muyta força, se ateou de tal maneyra, que em menos de duas horas a maior parte della foy toda queimada. E nós os dezassete Portuguezes que escapamos nos recolhemos á nao com muyto trabalho, na qual milagrosamente nos salvamos com largarmos as amarras, & fugirmos para o mar. Tanto que a menham foy clara os alevantados todos, que neste tempo serião ainda mais de dez mil, despois de roubarem toda a cidade, se dividirão em duas batalhas, & se vierão retirando para um teso que se dezia Canafamaa, no qual se fizerão fortes, com tenção de fazerem Rey que os governasse, porque ja neste tempo o Fucarandono era morto de huma

lançada que lhe atravessou a garganta, & assi todos os mais seus parentes, que forão os que derão principio a este diabolico alevantamento.

«Naquelle mesmo dia se deu rebate de tudo o que era passado ao principe filho del Rey, que naquelle tempo estava na sua fortaleza de Osquy, sete legoas da cidade Fucheo, o qual assaz sobresaltado com esta nova, despois que lamentou a morte de seu pay, se quisera vir logo meter na cidade com alguns privados seus que então sómente tinha comsigo, porem o Fingeindono seu ayo lho não consintio, pondolhe diante muytas razoens que avia para o não fazer até se não saberem os termos em que aquelle negocio então estava, porque de crêr era que quem se determinara a matar seu pay, não arrecearia matallo tambem a elle, pois tinha ainda poder para isso, & elle então para se defender não tinha nenhum; mas que com toda a presteza ajuntasse logo toda a mais gente que lhe fosse possivel, porque com ella sojeitaria & castigaria seus inimigos. Ao principe pareceo bem este conselho, & despois de prover no mais necessario conforme ao tempo em que estava, mandou tocar o buzio á chara Japão, com todos os mais que tinha aly comsigo, com que a terra toda foy tão revolta que faltão palavras para o encarecer. E paraque isto se entenda milhor, hase de saber que por ley ou custume antigo deste reyno Japão, todo o morador de qualquer lugar que seja, do mayor atè o mais pequeno, he obrigado a ter em sua casa hum buzio, o qual so gravissimas penas, nenhum tocará senão só em huma de quatro cousas, as quais são, arroido de brigas, fogo, ladrões, & caso de traição: & logo no tocar do buzio se sabe o paraque se toca, porque para brigas se toca huma vez somente, para fogo se toca duas, para ladrões tres, & para caso de traição se toca quatro vezes. E tanto que o primeyro tocar o buzio, todos os outros que o ouvirem são obrigados

a tocarem logo os seus so pena de morte, & da maneyra que o primeyro toca, tocão tambem todos os outros, paraque se saiba distintamente o que he, & não aja ahy confusão. E por que este sinal da traição não he tão ordinario como os outros, que custumão a acontecer muytas vezes, quando a caso acontece tocarse, faz tamanho espanto na gente, que sem fazerem hum só momento de detença, largão todos tudo, & vão correndo ao lugar onde se tocou o primeyro buzio, & desta maneyra corre este rumor com tanta pressa, que dentro de huma hora se apellidão mais de vinte lugares em roda. Tornando pois agora ao que hia dizendo, tanto que o principe proveo neste negocio por esta via com mostras de grandissimo animo, & de bom Capitão, se recolheo para huma casa de religiosos que estava no meyo do bosque, na qual se encerrou tres dias, & tornou de novo a lamentar a morte de seu pay, & may, & irmãs com muytas lagrimas & tristeza, no fim do qual tempo, por ser ja muyta a gente que era junta, se desencerrou para prover no que convinha á segurança do seu reyno, & ao castigo dos culpados, aos quais logo mandou tomar os estados, & assolar as casas com pregões tão espantosos que tremião as carnes de os ouvir. Passados sete dias despois que aconteceo este triste caso, porque então avia ja aly muyta gente junta, & aquella terra era falta de mantimentos, foy aconselhado o principe que fizesse o que pretendia antes que os dez mil do motim se espalhassem por diversas partes, & elle se partio deste lugar de Osquy para a cidade com hum grosso campo de gente muyto luzida & bem armada, o qual foy esmado em cento & trinta mil homens, de que os dezassete mil erão de cavallo, & os mais de pé, & todos gente para qualquer grande feito. E chegando á cidade foy bem recebido de todo o povo, mais com mostras de muyta tristeza & sentimento pela morte de seu pay, & não se quiz logo yr ás casas

reais, mas assi de caminho como hia se foy decer ao pagode onde seu pay estava enterrado, no qual lhe celebrou as exequias com hum fausto & huma pompa funebre de muyto custo ao seu modo, que durarão aquellas duas noites seguintes, com infinidade de luminarias, onde por fim de tudo lhe foy mostrada a roupa que seu pay tinha vestida quando o matarão ensopada ainda em sangue, sobre a qual elle fez juramento de não perdoar a nenhum dos culpados, inda que mil vezes se fizessem bonzos, & queimar por essa causa todos os templos onde fossem achados, se cuydassem de os tomarem por seus valhacoutos. Ao quarto dia da sua entrada foy alevantado por Rey, com pouco fausto & cerimonia por razão da sua tristeza, & logo daly abalou com cento & sessenta mil homens para o lugar onde os culpados estavão recolhidos, sobre os quais se pôs de cerco, & fechou a serra toda em roda paraque não pudessem fugir, onde os teve postos em muyto aperto por espaço de nove dias, & vendo elles que não tinhão mantimento, nem esperança de socorro algum, ouverão por milhor partido morrerem no campo como esforçados, que estarem cercados como covardes. E determinados todos neste parecer, decerão do cume da serra onde estavão, por quatro partes, huma noite chuvosa & de grande escuro, & dando no campo del Rey, que ja a este tempo estava todo posto em ordenança por aviso que disto teve, a briga se travou entre elles de tal maneyra, & com tanto odio & impeto de ambas as partes, que durando até duas horas de dia, em fim se veyo a averiguar com ficarem no campo trinta & sete mil mortos, em que entrarão todos os dez mil alevantados, sem nenhum delles se querer salvar, o que alguns puderão fazer; das quais mortes el Rey se mostrou muyto sentido, & recolhendo-se logo para a cidade, a primeyra cousa em que proveo foy na cura dos feridos em que ouve assaz de detença, por serem, segun-

do se disse, mais de outros trinta mil, de que despois inda morreo huma grande quantidade.

«Acabada esta revolta com tanto custo de todas as partes, como a terra ficou toda assolada, & os mercadores erão todos fugidos, & el Rey estava com determinação de se sayr da cidade, nós os poucos Portugueses que ainda ahy estavamos (porque como o tempo nos deu lugar nos tornamos a surgir no porto da cidade) desconfiados de podermos ahy estar seguros, & de termos quem nos comprasse nossas fazendas, nos fizemos á vella, & nos passamos a outro Porto daly noventa legoas, que se chamava Hiamangoo, na bahia de Canguexumaa, onde estivemos dous meses & meyo sem podermos vender cousa nenhuma, porque toda a terra estava tão cheya de mercadorias da China, que se perdia do proprio mais das duas partes, porquê não avia porto, nem enseada, nem angra em toda esta ilha de Japão, onde não estivessem surtos trinta quarenta juncos, & em algumas partes mais de cento, como foy em Minatoo, Tanoraa, Fiunguaa, Facataa, Angunee, Ubra, & Canguexumaa, de maneyra que naquelle anno forão da China a Japão de veniaga passante de duas mil embarcações, & era a fazenda tanta & tão barata, que o pico de seda que naquelle tempo se comprava na China por cem taeis, se vendia em Japão por vinte & cinco, vinte & oito, & o mais a trinta, & ainda com muyta aderencia, & todas as mais sortes de fazendas tinhão nos seus preços esta mesma baixa, pelo qual ficamos de todo perdidos sem nos sabermos determinar o que fizessemos de nós. Mas como Deos nosso Senhor com seus occultos juizos ordena todas as cousas suavemente por huns meyos que nos embaração o entendimento, permitio elle pela razão que elle só entende, que com a lua nova de Dezembro, que foy aos cinco dias do mes, sobreviesse huma tão grande tempestade de chuveyros & ventos, que destas embarca-

ções todas nenhuma ficou que não désse á costa, de maneyra que achou que chegara a perda que fez esta tormenta a mil & novecentos & setenta & dous juncos, em que entrarão vinte & seis de Portugueses, em que morrerão quinhentos delles, a fóra mais de mil pessoas Christãs, & se perderão oitocentos mil cruzados de emprego da China. E dos Chins se affirmou que alem das mil & novecentas & trinta & seis embarcaçoens, se perderão passante de dez contos douro, & cento & sessenta mil pessoas. Deste tão copioso, & tão miseravel naufragio se não salvarão mais que dez où doze embarcações, das quais foy huma a em que eu vinha, & ainda essas milagrosamente, as quais despois venderão as suas fazendas a como quiserão. Nós, despois de termos feito nosso emprego, & estarmos prestes para nos partirmos, nos quisemos fazer á vella hum dia de Reys pela menham, & ainda que por huma parte bem contentes, porque fizemos aquy tanto proveito que todos hiamos ricos, todavia por outra assaz tristes, por vermos que fôra á custa de tantas vidas & de tantas fazendas, assi dos nossos naturais como dos estrangeyros. E estando nós ja com as amarras levadas, & o traquete dado para seguirmos nossa viagem, nos quebrarão supitamente as ostagas da vella grande, & vindo a verga abaixo, se fez nos alcatrates da nao em quatro pedaços, por onde nos foy forçado tornarmos a surgir, & mandarmos o batel a terra a buscar huma entena, & carpinteyros que nola aparelhassem, & com isso mandamos hum presente de peita ao capitão do lugar, paraque nos désse com brevidade aviamento do necessario, & elle nolo deu tão bom que naquelle mesmo dia se tornou a nao a pôr no primeyro estado, & ainda milhor do que estava. E tornando nós outra vez a levar a amarra para nos fazermos á vella, nos quebrou pelo ourique da ancora onde estava talingada, & porque nos não ficara na nao mais que outra sómente, nos

foy forçado trabalharmos todo o possivel pela não deixarmos, pela muyta necessidade que tinhamos della, & para isto mandamos a terra buscar margulhadores, os quais por dez cruzados que lhe derão, forão logo de margulho onde estava a ancora, que era em vinte & seis braças de fundo, & lá lhe guarnecerão hum calabrete, com que co cabrestante a guindamos acima, inda que foy com assaz de trabalho, no qual todos andamos occupados, & se gastou nelle a mayor parte da noite; & como a menham esclareceo, nos pusemos de verga dalto para nos partirmos. E sendo a nao ja de todo levada, co traquete mareado, & a vella grande disferida, nos acalmou o vento supitamente, com que a corrente da agoa, que era muyto grande, nos lançou junto de hum morro, onde nos vimos de todo perdidos sem nos aproveitar todo o nosso trabalho, nem toda a nossa diligencia, pela qual nos socorremos ao milhor & mais certo remedio que foy chamarmos com muyta instancia pela Virgem nossa Senhora com cujo favor nos salvamos daquelle perigo. No meyo deste trabalho & medo com que todos andavamos, vimos decer de cima do morro a grande pressa dous homens de cavallo, os quais nos capearão com huma toalha, & nos bradarão rijo que os tomassemos, & como a novidade do caso nos pôs em desejo de saber o que aquillo era, se mandou logo a manchua a terra bem esquipada, & porque aquella noite me tinha fugido hum moço meu com outros tres, cuydando eu que podia aquillo ser algum recado delle, pedy a Jorge Alvares Capitão da nao, que me mandasse na manchua, & elle me mandou com outros dous companheyros comigo; & chegando nós á praya onde os dous de cavallo ja estavão, hum delles, que parecia ser o mais honrado, me disse, porque o tempo senhor não sofre muyta dilação, porque me temo de muyta gente que vem trás mim, te peço pela bondade do teu Deos, que sem pores diante duvida ou in-

conveniente algum, me recolhas comtigo. Com as quais palavras eu fiquey tão embaraçado que me não soube determinar no que fizesse, mas porque dantes tinha eu ja visto aquelle homem por duas vezes naquelle lugar de Hiamangoo em companhia de alguns mercadores, me movy a tomallo, & despois que os mety dentro na manchua a elle & a seu companheyro, aparecerão quatorze de cavallo que vinhão após elle, os quais chegando com grande grita á praya onde eu estava, me disserão dá cá esse tredro, & senão matartemos. E logo após estes vierão outros nove, de maneyra que se ajuntarão aly vinte & tres de cavallo, sem homem nenhum de pé. Eu arreceoso do que podia ser, me afastey para o mar hum bom tiro de bésta, & de lá lhes preguntey o que querião, & elles me responderão, se levares esse Japão (sem fazerem conta do seu companheyro) sabe que mil cabeças de outros tais como ty hão de pagar o que agora fazes. Ás quais palavras eu lhe não quiz responder, & vindome com elles ambos a bordo os mety dentro na nao, inda que foy com assaz de trabalho, onde ambos forão bem providos pelo capitão & pelos Portugueses que aly estavão, de tudo o que lhe era necessario para huma tão longa viagem. E se me eu detive agora em particularizar as miudezas destes trabalhos, foy pelo successo que elles tiverão, de que espero tratar lá adiante, paraque claramente se vejam os meyos por onde nosso Senhor ordena ser louvado, & a sua santa Fé exalçada, como adiante se verá por este homem Japão, cujo nome era Angiroo. »

Este japonez, que foi assim salvo de ser talvez assassinado pelos outros, voltou n'aquella nau para Malaca, onde estava n'essa occasião ou chegou pouco depois S. Francisco Xavier (1547), que havia pouco tempo tinha ali chegado de prégar e converter nas Molucas, o qual tomou o japonez comsigo e o levou para Goa, onde foi baptisado com o

nome de Paulo da Santa Fé, e que depois, como veremos, acompanhou o mesmo santo ao Japão.

A terceira vez que Fernão Mendes Pinto voltou ao Japão foi em 1551 na nau de que era capitão Duarte da Gama, e encontraram lá S. Francisco Xavier, que, propagando a religião catholica de terra em terra, tinha chegado até Miako, e que veiu buscar a sobredita nau portugueza que estava no reino do Bungo, no porto de Finge; e ali foi recebido por Duarte da Gama com grandes honras e salvas, e acompanhado ás audiencias do rei com grande sequito de cavalleiros portuguezes ricamente vestidos, o que concorreu muito para lhe dar grande consideração para com o mesmo rei e seus vassallos, e para lhe obter um completo triumpho nas disputas que o santo teve com os bonzos na presença do mesmo rei, independentemente das verdades que annunciava.

Em Firando, onde a propaganda tinha tido grande incremento, ficára o padre Cosme de Torres, que o santo havia levado em sua companhia para o Japão.

Quarenta e seis dias se demorou o santo na cidade de Funcheo, capital do Bungo, n'estas disputas com os bonzos mais notaveis por letras, na presença do rei, e como este se mostrava muito favoravel ás doutrinas do santo, os bonzos trataram de amotinar o povo, o que íam conseguindo, a ponto que o capitão da nau Duarte da Gama e os mais portuguezes foram busca-lo a uma pobre casa onde habitava e instaram com elle para que viesse para bordo, o que elle recusou, dizendo que muito ditoso se julgaria se obtivesse o martyrio; mas os portuguezes não o quizeram abandonar e levaram a nau para proximo da habitação do santo, o que aquietou o povo e confundiu muito os bonzos, os quaes, desacreditando muito o santo pela sua pobreza viam que elle tinha naus e homens ricos e animosos á sua disposição.

Finalmente o santo padre, talvez por não prejudicar os portuguezes com a demora, despediu-se d'el-rei do Bungo e partiu na nau para a China.

Como não tem immediata relação com as cousas do Japão não contaremos o grande temporal que a nau soffreu na travessa para a China, nem o milagre que se attribue ao mesmo santo, o que tudo se póde ler no auctor.

Conta Fernão Mendes Pinto que pela tarde do dia em que desembarcou em Goa o corpo de S. Francisco Xavier, que foi a 20 de fevereiro de 1554, chegára á mesma cidade um portuguez por nome Antonio Ferreira, casado em Malaca, com um presente de peças ricas para o vice-rei da India, que era então D. Affonso de Noronha, que lhe mandava do Japão el-rei do Bungo com uma carta do seguinte teor:

«Illustre & de magestade muyto rica senhor Visorrey dos limites da India, leão espantoso nas ondas do mar, por força de naos & de bombardas grossas, eu Yacataaandono Rey do Bungo, de Facataa, de Omanguche, & da terra de ambos os mares, senhor dos Reys pequenos das ilhas da Tosa, Xemenaxeque, & Miaygimaa, te faço saber por esta minha carta que ouvindo eu os dias passados o padre Francisco Chenchicogim praticar da nova ley do criador de todas as cousas que ás gentes de Omanguche andava pregando lhe promety em segredo fechado em meu coração que tornando elle a este meu reyno tomaria de sua mão o nome & a agoa do santo bautismo, inda que a novidade de tamanho abalo me pusesse em discodia com meus vassallos, & elle me prometeo tambem que dando lhe Deos vida tornaria muyto cedo, & porque esta sua tardança se estendeo mais do que minha esperança cuydava, quis lá mandar este homem a saber delle & de vossa senhoria a causa que lhe impede a sua vinda. Pelo que senhor lhe peço, que em todo o caso por sy & por mim lhe

rogue, ja que os Reys da terra o não podem mandar, que se venha logo nesta primeyra monção, porque sua vinda a este meu reyno será de muito serviço de Deos, & nova amizada co grande Rey de Portugal, paraque esta minha terra com a sua seja em amor fixo huma só cousa, & os seus vassallos sejão franqueados em todos os portos & rios onde surgirem, como no vosso Coochim onde estais. E vossa senhoria me manda em que por amizada sirva a seu Rey, porque o farey tão depressa como a volta que o Sol dá da menham á noite. Antonio Ferreyra lhe dará humas armas com que vency os Reys de Fiungaa & Xemenaxeque, & vestido nellas como o dia em que lhe dey batalha, obedeço por meu irmão mais velho a esse invencivel Rey do cabo do mundo senhor dos tisouros do grande Portugal.»

O vice-rei chama o padre Belchior, então provincial da companhia de Jesus na India, instiga-o a partir com mais padres para o Japão, e encarrega Fernão Mendes Pinto de uma carta e presentes para o rei do Bungo, o que dá logar ao mesmo Fernão Mendes se considerar como embaixador ao Japão, cujo caracter não suppomos todavia que levasse, parecendo até que elle ía sómente como portador da carta e presentes, e que o embaixador de facto era o proprio padre provincial, que ía tratar da grande questão religiosa da propaganda no Japão.

O padre Belchior, com mais outros padres da companhia de Jesus, e Fernão Mendes Pinto, com a carta e presentes do vice-rei, partem de Goa para Malaca em 16 de abril de 1554, e de Malaca para a China no 1.º de abril do anno seguinte, e finalmente, a 7 de maio de 1556, da ilha de Lampacau na China, onde os portuguezes estavam então estabelecidos e estiveram até 1557, em que o mandarim de Cantão consentiu no estabelecimento de Macau, ali proximo; e embarcados em uma nau, da qual era ca-

pitão e dono D. Francisco Mascarenhas, por alcunha o Palha, chegam no dia 6 ou 7 de junho do mesmo anno á bahia da cidade do Funcheo, capital do Bungo.

Fernão Mendes Pinto parece ignorar que no Japão, na parte mais consideravel ao nordeste chamada o Nipon, havia um imperador, a quem todos estes regulos do Japão eram avassallados; e em todas as suas viagens e relações nunca tratou senão com este reino do Bungo, ou com o pequeno senhorio de Tanega-sima. Parece tambem que foi só aqui que nos primeiros tempos os portuguezes vinham commerciar. S. Francisco Xavier já tinha porém ído por terra até Miako, e visitado grande parte da costa de oeste.

O rei não estava na sua capital, mas sim na fortaleza de Osquy, em rasão dos seus vassallos estarem um tanto amotinados, segundo o quasi ordinario costume do Japão, e Fernão Mendes Pinto, um pouco possuido de receio, resolveu-se a ir ter com o rei.

E como o que elle conta d'estas entrevistas ou audiencias que teve com o rei do Bungo me parece de bastante interesse para a historia das nossas relações antigas com o Japão, copiaremos aqui o auctor, muitas vezes agradavel pela ingenuidade das suas narrações.

«E fazendome logo prestes com mais quatro companheiros que levey comigo, despois que receby hum presente que dom Francisco capitão da nao mandava a el Rey que valeria quinhentos cruzados, me party da nao, & desembarcando no caiz da cidade me fuy a casa do Quancio andono almirante do mar, & capitão de Canafama, o qual me recebeo com mostras de muyto gasalhado, que algum tanto me desalivou do receyo que levava. E dandolhe eu conta do a que hia, lhe pedy que me mandasse prover de cavallos & gente que me levasse onde el Rey estava, o que elle logo fez muito mais largamente do que lhe eu

pedia. Partido eu da cidade, cheguey o outro dia ás nove horas a hum lugar que se dezia Fingau, que seria hum quarto de legoa da fortaleza de Osquy, donde por hum dos Japões que levava comigo mandey dizer ao Osquimdono capitão della como eu era aly chegado, & que trazia huma embaixada do Visorrey da India para sua alteza, pelo que lhe pedia me mandasse dizer quando queria que lhe fallasse; a que me elle respondeo logo por hum seu filho, que a minha vinda com a de todos os meus companheyros fosse muyto boa, & que ja tinha mandado recado a el Rey á ilha do Xeque para onde fôra ante menham com muyta gente a matar hum grande peixe, a que se não sabia o nome, que do centro do mar aly viera ter com outra grande soma de peixes pequenos, & que pelo ter cercado ja num esteyro lhe parecia que não poderia vir senão de noite, mas que do que sua alteza lhe respondesse me mandaria logo recado, mas que entre tanto descançasse noutras casas milhores em que me mandava apousentar, onde seria provido de tudo o necessario, porque toda aquella terra era tanto del Rey de Portugal como Malaca, Cochim, & Goa. E hum homem seu que ja vinha para isso, nos agasalhou logo em hum pagode que se dezia Amidamxoo, onde dos bonzos delle fomos banqueteados esplendidamente. El Rey tanto que teve aviso de eu ser chegado, despidio logo daquella ilha onde estava no cerco daquelle grande peixe, tres funees de remo, & nellas hum seu camareyro muyto seu privado que se chamava Oretandono, o qual ja sobola tarde chegou ao lugar onde eu estava, & indo logo ter comigo, despois que por palavra me disse o a que el Rey o mandara, tirou do seyo huma carta sua, & beijandoa com as cerimonias & cortesias que entre elles se custumão, ma deu, a qual dezia assi. Estando eu agora occupado num trabalho de muyto meu gosto soube da tua boa chegada a esse lugar onde estás com os

mais companheiros que vem comtigo, de que tive tamanho contentamento que te certifico que se não tivera jurado de me não yr daquy até não matar hum grande peixe que tenho cercado, que muyto depressa por minha pessoa te fôra logo buscar, pelo que te rogo como bom amigo que ja que por esta causa não posso yr, venhas tu logo nessa embarcação que te lá mando, porque com tu vires, & eu matar este peixe será meu gosto perfeito. Vendo eu esta carta, me embarquey logo com todos os meus companheyros na funee em que vinha o Oretandono, & os moços com o presente nas outras duas. E por serem todas muyto ligeyras & bem esquipadas em pouco mais de huma hora fomos na ilha que estava daly duas legoas & meia. E chegamos a ella a tempo que el Rey com mais de duzentos homens todos com suas fisgas andavão em bateis trás huma grande balea que na volta de hum grandissimo cardume de peixe viera aly ter, o qual nome de balea, & o mesmo peixe em sy foy então entre elles muyto novo & muyto estranho, porque nunca tinhão visto outra tal naquella terra. Despois que foy morta, & trazida fóra á praya, foy o prazer del Rey tamanho, que a todos os pescadores que aly se acharão, libertou de hum certo tributo que antes pagavão, & lhes deu nomes novos de homens nobres, & a alguns fidalgos que aly estavão aceytos a elle acrecentou os ordenados que tinhão, & aos guesos, que são como moços da camara, mandou dar mil taeis de prata, & a mim me recebeo com a boca muyto cheya de riso, & me preguntou miudamente por muytas particularidades, a que eu respondy acrecentando em muytas cousas que me preguntava, por me parecer que era assi necessario á reputação da nação Portuguesa, & á conta em que até então naquella terra nos tinhão, porque todos então tinhão para sy que só o Rey de Portugal era o que com verdade se podia chamar monarca do mundo, assi em terras, co-

mo em poder & tisouro, & por esta causa se faz naquella terra tanto caso da nossa amizade. Acabado isto, se partio logo desta ilha do Xeque para Osquy, & chegou a sua casa ja com huma hora de noite, onde foy recebido de todos os seus com muyta festa & regozijo ao seu modo, & lhe derão os parabens de tão honroso feito como fôra o daquella balea, atribuindo a elle só o que os outros fizerão, que este prejudicial vicio de adulação he tão natural das cortes & das casas dos principes, que até entre o barbarismo da gentilidade lhe não faltou seu lugar. Despidindo então el Rey toda a gente que o acompanhara, ceou recolhido com sua molher & seus filhos, & não quis que homem nenhum por então o servisse, porque o banquete era á conta da Raynha, porem aly nos mandou chamar a todos cinco a casa de hum seu tisoureyro onde ja estavamos aposentados, & nos rogou que por amor delle quisessemos perante elle comer com a mão, assi como faziamos em nossa terra, porque folgaria a Raynha de nos ver. E mandandonos logo preparar a mesa muyta abastada de iguarias muyto limpas & bem guisadas, & servida por molheres muyto fermosas, nós nos entregamos todos no que nos punhão diante bem á nossa vontade, porem os ditos & galantarias que as damas nos dezião, & as zombarias que fazião de nós quando nos virão comer com a mão, forão de muyto mór gosto para el Rey & para a Raynha que quantos autos lhe puderão representar, porque como toda esta gente custuma a comer com dous paos, como ja por vezes tenho dito, tem por muyto grande çugidade fazelo com a mão como nós custumamos. Então huma filha del Rey moça ja de quatorze até quinze annos & muyto fermosa, pedio licença a sua māy para huma certa farça que seis ou sete querião fazer sobre a materia de que se tratava, & a Raynha com consentimento del Rey lha concedeo. Entrando então ellas para dentro de outra casa se

detiverão hum pequeno espaço, & as que ficarão fóra se desenfadarão entre tanto bem á nossa custa com muytas graças e zombarias de que todos estavamos bem corridos, ao menos os quatro, por serem mais noveis & não entenderem a lingoa, porque eu ja em Tanixumaa tinha visto outra farça que se teve com Portugueses semelhante a esta, & por algumas vezes as tinha visto tambem noutras partes. Estando nós no meyo desta afronta, porem sofrendo ja milhor a zombaria pelo gosto que viamos que el Rey & a Raynha tinhão della, sahio de dentro a princesa muyto formosa em trajo de mercador, com hum treçado de chaparia douro na cinta, & tudo o mais muyto apropriado ao que representava, & pondose de joelhos diante del Rey seu pay com o acatamento devido lhe disse. Poderoso Rey & senhor, ainda que este meu atrevimento seja digno de grande castigo pela desigualdade que Deos quis que ouvesse entre vossa alteza & minha baixeza, a necessidade em que me vejo me faz não pôr diante este inconveniente de que me pudera temer, porque como eu sou ja velho, & tenho muytos filhos de quatro molheres com que fuy casado, & em minha qualidade muyto pobre, desejando como pay que sou de os deixar emparados, pedy por meus amigos que me ajudassem com seus emprestimos, que alguns me concederão, & fazendo eu emprego numa certa fazenda que por meus peccados não pude vender em todo Japão, determiney de a trocar por qualquer cousa que me dessem por ella. E queixandome eu disto a alguns meus amigos no Miacoo donde venho, me certificarão que só vossa alteza me podia agora nisto ser bom, pelo que senhor lhe peço que avendo respeito a estas cans, & a esta velhice, & a ter eu muytos filhos & muyta pobreza, me queira valer em meu desemparo, porque nisto que lhe peço a mim fará grande esmola, & aos Chenchicos que agora vierão nesta nao grande mercê, porque esta minha

mercadoria lhe arma a elles mais que a outrem ninguem pela grande aleijão em que se vem continuamente. Em quanto durou esta pratica, el Rey & a Raynha se não podião ter com riso vendo que aquelle mercador tão velho, com tantas cans, tantos filhos, & tanta necessidade, era a princesa sua filha muyto moça & muyta fermosa. El Rey com tudo detendo o riso hum pouco, lhe respondeo com muyta gravidade que mandasse trazer a mostra da fazenda que trazia, & que se fosse cousa que nos armasse, elle nos rogaria que lha comprassemos, a que ella fazendo huma grande misura, se tornou a recolher para dentro. Nós até então estavamos tão embaraçados co que viamos que não sabiamos determinar o que seria. As molheres que estavão na casa, que serião mais de sessenta, sem aver aly outro homem mais que nós os cinco companheyros somente, se começarão a confranger todas, & acotovelarse humas com as outras, & fazer entre sy algum rumor com hum riso baixo & calado, porem quietandose logo este, o mercador tornou a sayr de dentro com as mostras de fazenda, as quais trazião seis moças muyto fermosas & muito ricamente vestidas, em trajos de homens mercadores, com seus treçados & adagas douro na cinta, & de aspeitos graves & autorizados, porque todas erão filhas dos principais senhores do reyno que a princesa escolhera para a ajudarem nesta farça que quiz representar a el Rey & á Raynha. Estas seis trazião aos hombros cada hum seu envoltorio de tafetá verde, & fingindo todos seis serem filhos daquelle mercador, vinhão passando huma dança ao seu modo muyto bem concertada, ao som de duas arpas & huma viola darco, & de quando em quando dezião em trovas com falas muyto suaves & muyto para folgar de ouvir: alto & rico Senhor da riqueza por quem és te lembra da nossa pobreza. Somos miseraveis em terra estrangeyra, desprezados da gente por nossa orfindade, com des-

prezos & grandes afrontas, pelo que Senhor te pedimos que por quem és te lembres da nossa pobreza. E assi a este modo, que na sua lingoa erão trovas muyto bem feitas, disserão mais outras duas ou tres, repitindo sempre no fim de cada huma dellas, por quem és te lembra da nossa pobreza. Acabada a dança & a musica, se puserão todos de joelhos diante del Rey, & depois que o mercador com outra pratica muyto bem concertada lhe deu as graças da mercê que lhe queria fazer de lhe fazer vender aquella fazenda, os seys desimburilharão os envoltorios que trazião, & deixarão cayr na casa huma grande soma de braços de pao como os que cá se offerecem a santo Amaro, dizendo o mercador com muyta graça & com palavras muyto discretas, que pois a natureza por nossos peccados nos sojeitara a nós outros a miseria tão çuja que necessariamente as nossas mãos avião sempre de andar fedendo ao peixe, ou á carne, ou ao mais que comiamos com ellas, nos armava muito aquella mercadaria, porque em quanto nos servissem humas mãos se lavarião as outras. A qual cousa el Rey & a Raynha festejarão com muito riso, & nós todos cinco estavamos tão corridos, que entendendoo el Rey nos pedio muytos perdões dizendo, que porque a princesa sua filha visse quamanho bem elle queria aos Portugueses lhe dera aquelle pequeno de passatempo, de que nós sómente como irmãos seus foramos participantes. A que nós respondemos que Deos nosso Senhor pagasse por nós a sua alteza aquella honra & mercê que nos fazia, que nós confessavamos por muyto grande, & assi o publicariamos por todo o mundo em quanto vivessemos. O que elle & a rainha & a princesa vestida ainda em trajos de mercador nos agradecerão com muytas palavras ao seu modo. E a princesa nos disse, pois se o vosso Deos me quisesse tomar por sua criada, ainda lhe eu faria outras farças muyto milhores & de mais seu gosto que esta, mas eu

confio que elle se não esqueça de mym. A que nós todos postos de joelhos, & beijandolhe o queimão que tinha vestido respondemos que assi o esperavamos n'elle, & que fazendose ella Christam a aviamos de ver Raynha de Portugal, de que a Raynha sua mãy & ella se rirão muyto. E despidindonos por então del Rey nos tornamos á casa onde estavamos aposentados, & como foy menham nos mandou logo chamar, & se informou miudamente da vinda dos padres, da tenção do Visorey, da carta, da nao, das marcadarias que trazia, & de outras muytas particularidades em que se gastarão mais de quatro horas, & me despidio dizendo que daly a seis dias se avia de yr para a cidade, & que lá lhe daria a carta, & se veria com o padre, & responderia a tudo.

«Passados os seis dias, el Rey se abalou da fortaleza de Osquy para a cidade Fucheo, acompanhado de muyta & muyto nobre gente em que entrava huma guarda de seiscentos homens de pé & duzentos de cavallo que mostravão grande magestade, onde chegado, todo o povo o recebeo co muytas festas, & muitos regosijos, & farças, & invenções ao seu modo muyto custosas. Elle se foi aposentar em huns paços que ahy tinha muyto nobres, & muito sumptuosos. Logo ao outro dia me mandou chamar, & me disse que lhe levasse a carta do Visorrey, porque a outra cousa não viera senão a isso, & que despois que a visse fallaria co padre mestre Belchior no que mais relevasse. Eu me torney logo para casa, & me fiz prestes de tudo o que convinha, & tanto que forão as duas horas despois do meyo dia el Rey me mandou buscar pelo Quansio nafama capitão da cidade com outros quatro homens dos principais da corte, os quais acompanhados de muyta gente me levarão ao paço, porem elles & eu com os quarenta Portuguezes, todos hiamos a pé por ser assi seu costume, & todas as ruas por onde passamos, estavão muyto limpas &

bem concertadas, & com tanta quantidade de gente, que os nautarões, que erão porteyros com bastões ferrados, tinhão assaz que fazer em nos fazerem o caminho. As peças do presente levavão tres Portuguezes a cavallo, & hum pouco atrás delles hião outros dous ginetes muyto fermosas com cubertas, & armas como de justa. Chegando nós ao primeyro terreyro do paço, achamos nelle a el Rey que estava em hum baileu, ou cadafalso que para isso se mandara fazer, acompanhado de todos os nobres do reyno, & entre elles tres embaixadores de reynos estranhos, hum de el Rey dos Lequios, outro do Cauchim, & ilha da Tosa, & outro do Cubucamá Emperador do Miocoo. E por fóra quanto tomava toda a grandeza do terreyro estavão passante de mil arcabuzeiros, & quatrocentos homens em bons cavallos acubertados, & a fóra estes a gente do povo que, como digo, não tinha conto. Chegado eu cos quarenta Portugueses que hião comigo ao baileu onde el Rey estava, lhe fizemos todos as cerimonias & cortesias que em tal auto se lhe custumão fazer. E eu chegandome a elle lhe dey a carta que levava do Visorrey, a qual elle, posto em pé, me tomou da mão, & tornandose a assentar a deu a hum seu Quansio gritau, que é como secretario, & este a leo em voz alta paraque todos a ouvissem. E despois de lida, me preguntou perapte os tres embaixadores, & os principes de que estava acompanhado por algumas cousas que por curiosidade quis saber desta nossa Europa, huma das quais foy quantos homens armados de todas armas, & em cavallos acubertados como aquelles punha el Rey de Portugal em campo; eu então arreceando mentirlhe, confesso que me embaracey na reposta, ó que vendo hum dos meus companheyros que estava junto comigo, tomando a mão lhe respondeo que cento até cento & vinte mil. De que o Rey ficou muyto espantado & eu muyto mais. El Rey então, parece que gostando das grandiosas repostas que este

Portuguez lhe dava, gastou com elle em preguntas mais de meya hora, ficando elle & todos os que estavão presentes assaz maravilhados de tamanhas grandezas, & disse para os seus, certeficovos em ley de verdade que nenhuma cousa folgara agora mais de ver que a monarchia desta grande terra de que tamanhas grandezas tenho ouvido, assi de tisouros como de multidão de navios no mar, porque com isso vivera em minha vida sempre muyto contente. E despidindo-me elle então, & aos outros que vinham comigo me disse, quando te parecer bem pódes dizer ao padre que me venha ver, porque aquy me achará prestes para ouvir, & a todos os mais que trouxer comsigo.

« Recolhido eu para a casa onde pousava dey conta ao padre mestre Belchior do gasalhado com que el Rey me recebera, & de tudo o mais que passará com elle, & de quão alvoraçado estava para o ver, pelo que me parecia bem, ja que aly estavão todos os Portugueses juntos & vestidos de festa, que o devia de yr logo ver, o que lhe a elle pareceo bem & aos outros padres que ahy estavão. E aparelhande-se de algumas cousas exteriores necessarias á reputação de sua pessoa, abalou da igreja acompanhado dos quarenta Portuguezes todos muyto bem vestidos com seus colares & cadeas douro grossas a tiracol, & quatro mininos orfaõs com lobas & chapéos de tafetá branco, com crezes de seda nos peitos, & o irmão Joaõ Fernandez para interprete do que se avia de fallar. Chegando ao primeyro terreyro das casas del Rey, o estavão ja aly esperando alguns senhores, os quais com muytas cortesias & mostras damor o meterão em huma casa onde el Rey estava ja esperando por elle, o qual com sembrante alegre o tomou pela mão, & lhe disse, crê de mim padre estrangeyro que só a este dia posso com verdade chamar meu, pelo grande gosto que tenho de te ver diante de meus olhos, porque me parece que vejo o padre Frãcisco santo que eu queria

como a minha propria pessoa. E entrando com elle para outra casa que estava mais adiante, & ricamente preparada, o assentou junto comsigo, & aos quatro mininos, por ser cousa nova, & nunca vista naquella terra, fez tambem muyto gasalhado. O padre lhe deu as graças conformes ás muytas & grandes honras que delle recebia, da maneyra que entre elles se custuma, que o irmaõ João Fernandez ja lhe tinha insinado. E após isso lhe tratou logo do principal intento da sua vinda, que era mandalo o Visorrey para o servir, & mostrar-lhe o caminho certo da sua salvaçaõ, que el Rey cos meneos do rosto, & com a inclinação da cabeça mostrou que agradecia. E discorrendo o padre adiante por huma santa pratica a modo de sermão que ja para isso levava estudada, lhe foy tratando nella de tudo o que convinha. A que el Rey respondeo, não sey com que palavras te encareça padre bemaventurado, o muyto gosto que tenho de te ver nesta casa, & assi tudo o mais que minhas orelhas te tem ouvido, a que agora não respondo por estar o tempo da maneyra que terás sabido, pelo que te rogo muyto que ja que te Deos aquy trouxe queiras descançar do trabalho que por seu serviço tens levado; & quanto ao que o Visorrey me escreve a cerca do que lhe escrevy por Antonio Ferreyra, ainda agora me não desdigo, porem o tempo agora ao presente está de maneyra que temo muyto que se meus vassallos virem em mym alguma mudança, lhes pareça bem o conselho dos bonzos, quanto mais que bem sey que ja pelos padres que aquy estão deves de ter sabido quão arriscado estou nesta terra, pelo que aconteceo nos alevantamentos passados, em que corry tanto perigo quanto outro homem nenhum correo, pelo que me foy necessario por segurar minha pessoa, matar huma menham treze senhores os principais do reyno, cõ dezasseis mil da sua consulta & conjuraçaõ, a fóra quasi outros tantos que desterrey, & me fugiraõ. Mas se Deos alguma hora me der

o que minha alma lhe pede, não será muyto condecender co que o Visorrey na sua carta me aconselha. O padre lhe tornou, que muyto satisfeito estava do seu bom proposito, mas que lhe lembrasse que a vida não estava na mão dos homens, porque todos eraõ mortais, & que se elle acertasse de morrer antes de o effeituar que onde iria a sua alma? a que elle sorrindose disse, Deus o sabe. Vendo o padre que el Rey por então lhe não respondia com mais que com boas palavras, & bõs ditos, sem querer tomar conclusão no que tanto lhe importava, dissimulou com elle, & lhe fallou noutra cousa de que enxergou nelle que tinha mais gosto. E passando assi co padre hum grande pedaço da noite em preguntas de cousas novas a que era muyto affeiçoado, o despidio com palavras honrosas & bem concertadas, pondolhe a esperança de se fazer Christão hum pouco ao longe, de que a causa ficou por então bem entendida de todos. Ao outro dia duas horas despois da vespera o padre se tornou a ver com el Rey, & deixando a parte o muyto gasalhado que então lhe fez, como costumou sempre, no màis de que se tratava com elle nunca fallou a proposito, mas tornandose daly da cidade para a sua fortaleza de Osquy, lhe mandou dizer que se ficasse embora, & que lhe rogava que não deixasse de o ver daly a alguns dias, porque gostava muyto de falar das grandezas de Deos, & da perfeição da sua ley. Passados mais dous meses & meyo em que el Rey neste caso não deu mais de sy que somente algumas esperanças, acompanhadas ás vezes de algumas desculpas, que ao padre não satisfizeraõ, lhe pareceo bem ao padre tornarse para a India, assi para cumprir com a obrigação do seu cargo, como por outras razões que para isso o moveraõ. Eu vendo na cidade Fucheo andar o negocio dos padres nestes termos, & o padre mestre Belchior ja quasi embarcado de todo na nao, me fuy a Osquy ver com el Rey, & lhe pedy a reposta da

carta que lhe trouxera do Visorrey, a qual me elle logo deu, porque a tinha ja feita, & por retorno do presente lhe mandou humas armas ricas, & dous treçados douro, & cem avanos Lequios, a qual carta, que era feita por elle dezia assi. Senhor Visorrey da magestade honrosa, assentado no trono dos que fazem justiça por poderio de cetro, eu Yaretandono Rey do Bungo lhe faço saber, que a esta minha cidade Fucheo veyo a mim de seu mandado Fernão Mendez Pinto com huma carta de sua real senhoria, & hum presente de armas & de outras peças muyto agradaveis a minha tenção, que muyto estimei por serem da terra do cabo do mundo por nome Chenchicogim, onde por poderio de armadas muyto grossas, & exercitos de gentes de diversas nações reyna o lião coroado do grande Portugal, por cujo servidor & vassallo me dou de oje por diante com lealdade de amigo taõ verdadeyro & doce como o cantar da serea na tormenta do mar, pelo que lhe peço por mercê que em quanto o sol não discrepar do effeito paraque Deos o criou, nem a agua do mar deixar de subir & decer pelas prayas da terra, se não esqueça desta menagem que por elle mando fazer ao seu Rey & irmão meu mais velho, por cujo respeito esta minha obediencia fique honrosa, como confio que sempre será, & essas armas que lá lhe mando, tomará por signal & prenda de minha verdade, como entre nós os Reys de Japão se costumà. Desta minha fortaleza de Osquy aos nove mamocos da terceyra lua dos trinta & sete annos de minha idade. Com esta carta & presente me torney á nao que estava surta daly duas legoas no porto de Xeque, onde achey ja embarcado o padre mestre Belchior com todos os mais da sua companhia, & dahy nos partimos ao outro dia que foraõ 14 de Novembro do anno de 1556.»

Por esta quarta e ultima ida de Fernão Mendes Pinto ao Japão parece concluir-se que os nossos navios n'esses

primeiros tempos passavam para o mar Pacifico e entravam o canal do Bungo entre Kiusiu e Sikok; e que íam entrar depois na bahia de Finai ou Finode. Foi conseguintemente só depois d'isto que o commercio se chamou para Nagazaki; talvez em rasão das muitas conversões e trato que começámos a ter com os regulos e povos de Omura, Firando, Gôto, Arima e Amacûsa.

II

Da Historia da igreja do Japão, escripta em francez pelo padre da companhia de Jesus, João Crasset; e traduzida por D. Maria Antonia de S. Boaventura e Menezes. Edição de Lisboa, annos de 1754 e 1755; em tres tomos.

Diz esta *Historia* que tres mercadores portuguezes, Antonio da Mota, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto, partindo de Sião para a China, foram levados por uma tempestade até á vista das ilhas do Japão, e tomaram porto em Kagosima, que fica na ponta meridional, no anno de 1541.

A narrativa de Fernão Mendes Pinto parece mais verosimil e concorda em data.

S. Francisco Xavier, passando por muitos trabalhos na viagem, chega finalmente ao Japão em 15 de agosto de 1549, levando mais um padre hespanhol, Cosme de Torres, e o leigo João Fernandes. Vão depois muitos mais padres da companhia ajuda-lo na conversão á fé.

Entre os annos de 1580 a 1582 os progressos da religião catholica eram espantosos. Contavam-se mais de 200:000 almas convertidas especialmente em Nagazaki e provincias proximas ao sudoeste, entrando muitas pessoas nobres, como regulos, principes ou reis subordinados ao imperador, etc.

Em 1582 os padres arranjam e partem com uma embaixada a Roma, composta de alguns principes, rapazes de dezeseis annos, parentes dos principes que se tinham feito christãos. Esta embaixada, protegida por D. Francisco Mascarenhas, vice-rei da India, e em Lisboa pelo cardeal Alberto, governador do reino, e últimamente em Madrid por Filippe II, a 20 de março de 1585 chegou a Roma, onde o papa Gregorio XIII a recebe em consistorio de cardeaes, e lhe faz grande agasalho. Emquanto estavam em Roma morre Gregorio XIII e é eleito Xisto V. Os principes embaixadores só regressam ao Japão em 1590.

Em 1587 começam as perseguições contra a igreja pela mudança repentina de opinião do imperador Cambacundono, intitulado depois Taikum-sama.

Contavam-se então, como já se disse, mais de 200:000 christãos, incluindo alguns principes, generaes e muitas senhoras nobres. Data d'aquelle anno o edicto pelo qual todos os padres que missionavam no Japão foram expulsos do imperio.

Parece que esta repentina mudança de opinião do imperador foi causada pela fanfarronada e imprudencia de um capitão hespanhol que disse ao imperador que o seu soberano tinha obtido as grandes conquistas que possuia, mandando primeiro padres para converter os povos á religião christã, e depois enviando exercitos e armadas a conquistar; e tambem pelo desregrado comportamento dos mercadores portuguezes, que vinham commerciar a Nagazaki, que, diz a mesma *Historia*, a pag. 321, «se entregavam a todo o genero de vicios, causavam escandalos funestos aos christãos; chegando a tanto excesso a sua dissolução que alguns passavam dias e noites nos logares de abominação, e conduziam por força mulheres para os seus navios. Vendo os japonezes isto, costumavam di-

zer que os sacerdotes da Europa prégavam uma lei, e os mercadores seguiam outra».

Entre varias conversões, a da rainha ou princeza de Tongo é um episodio curioso. «Era mulher de Jacundono, Rei ou senhor feudal de Tongo; Princeza, diz o auctor, de rara belleza, espirito vivo, juizo solido, coração nobre e ánimo superior ao sexo. Seu Marido pelo contrario era homem dado aos excessos do vinho e muito intratavel. D. Justo, que era um nobre convertido e seu amigo, lhe fallava muitas vezes de Deos, sem approveitar couza alguma, por que tal genio soberbo e absoluto não se humilhava a reconhecer a verdade. Mas a Princeza sua Mulher, que elle muito amava, ouvia estas praticas do amigo de seu Marido, ou este mesmo lhas contava com desdem, em forma de conto, sem signal algum de se querer converter á Religião Catholica. A Princeza que, como dissemos, éra sabia e muito entendida fazia grande gosto em ouvir estas douctrinas nas quaes dezejava ardentemente ser instruida, mas não ouzava pedir licença a seu Marido para hir ouvir os sermões dos Padres, pois estava bem certa que lha negaria.

«Neste estado de couzas foi percizo ao marido hir á Corte do Imperador e recomendou aos vassalos que ficárão que não deichassem que a Princeza sahisse do Palacio, pois sendo muito formoza tinha receio que o Imperador o viesse a saber e lha tirasse; e augmentou o numero das Damas para lhe fazerem companhia; e deichou guardas em roda do Palacio para que não deichassem entrar nelle pessoa alguma de qualquer qualidade que fosse.

«A Princeza pela grande vontade que tinha de ouvir os Padres resolveo declarar-se a sete ou oito das suas Damas para que ajudada dellas podesse sahir occultamente e satisfazer o seu dezejo. Estas lhe representárão que era impossivel sahir pela porta principal porque de dia e de noite estava o palacio cercado de guardas; mas que o po-

dião fazer por uma porta falsa do jardim de que ellas tinham a chave. Tomada esta resolução no dia em que toda a cidade hia ao Pagode ouvir o sermão dos Bonzos, sahio a Princeza disfarçada em companhia de poucas Damas e foi á Igreja dos Padres; tanto que entrou nella ficou admirada de ver a perfeição e aceio com que estava ornada, a belleza dos ornamentos e devoção das imagens, principalmente a do Salvador que estava colocada sobre o altar.

«O Padre Cespedes, Superior d'aquella Residencia, conhecendo pela comitiva que aquella senhora era de superior qualidade, foi comprimental-a e lhe perguntou se queria alguma couza em que a podesse servir? a Princeza lhe respondeo que dezejava ouvir as instrucções que se fazião aos Christãos; e como o irmão Vicente, Japonez, não estava então em caza, e era o que devia instruil-a por ser mais perito na lingoa, como natural que era, e em quanto se esperava que elle voltasse, lhe mostrou o Padre tudo o bom que havia na Igreja e conheceo nos discursos e trato da Princeza ser verdade o que antes tinha suspeitado. Chegando o Irmão Vicente lhe advertio o Padre que com especial attenção satisfizesse a curiosidade daquella senhora; e depois de uma larga pratica, propoz ella algumas difficuldades que bem mostravam a subtileza do seu engenho, e desenganada da illuzão que lhas representava pedio com muita instancia para ser baptisada, acrescentando que era percizo aproveitar a occasião pois não teria talvez outra para vir áquelle logar.

«O Padre Superior lhe perguntou quem ella era, para obrar com acerto em materia de tanta importancia; a Princeza lhe respondeo que era uma serva de Deos e Christan de coração, e que havia razões especiaes para se não manifestar, o que faria a seu tempo. O Padre Superior temendo que fosse alguma das trezentas concubinas do Imperador se escuzou com o pretexto da hora, que era muito tar-

de, e por estar ainda pouco instruida, sendo percizos mais alguns preparos para receber o baptismo; os quaes devião fazer-se com tempo e madureza. Exhortou-a a que pozesse a sua confiança em Deos e que perseverasse em tão santa resolução, e que a bondade divina lhe subministraria meios para alcançar a graça que dezejava.

«Os guardas advertindo no descuido que havião tido quando achárão a Princeza de menos, temerosos do castigo, foram procural-a pelos Pagodes levando Palanquins para a conduzir; e vendo que nelles não estava, entrárão na Igreja dos Christãos ficando muito admirados de a ver alli. E porque era já tarde lhe pedirão entrasse no Palanquim, no qual foi conduzida para o Palacio.

«No dia seguinte logo pela manhã mandou a Princeza a sua Dama de honor, que era dotada de grande entendimento, e de quem justamente se confiava, com um recado ao Padre Cespedes em que lhe agradecia as instrucções que lhe tinha dado no dia antecedente, e pedindo por escripto a decizão de algumas duvidas que a tinhão atormentado. O Padre lhe respondeo logo; e levando a Dama a resposta á Princeza esta lhe agradou tanto que se lhe augmentou ainda mais o dezejo de ser Christã; e assim, d'aquelle dia em diante, não passava nenhum que deichasse de mandar alguma das suas damas, com pretexto de outro qualquer negocio, á Igreja aprenderem a doutrina para virem ensinar-lha, do que resultou com brevidade receberem as agoas do baptismo dezessete das mesmas Damas.

«Quando voltavão de receber este sacramento a Princeza as abraçava com grande ternura, e vendo-as cheias de uma alegria celeste que o Espirito Santo derramava em suas almas, abrazava-se no dezejo de participar da mesma felicidade. Com viva fé, pois, de que Deos lhe administraria os meios conducentes para conseguir aquella graça, fazia da sua parte quanto era possivel para a merecer: porque

jejuava nos dias de preceito, tinha muitas horas de oração, observava as festas e domingos: e rezava todos os dias com as Damas o Rozario. Mandava sempre da sua parte algumas dellas vezitar os Padres; e porque a vigilancia das guardas lhe fazia difficil este comprimento ganhou um gentilhomem da sua corte para o mesmo emprego. Sendo avizado secretamente o irmão Vicente da sua chegada o foi buscar, e encontrando-o na Igreja lhe fez um discurso tão forte sobre as materias da Religião Christã que convencido da sua efficacia logo renunciou os idolos e se fez Christão. Teve a Princeza summa consolação desta mudança tão inopinada: e o dezejo que tinha de receber o Baptismo foi tão grande que tomou a resolução de se fechar em huma caza e de noite lançar-se da janella abaixo por cordas para hir receber o Baptismo por que tanto suspirava. Sabendo os Padres esta determinação lhe mandárão dizer que se abstivesse daquelle excesso. promettendo satisfazer ao seu dezejo o mais depressa que podessem.

«N'este tempo chegárão a Ozáka as novas de estar declarada a perseguição contra os Christãos; e do Edicto para expulsar os Padres do Japão. Este terrivel golpe podendo intimidar as Damas Christãs, as animou tanto que com um milagre da Divina graça ficárão mais firmes e constantes na Fé: de modo que se preparárão todas para morrer antes que renuncial-a. Afflicta a Princeza com esta infausta noticia, temendo que os Padres se fossem sem lhe conferir o Baptismo, mandou uma das suas Damas chamada D. Maria, pedir com suplicas mais fortes que lhe ministrassem aquelle Sacramento antes de partirem, para salvação de sua alma. Os Padres attendendo ao fervor desta Princeza, e não podendo de modo algum hir a Palacio nem ella vir á Igreja, ensinárão a D. Maria a fórma do Baptismo e lhe ordenárão o administrasse á Princeza; com muita alegria o celebrou ella; e a Princeza se achou com uma tão

notavel mudança no interior e exterior que não duvidou que seu marido vendo o effeito tão maravilhoso da graça pedisse logo o Baptismo. Tomou o nome de Gracia; e a Dama foi logo ao Padre Superior dar conta de que modo tinha exercitado aquelle acto e divino ministerio. *Julgo-me* (disse ella) *por tão authorisada que me considero como pessoa dedicada a Deos; e que não deve servir a uzos profanos; por isso faço voto a Deos de observar perpetua castidade: e para testimunho desta minha resolução corto o cabello.* Quando as mulheres do Japão, e tambem os homens, cortão o cabello, mostrão que renuncião ao mundo; e por que D. Maria era uma Fidalga muito moça, na flor da idade, igualmente formoza e rica, destinada para espoza de um dos mais poderozos senhores do Japão, todos em Ozaca ficárão admirados da sua mudança quando lá se divulgou esta noticia, não se fallando em outra couza mais que nesta heroica acção.

«Pouco depois voltou Jacundono para Ozaca com o Imperador Cambacundono, e tendo noticia que sua mulher era Christã, como idolatra cego se enfureceo e irou tanto que entrou a fulminar terriveis castigos contra ella se não tornasse a seguir os seus erros. A Princeza respondeo que lhe obedeceria em tudo que não fosse contrario á Lei do Verdadeiro Deos, mas que não podia ser infiel á sua consciencia, dando ao demonio a honra que só a Deos era devida, como soberano creador e unico Deos verdadeiro; e que bem podia tirar-lhe a vida mas nunca a Fé.

«O barbaro que a amava pela sua belleza, ainda que a aborrecia pela religião, vio-se combatido de duas paixões contrarias: o amor que lhe tinha o impedia repudial-a; e o affecto ás suas falsas crenças que o cegava difficultava-lhe perdoar-lhe; nesta perplexidade, pois, elegeo o caminho de a tratar mal; esperando que o tempo a obrigaria a seguir o culto dos Deozes de que se tinha apartado.

«Com effeito começou a tiranisar a innocente senhora com inexplicavel rigor, não havendo injuria que lhe não fizesse nem affronta a que a não condenasse por espaço de treze annos que lhe durou a vida. Muitas vezes cheio de ira lhe poz um punhal na garganta ameaçando-a de morte se não largava a Religião, mas ella sem temor lhe respondia contente que lhe poderia tirar a vida mas não a obrigaria a renunciar a Fé. O tirano cada vez mais infurecido voltava a ira contra as Damas christãs as quaes martirisava na prezença da Princeza, excepto a Dama D. Maria que respeitava pela sua qualidade e merecimento. Esta foi a unica consolação da Princeza nos seus trabalhos. Hum dia que irado o Principe sahio totalmente de si, julgando a Princeza que era o ultimo da sua vida, confessou os seus peccados a D. Maria sua confidente, cuidando com sinceridade grande, pois tivera poder para a baptizar a poderia tambem absolver; e sabendo os Padres este successo a advertirão do erro em que cahira.

«Quando os Padres foram para Firando a fim de ahi embarcarem expulsos esta Princeza escrevia-lhes muitas vezes.»

No anno de 1600 o principe de Tongo saiu de Ozaka, seguindo o partido dos governadores ou regentes do imperio, em uma guerra civil, deixando sua mulher n'aquella cidade, e, na fórma do seu costume, deixando-lhe uma boa guarda para que a defendesse da cobiça de alguns senhores. Sendo vencido e qualificado de traidor quizeram os vencedores prender a princeza para responder pelo marido que andava foragido; os guardas, sabendo isto, tomaram a decisão, que ainda hoje com pouca mudança de costumes tomariam os vàssallos japonezes, de matar a princeza e matarem-se tambem depois; e, muito chorosos e rasgando o fato de desespero, foram propor o caso á princeza, que facilmente se sujeitou ao sacrificio ou ponto de

honra japoneza, procurando primeiro converte-los e convence-los a que se não matassem depois, ao que elles guardas não annuiram, porque lhe prejudicava isso o rigoroso cumprimento dos seus deveres.

As damas da princeza, que eram christãs, tambem queriam morrer com ella, mas conseguiu dissuadi-las pelos preceitos da religião. Desembaraçando depois o pescoço apresentou-o ás bem temperadas espadas dos seus vassallos, que immediatamente lh'o cortaram, abrindo-se depois todos pelo ventre, como têem por costume, até expirarem.

Os padres da companhia tomaram conta do cadaver da princeza; e quando o principe Jacundono seu marido voltou a Ozaka, fizeram-lhe sumptuosas exequias, a que elle marido assistiu com a sua côrte, orando um padre japonez que tratou da immortalidade da alma, da gloria do paraizo, das penas do inferno e das virtudes da princeza.

O marido louvou muito esta solemnidade funebre e mandou dar 200$000 réis aos padres, que repartiram esta quantia pelos pobres, o que ainda mais o admirou.

Para ver se se podia modificar ou annullar o edicto do imperador contra os padres, edicto que os expulsava, resolveu o vice-rei da India nomear com o caracter de embaixador o padre Valignano, que tinha acompanhado os principes de Bungo, de Arima e de Omura, que compunham a embaixada que veiu ao papa, como já dissemos. N'aquella qualidade o mesmo padre partiu de Goa para Macau, onde parece que chegou em agosto de 1588, e d'ahi escreveu pedindo ao imperador do Japão se o admittia como tal. Jeronymo Pereira, capitão de um navio portuguez que ía para o Japão, levou a carta.

Os principes enviados a Roma chegaram ao Japão, como já se declarou, em 1590.

O imperador recebeu bem o embaixador padre (1591), assim como os referidos principes.

Apesar do edicto, em 1589 havia na parte sudoeste do Japão muitas igrejas, um seminario de nobreza japoneza e muitos padres da companhia portuguezes que andavam por todo o Japão missionando.

A embaixada a Roma não tinha sido da parte do imperador, mas sim dos principes reinantes ao sudoeste que se tinham feito christãos. O papa presenteou-os com muitas reliquias, paramentos religiosos e um breve, e armou-os cavalleiros.

Nagazaki era pouco consideravel; quando os padres portuguezes da companhia ali se estabeleceram contava apenas 200 fogos, incluindo muitos portuguezes que ali habitavam. Em 1590 já contava 5:000 fogos, alem dos forasteiros attrahidos pelo commercio. Estabeleceram-se tambem ali, alem das igrejas, uma casa e irmandade da misericordia para christãos e gentios.

Miako tinha muitas igrejas e residencias dos padres, que o imperador mandou por vezes demolir; mas os christãos juntavam-se secretamente em casa uns dos outros, e ali iam tambem ter os padres.

Espalhados por todo o imperio andavam 140 padres disfarçados e occultos (1589); e só n'este anno baptisaram mais de 20:000 japonezes.

A imperatriz tinha uma dama christã.

O imperador, que se intitulava Taikum-sama, parecia já em 1589 arrependido de haver expulsado os padres, acrescentando até em honras e bens alguns dos principes convertidos ao christianismo.

Suppõe-se que tudo isto fazia gostando que os padres guardassem o incognito e tivessem as igrejas fechadas.

O padre Valignano embaixador é bem recebido na côrte que estava em Miako, e apesar das intrigas por ser pa-

dre, entra com muita pompa e é visitado pelos grandes. Os portuguezes que estavam em Nagazaki acompanham o padre para dar lustre á embaixada (1591).

O imperador Cambacundono, tendo declarado previamente que o admittiria só na qualidade de embaixador do vice-rei dos estados da India, recebeu-o em audiencia solemne, indo o nosso Valignano n'este acto acompanhado tambem de grande numero de portuguezes.

O padre embaixador levava uma carta do vice-rei D. Duarte de Menezes, escripta em pergaminho com sêllo de oiro, e mettida em um saco de velludo verde forrado de tela de oiro, franjado do mesmo e bordado de estrellas de prata. A carta era do teor seguinte:

«Serenissimo senhor.—Ainda que a grande distancia das terras que nos dividem, não me permittisse até agora a alliança que procuro ter com vossa magestade, entendendo pelos religiosos que assistem no vosso reino as vossas signaladas acções e grandes victorias que alcançastes dos vossos inimigos, sujeitando-os ao vosso imperio, igualmente com os reis, principes e senhores do Japão, não pude dissimular o impulso que me guia a felicitar a vossa magestade de tantos progressos com que Deus do céu o favorece, e mostrar-lhe a alegria que tenho de que a sua grandeza exceda a todos os principes que ha e houve até agora no Japão. Os mesmos padres e prégadores da lei de Deus me participaram as especiaes honras e favores que devem a vossa magestade, não só admittindo-os nas terras do seu dominio, mas protegendo-os contra aquelles que se oppunham ás suas boas intenções; e é tão grande o apreço que faço d'esta graça que não tenho expressões bastantes para agradece-la; pois tudo que se faz a elles é como se fôra a mim mesmo quando os conheço por bonissimos religiosos, e de virtudes tão relevantes que deixaram as commodidades das suas patrias para irem a terras tão distan-

tes ensinar aos homens o modo de serem eternamente felizes, observando a lei do verdadeiro Deus, sem a qual é impossivel que possam salvar-se. Um d'estes é o embaixador que envio com ordem de render a vossa magestade as graças do que todos lhe devem e apresentar esta carta. É este o padre Alexandre Valignano, que por haver já assistido n'esses reinos tem a honra de ser conhecido de vossa magestade, rasão por que me resolvi a elege-lo para este emprego. Vossa magestade não póde dar-me maior gosto que amar e proteger estes padres, como tem feito até agora, para empenhar mais a minha obrigação, que procurarei gratificar por todos os caminhos que me for possivel. Tambem ordeno ao mesmo embaixador offereça a vossa magestade da minha parte duas espadas e dois arcabuzes de nova invenção, dois cavallos arabios com seus jaezes e bordaduras, duas armações de tapeçaria de brocado de oiro, um punhal que serve juntamente de pistola e uma tenda de campanha.

«Feita na India este anno de 1587.=*D. Duarte de Menezes.*»

Um dos cavallos arabios morreu no caminho, o outro chegou vivo.

Em 1592, logo depois da embaixada, havia muitas esperanças que se revogasse o edicto de 1587; e o imperador mandou ao vice-rei da India varios presentes e uma carta dizendo: «que queria contrahir com elle uma estreita alliança; que não havia motivo algum para se queixar dos padres, porque até ali se tinham portado como homens de bem; mas que a sua lei não se accommodava com a do Japão; que desejava que houvesse uma boa sociedade entre os seus vassallos e os portuguezes, e que estes podiam estabelecer-se em qualquer parte do Japão que mais lhes agradasse».

Por esta occasião permittiu que ficassem dez padres

em Nagazaki; já se sabe, como taes, porque occultos parece que havia muitos espalhados pelo Japão.

Ora n'esta epocha, e ainda hoje, a religião do Japão era o culto dos seus soberanos que mais se tinham assignalado em vida: o *Cami* e outros. Era um culto official e obrigatorio a todo o japonez; e que o imperador não queria ver acabado, porque se queria tambem fazer adorar depois de morto, como effectivamente quiz.

O imperio do Japão estava então (1591 e 1592) unido e socegado; o que n'esta epocha e mesmo hoje, raro acontece; e o imperador Taikum-sama, não tendo com quem pelejar, imaginou conquistar a China e obrigar o governador hespanhol das Filippinas a prestar-lhe obediencia, como vassallo a seu soberano; d'esta ultima ambição resultou, como adiante se verá, uma intriga que compromettеu tambem muito as nossas relações com o Japão.

Quanto á conquista da China, mandou atravessar o mar do Japão por dois exercitos; dos quaes um, commandado por um principe christão e composto quasi todo de soldados christãos, e que marchou primeiro (talvez elle quizesse sacrifica-los), invadiu e conquistou a Coréa toda, que elle imperador tinha mandado primeiro occupar, promettendo ir em pessoa atrás d'estes exercitos com maiores forças, mas nunca foi; os chinas mandaram-lhe uma embaixada pedindo pazes; esta conquista ficou em projecto, limitando-se á Coréa, que depois tambem se separou, ou foi obrigada pela dynastia tartara, que posteriormente invadiu a China, a pagar tributo a esta, da qual ainda hoje é com effeito tributaria.

Quanto á idéa de querer que os castelhanos que possuiam as Filippinas o reconhecessem por soberano quando, por esta mesma epocha (1591 a 1592), tratava quasi de igual a igual com o nosso vice-rei da India, é mais singular e custaria a acreditar, se os padres o não narrassem

com todos os pormenores no tomo II da já citada historia, a pagina 463.

«Escreveu pois (em 1591) ao governador das Filippinas uma carta altiva e arrogante, na qual o chamava para lhe vir prestar obediencia como á seu soberano; prohibia-lhe que podesse trazer armas proprias nas suas bandeiras, e o obrigava a ir prostrar-se-lhe aos pés como vassallo e a pagar tributo, sob pena de destruir as ilhas.»

Os padres que estavam no Japão e que souberam isto, escreveram muito depressa ao padre superior de Manilha para que applacasse a ira do governador; e para lhe pedir que respondesse com evasivas para os não comprometter a todos. O governador não se quiz applacar e mandou um expresso perguntar ao Taikum-sama se aquella carta era d'elle; e no caso affirmativo, que lhe declarasse que elle governador não podia prestar obediencia a dois soberanos, porque já era vassallo de Filippe II. Tambem não sabemos que menos queriam os padres da companhia de Jesus que elle lhe respondesse.

Dizem os padres na dita historia, que este enviado que o governador das Filippinas mandou ao imperador do Japão, instigado por queixas de um hespanhol que lhe saíu ao caminho, dissera ao imperador, na audiencia que este lhe deu, muito mal dos portuguezes: queixando-se que eram como senhores de Nagazaki, d'onde excluiam ou maltratavam os hespanhoes; que protegiam os padres europeus e os detinham no Japão contra as ordens d'elle imperador. O que fez com que viesse um novo governador para Nagazaki, com ordem para demolir a igreja e casa dos padres, o que o mesmo poz logo por obra, recolhendo-se os padres á casa da misericordia que os portuguezes haviam estabelecido na mesma cidade.

O imperador despediu porém o enviado hespanhol com carta ainda mais atrevida do que a primeira para o gover-

nador das Filippinas; mas este enviado naufragou e morreu no caminho.

Em 1593, o governador das Filippinas, não recebendo resposta, mandou novo embaixador ao imperador do Japão, um Pedro Gonçalves, que d'esta vez foi acompanhado com quatro padres franciscanos de Manilha, dos quaes um d'elles sabía bem a lingua japoneza.

Os padres da companhia dizem que receberam muito bem os franciscanos e os agasalharam em suas pousadas; mas queixam-se d'elles entrarem a prégar e a celebrar em publico, contra o edicto em vigor, e isto nas proprias capellas que elles jesuitas tinham construido.

Em 1594 porém, apesar de todas as prohibições já os padres franciscanos hespanhoes tinham um convento e uma igreja, mesmo em Miako, que era então a capital, postoque cercado tudo com um muro. E das Filippinas tinham vindo mais padres com outras cartas do governador para o imperador e *riquissimos presentes.*

Não póde deixar de se conhecer, n'este ponto da citada historia, que se estabeleceu a discordia entre os jesuitas e os franciscanos, quer ella fosse proveniente da differença de ordem religiosa ou da notavel e antiga animosidade entre portuguezes e hespanhoes; do que resultou que os franciscanos hespanhoes foram expulsos de Nagazaki, onde já se íam tambem estabelecendo. O governador de Nagazaki era um christão neophyto dos padres da companhia.

Pedro Martins, provincial dos jesuitas em Goa, foi nomeado bispo do Japão; e com o pretexto de uma nova embaixada para responder ás duvidas que o imperador do Japão poderia ainda conservar sobre a veracidade da carta do vice-rei D. Duarte de Menezes, parte de Goa para o Japão, e chega a Nagazaki a 13 de agosto de 1596, levando seis padres em sua companhia:

N'esse mesmo anno é recebido pelo imperador, que estava então em Fuximi, a quem entrega uma carta do vice-rei da India e os *ricos e valiosos presentes que levava.*

N'este anno de 1596, em junho e agosto, houve no Japão notaveis terremotos e uma erupção tão consideravel (provavelmente do Fuzi-iama) que a cinza chegou a cobrir as casas de algumas cidades na parte norte do Nipon. Um grande palacio do imperador abateu e sepultou 700 das suas concubinas, diz a referida historia.

Os padres da companhia queixam-se muito a miudo de que os padres franciscanos hespanhoes não tinham reserva alguma na propaganda; que prégavam e celebravam os mysterios da religião quasi publicamente. Contam que um japonez, que tinha vindo a Manilha, enganava o imperador do Japão, promettendo a obediencia e vassallagem do governador das Filippinas, e que vendo depois que os padres franciscanos hespanhoes descobriam os seus tramas, os denunciára ao mesmo imperador. Contam tambem que D. Mathias de Landecho, capitão hespanhol de um galeão, que tendo arribado ao Japão fôra confiscado, em uma audiencia que teve com o imperador, lhe dissera muito mal dos portuguezes, asseverando-lhe que não eram mais do que mercadores, e que homens de guerra eram só elles hespanhoes; e que n'essa occasião tambem, por imprudencia ou fanfarronada, dissera ao mesmo imperador o meio que o seu monarcha tinha seguido para se assenhorear dos vastos paizes que possuia, que era mandando primeiro padres para cathequisar, e depois armadas a conquistar. E de tudo isto tiram os jesuitas os motivos da primeira perseguição real ou de facto.

Parece porém que os padres da companhia se julgavam sómente auctorisados á propaganda do Japão; pois dizem que o papa Gregorio XIII prohibíra a quaesquer outros sacerdotes de lá poderem ir para esse fim sem expressa

licença sua. Esta referencia, que se acha muito explanada na referida historia, ainda mais nos leva a acreditar que houve discordia entre as duas ordens religiosas; postoque os jesuitas asseverem que trataram sempre bem os padres franciscanos e lhes prodigalisem alguns elogios.

Em 9 de dezembro de 1596 se expediu ordem de prisão ou de custodia para as casas religiosas dos franciscanos e jesuitas de Miako e de Ozaka. E no dia 11 o imperador ordenou que fossem crucificados, que era a fórma ordinaria das execuções no Japão; mostrando-se porém sempre muito inclinado a perdoar aos jesuitas portuguezes, quer com receio de alguma sublevação nas provincias ou estados do sudoeste do Japão, onde eram innumeraveis os christãos, ou já pelo muito commercio que os portuguezes faziam em Nagazaki, e que elle receiava perder; e tambem em consideração da embaixada e valiosos presentes que da parte do vice-rei da India lhe tinha trazido o bispo do Japão.

Todavia sempre tres dos padres da companhia não poderam escapar ao supplicio por terem sido encontrados em Ozaka e Miako, onde não podiam habitar.

Os martyres pois, em janeiro de 1597, foram vinte e seis; a saber: seis padres franciscanos hespanhoes, tres jesuitas japonezes e dezeseis christãos, tambem japonezes, encontrados nas casas dos padres (provavelmente leigos e famulos); os quaes, depois de lhes serem cortadas as extremidades das orelhas, foram conduzidos a Nagazaki e ali crucificados em cruzes japonezas, que têem duas travessas, uma mais curta por baixo da maior.

Note-se que nem um só portuguez foi executado; e pela relação nominal d'estes martyres vê-se tambem que os jesuitas japonezes que padeceram estavam ligados com os franciscanos hespanhoes.

E para que seriam elles conduzidos e executados em Nagazaki, onde estavam os portuguezes?

N'este mesmo anno 1597, o imperador Taikum-sama faz uma nova invasão na Coréa, com uma frota e exercito composto quasi todo de christãos dos estados do Bungo, Tongo, Ximo, Goto e outros do sudoeste do Japão, que é onde havia a maior força da christandade; e commandado tudo pelo almirante general D. Agostinho, principe japonez ha muito tempo convertido ao christianismo; e dá idéa de repartir a Coréa, que foi facilmente conquistada ou invadida, pelos principes ou senhores christãos do seu imperio, com o fim talvez de os desterrar para ali com os seus mais notaveis vassallos para limpar o Japão da maior parte dos christãos. E aproveitando-se da occasião em que os principes e senhores christãos estavam na guerra da Coréa, mandou ordem ao governador de Nagazaki para que juntasse todos os padres portuguezes da companhia de Jesus que estavam dispersos pelo Japão e os fizesse embarcar no primeiro navio que partisse para Macau, deixando ficar sómente tres em Nagazaki para servirem aos portuguezes ali residentes.

No anno de 1598, que é quando as intimações de desterro começaram a ter logar, estavam no Japão cento e vinte cinco padres da companhia. Havia um seminario em Arima, com cem estudantes nobres, e um collegio em Amacusa, composto de cincoenta religiosos.

N'este mesmo anno foram tambem demolidas cento e trinta e seis igrejas nos reinos ou estados do sudoeste; a saber: em Arima, Omura e Firando.

Note-se que tudo isto faziam as auctoridades do Japão com certas considerações, como quem não podia eximir-se ao cumprimento das ordens do imperador, avisando e prevenindo primeiro os padres, para que se retirassem ou se escondessem; parecendo que havia pelos padres

portuguezes uma notavel sympathia, mesmo da parte dos que não eram christãos.

A chegada porém no fim d'este anno de dois padres franciscanos hespanhoes comprometteu ainda mais as cousas. Um d'estes padres foi logo preso, o outro sumiu-se; e os jesuitas e as auctoridades faziam todas as diligencias para o encontrar, a fim de mandarem immediatamente ambos para Manilha.

A este tempo o imperador Taikum-sama caiu doente; e vendo-se proximo da morte determinou que depois de morto não queimassem o seu corpo, como é costume, mas que o embalsamassem e o pozessem no numero dos Camis ou deuses do Japão.

Note-se que quando elle imperador estava doente o padre João Rodrigues, portuguez, e mais alguns portuguezes, foram visita-lo e levar-lhe presentes; e elle tratou muito bem o padre, a ponto que o mesmo padre teve o arrojo de o querer converter; ao que elle imperador só respondeu que a materia d'aquelle discurso lhe era summamente desagradavel. (Tom. III, pag. 330.)

Morreu o imperador Taikum-sama em 15 de setembro de 1598, e ficou governando uma regencia em nome de um menor seu filho.

Esta regencia mostrou-se favoravel aos christãos, e conseguintemente os padres voltaram para as suas residencias e igrejas, bem como os seminaristas aos seus seminarios.

Em 1599, no reino ou senhorio de Fungi, que pertencia a D. Agostinho, o padre João Baptista baptisou mais de 30:000 japonezes no espaço de seis mezes, e foram em outras partes convertidos muitos outros nobres e senhores, e reedificaram muitas igrejas.

Em 1600 houve uma guerra civil entre os regentes, o que deu causa á morte de muitos nobres christãos, em cujo numero entrou tambem a princeza D. Gracia, mu-

lher do senhor de Tongo, como já contámos; e no anno seguinte foi levado ao patibulo e degolado por motivos politicos o principe D. Agostinho, almirante e general que fez a guerra da Coréa, e que era governador dos nove reinos do Ximo, parte da grande ilha encravada na de Nipon, uma das porções mais consideraveis do Japão, e onde mais se tinha propagado a religião christã, com o exemplo e sob os auspicios d'aquelle grande senhor. Vê-se porém que n'estes supplicios não entrou de modo algum a perseguição religiosa.

Em 1603 havia no Japão vinte e nove padres da companhia, dos quaes nem todos eram sacerdotes, divididos em dois collegios, duas casas e dezenove residencias.

Foi n'este anno que começaram na China e navegação do Japão as hostilidades dos hollandezes contra os portuguezes.

Em 1607 a cidade de Nagazaki era toda habitada de christãos, segundo refere a supracitada historia. (Tom. III, pag. 307).

Em 1609 houve tres martyrios notaveis no reino ou senhorio de Firando.

N'este mesmo anno (1609) occorreu em Nagazaki um conflicto com a povoação, que deu causa a um combate naval. A tripulação de um grande navio de commercio portuguez, do qual era capitão um valente chamado André, teve em terra uma desordem com os habitantes, em que houve muitas mortes de parte a parte. O cubo regente do imperio mandou castigar todos os criminosos, sem exceptuar o capitão do navio; este recolheu-se a bordo com a guarnição; o governador de Nagazaki mandou-o atacar por muitos navios com soldados; mas os portuguezes a tiro de canhão metteram alguns no fundo e destroçaram o resto, fazendo-se logo de véla. O vento porém era contrario, e por mais esforços que os portuguezes fizeram, tres dias

estiveram sem poder saír do porto, que é excessivamente extenso; isto deu tempo a que os japonezes construissem sobre barcos umas torres altas de madeira e os viessem novamente atacar; e não obstante o fogo da artilharia, abordaram o navio pela prôa. Um portuguez, querendo lançar uma granada, pegou fogo na esteira do traquete, que da véla se communicou ao mastro; afflictos e occupados em apagar o fogo não repelliram a abordagem e o navio encheu-se de inimigos. O capitão, vendo isto, correu ao paiol da polvora e lançou-lhe fogo, saltando o navio para o ar com todos quantos tinha dentro, portuguezes e japonezes. A perda da fazenda que trazia este navio foi avaliada em um milhão de cruzados.

O regente, escandalisado com os portuguezes, começou a tratar com os hollandezes, que em 1611 já frequentavam o porto de Firando, que é um dos mais proximos ao sudoeste do imperio.

Foi n'este anno de 1611 que principiou a mais geral e horrivel perseguição contra os christãos, que não findou senão com o exterminio de todos.

O jesuita Crasset, na historia d'onde temos extractado estas noticias das nossas relações com o Japão, aponta varias causas d'esta animosidade contra os christãos. Entre as que indica parece-nos de maior peso e mais saliente as suspeitas e intrigas que os naufragos de um navio hollandez commandado por um inglez incutiram no animo do regente do imperio contra os portuguezes e hespanhoes, que então formavam uma só nação, fazendo-lhe ver o perigo que o imperio corria de ser atacado pelo rei de Hespanha, que já estava senhor da India, de Malaca, das Molucas e das Filippinas; que tinha colonias por toda a parte, e até na China; que mandava os padres adiante para predispor os povos, e que depois mandava força a conquistar; o que se lhe tornava facil, porque já os povos tinham mu-

dado de religião; e que os padres eram os seus espias. Estas intrigas foram ainda augmentadas com as illações que tiraram por um piloto hespanhol andar sondando alguns portos e costas do Japão.

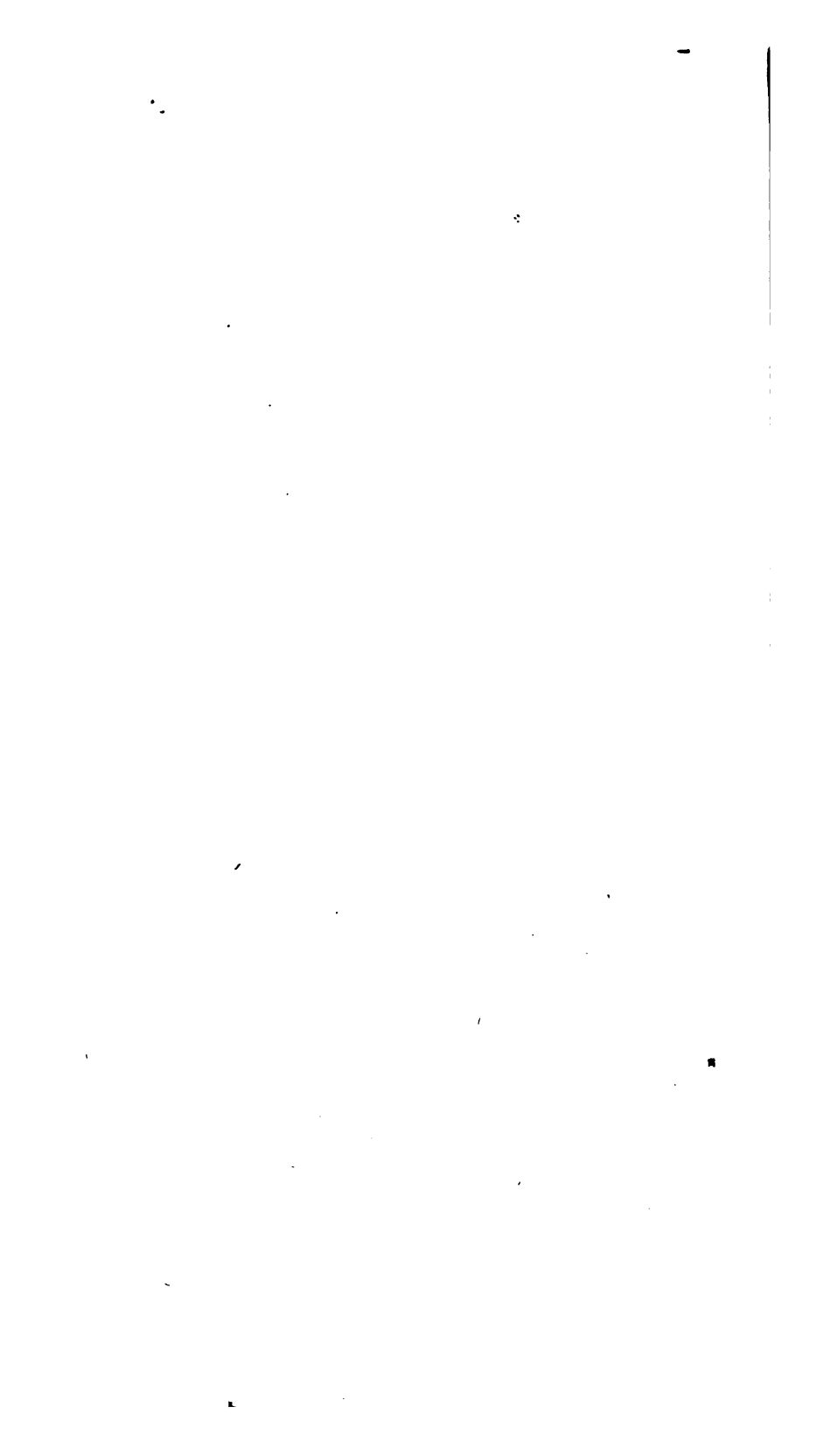
O padre jesuita Crasset omitte absolutamente as rasões ou motivos de intrigas e discordias entre os padres da companhia e os franciscanos hespanhoes, que alguns auctores apontam, e que me não parecem absolutamente destituidas de fundamento, não só pelas costumadas inimisades entre as differentes ordens religiosas, como, não menos, pela antipathia que n'essa epocha devia haver entre portuguezes e hespanhoes. Corroboram estas suspeitas as queixas que os jesuitas fazem sobre a transgressão praticada pelos franciscanos de uma bulla do papa, que elles jesuitas tinham impetrado, a qual concedia sómente aos jesuitas a faculdade de missionar no Japão. Uma outra rasão, que faz suspeitar esta animosidade, é a quasi nenhuma menção que a referida historia faz das muitas conversões que fizeram e das muitas igrejas que tambem estabeleceram os franciscanos, especialmente ao nordeste do imperio, o que parece não deveria omittir-se em uma historia da igreja do Japão, mostrando-se aliás na mesma historia que os padres da companhia querem toda a gloria para si.

Parece porém incrivel que o estado de propaganda da religião no Japão chegasse ao grande desenvolvimento e esplendor em que elles a representam. É um caso unico na historia da religião catholica, que em um paiz onde ella chegasse a tal estado de progresso, e regada com o sangue de tantos martyres, podesse vir a ser completamente extincta. Acredito pois que os padres da companhia nas suas relações para Roma exageraram muito os resultados dos seus esforços.

O resto da historia de que tratâmos conta pois, a partir do anno de 1611, uma serie de perseguições, de depor-

tações e de martyrios, dos nobres e povo do Japão, demolição das igrejas e expulsão dos padres todos para fóra do imperio, que faz lembrar as perseguições dos primeiros seculos da igreja catholica.

Um dos nobres senhores do Japão, D. Justo Ucondono, é desterrado, e embarca com toda a sua familia e côrte para Manilha, aonde é de presumir que haja actualmente algum seu representante.

Muitos christãos foram desterrados para a parte mais ao nordeste do Nipon, para Tzugaru, junto do estreito de Tzugar, que separa esta ilha da de Yezo. Póde ser que ainda ali existam tambem muitos descendentes d'esses christãos, porventura abandonados por quem tantas façanhas conta dos seus trabalhos de propaganda. A referida historia de feito não nos conta que algum padre europeu os acompanhasse n'esse desterro, talvez porque a localidade era pouco commercial e assás remota e desconhecida!

III

Do Oriente conquistado a Jesus Christo pelos padres da companhia de Jesus, da provincia de Goa Lisboa, 1710

A tão douta e classica obra, que tanta honra dá aos nossos historiadores do XVII seculo, escripta pelo padre Francisco de Sousa, não deviamos deixar de ir procurar noticias sobre as nossas antigas relações com o Japão, em que a mesma obra muito abunda; e para evitar repetições do que fica dito por outros auctores já referidos, só extractaremos aquillo que nos parecer de maior interesse historico, citando em geral aquella excellente obra como fonte assás pura e abundante de noticias de grande parte dos nossos antigos successos e conquistas, desde o cabo da Boa Esperança até aos mais remotos confins do Oriente.

N'esta obra o padre Sousa, começando a tratar do Japão, no tomo I, conquista IV, divisão I, prova que aquelle paiz não fôra conhecido de nenhum dos antigos geographos, e sobre a sua descoberta pelos portuguezes aponta a versão que depois seguiu o padre Crasset e outros, dizendo que foram os tres portuguezes Antonio da Mota, Francisco

Zeimoto e Diogo Peixoto, os taes que vinham corridos de Sião com um temporal; mas acrescenta:

«Antes ou depois d'estes tres, porém no mesmo anno, foram aportar a uma das ilhas do Japão, servindo a um corsario que de proposito a demandava, Fernão Mendes Pinto, Christovão Borralho e Diogo Zeimoto;» e passa a referir o que diz Fernão Mendes Pinto na sua *Peregrinação*.

Ainda mais rasão para acreditarmos o Pinto, porque é elle e só elle o que narra o que ali passou; dos outros não se sabe onde aportaram, nem o que passaram com os povos do paiz.

O padre Sousa continua ainda a seguir as noticias que na *Peregrinação* dá Fernão Mendes Pinto, e que provavelmente achou comprovadas pelos escriptos e noticias referidas pelos padres jesuitas da missão ou provincia do Japão, os quaes escriptos deviam n'essa epocha existir ainda nos archivos da ordem em Goa, onde escreveu.

Divide o padre Sousa o imperio do Japão em sessenta e seis senhorios ou principados. Diz que estes principes ou duques, como lhes chamava S. Francisco Xavier, tinham no paiz o nome ou titulo de jacatas. Que a ilha de Saxuma ou Ximo (Kiusiu) tinha nove principados; Xicocu (Sikok), quatro; e cincoenta e tres a grande ilha (Nipon), e que a capital n'aquelle tempo era em Miako.

Sobre a historia antiga do Japão diz que seiscentos e sessenta annos antes da era vulgar o Japão era governado por um só imperador descendente dos Camis, primeiros reis do paiz, os quaes Camis ficaram sendo adorados como semideuses por serem da *prosapia* do sol. E segue:

«Ainda se conservava o imperio n'esta luzidissima familia ha duzentos e sessenta e sete annos (a respeito do anno de 1696 em que isto escreveu), quando Xongum, general das armas, se levantou com o Dayre, isto é, o impe-

rador; e á sua imitação os mais jacatas, e dividiram o imperio em tantos principados quantos eram os levantados. Ficou o Xongum com Miako e com alguns reinos confinantes, e começou á despedaçar-se a fogo e a ferro a monarchia japoneza, mudando-se á cada passo as corôas de umas cabeças para outras, conforme o poder ou a fortuna de cada um, até que no seculo passado um principe chamado Nubonanga sujeitou por armas todos os mais e se fez absoluto senhor do Japão. O Dayre, pela veneração e respeito devido ao sangue dos Camis, aindaque perdeu o governo, ficou todavia conservando o titulo de senhor supremo. Elle é o que dá os titulos honrosos e promove aos graus de nobreza, de que são os japonezes, sobre todas as outras nações, vaidosos. Tem por honrada prisão o seu palacio, e quando n'elle se quer mudar de uma parte para á outra os nobres o levam nas mãos, para que lhe não succeda tocar o chão com os pés. Assim souberam os japonezes conciliar a ambição de reinar com a fé devida a seus legitimos senhores, usurpando-lhe a utilidade do governo, e deixando-os com a soberania do titulo.

«É gente branca, magnanima e generosa, inclinadissima ao exercicio das armas, de subtilissimo engenho, e, por abreviar, de tantos vicios e virtudes naturaes, que não é facil medir o excesso. Nos costumes politicos parece que adrede se andaram desviando dos europeus, e só n'este particular são nossos antipodas. Tem montes abundantissimos de prata, d'onde cavam a necessaria para o seu commercio, de que hoje logram os hollandezes com muita gloria da nação portugueza, que foi excluida d'elle para que não introduzisse, á sombra do commercio, ministros do evangelho que tornassem a restaurar a fé de Christo n'aquelle imperio, onde ainda persevera encoberta grande multidão de christãos, como nos consta por via dos mesmos hollandezes. Contava certo governador de Malaca, hollan-

dez, que por justas causas se não nomeia, ao reverendo padre fr. João de Jesus Maria, religioso muito exemplar e de boas letras, da esclarecida familia dos eremitas de Santo Agostinho, que no Japão nas aldeias onde havia christãos, se ouvia uma voz ao pôr do sol ensinando a doutrina christã e exhortando á virtude. Fizeram os ministros gentios exquisitas diligencias para prenderem os corpos onde se formavam estas vozes, porém como eram espiritos angelicos que suppriam a falta dos missionarios, não tiveram estas pesquizas outro effeito senão divulgar mais o milagre e encher os gentios de confusão e espanto. E como os antigos mestres do Japão, a quem estas vozes substituiam, eram catholicos, confessava o herege hollandez que estava muito abalado a unir-se á igreja romana. Esta noticia me communicou o mesmo padre fr. João de Jesus Maria, de cuja verdade seria temeridade duvidar-se, o que bem o poderia fingir o governador, o que não supponho de pessoa tão auctorisada. Por outras vias correu em Goa a mesma nova, e todos duvidam se é verdadeira por muito milagrosa.

«O clima do Japão é muito sadio e cria corpos enxutos e robustos, de olhos demasiadamente pequenos, narizes chatos, poucos cabellos, menos barba, inferiores á mediana estatura, porém muito soffredores do trabalho e de largo praso de vida. O terreno mais se levanta em montanhas do que se estende em campinas. Os valles, com os muitos rios que descem dos montes, são ferteis: produzem arroz, mantimento ordinario, e trigo, de que não fazem pão, se bem usam d'elle em outras iguarias. Não apascentam gados nem se cansam muito em cultivar os campos, d'onde nasce serem pobres, e podendo lograr abundancia apenas têem o necessario. Gosam de varias fructas, aves e animaes da Europa. A lingua, tão custosa de aprender aos estrangeiros, é uma só em todas as ilhas; porém essa dividida em tantas que se póde reputar em dez ou doze idiomas

diversos. De um modo se falla ao cortezão, de outro ao rustico; as mulheres se tratam por uma phrase, os homens por outra; as materias sublimes têem palavras proprias, nas domesticas se varia o estylo; e em uma palavra, para qualquer dos estados ou das materias, é necessario seu vocabulario distincto. Escrevem por geroglificos, e tantos são os caracteres quantas as palavras. Este alphabeto incomprehensivel lhes trouxe da China Combosdachi, bonzo, isto é, religioso, de tão alta sabedoria que duvidam se era homem ou espirito vindo do céu ou do inferno. Porém affirmam que se era homem ainda hoje vive. Mandou-se fechar vivo em uma gruta com grossa muralha, e disse que d'ahi a dez mil annos appareceria n'aquelles reinos Mirozu, grandissimo letrado, a ensinar novas sciencias e semear novos principios de religião, e que então sairia a disputar com elle. Junto á caverna onde se encerrou este falso Elias, lhe consagraram um templo e um mosteiro fabricados com real magnificencia, e no anno de 1560 eram quatro mil as alampadas que lhe accendia a devoção japoneza, tendo-se por bemaventurados os que, depois da morte mandam sepultar os dentes junto á sua gruta, porque isto basta, na sua opinião, para irem logo ao paraizo de Combosdachi; e bastaria ainda menos por ser facil cousa descer ao inferno. Não escrevem lançando a regra da mão esquerda para a direita como nós fazemos, nem da mão direita para a esquerda como fazem muitas das nações da Asia, senão por linha recta de cima para baixo, imitando a figura humana, como disse um d'elles a Xavier, que começando da cabeça desce aos pés.

«No ponto de religião têem nove seitas muito differentes entre si. Quem adora o sol e a lua; quem algum dos Camis, antigas divindades do Japão; quem os Fotoques, idolos transplantados da China, dos quaes os principaes foram Amida e Xaca. Uns são atheus; outros sacrificam

ao demonio n'aquella mesma figura horrivel e monstruosa em que o costumâmos pintar. Alguns crêem a immortalidade da alma e depois da morte premio para os bons e castigo para os maus. Outros seguem a transmigração das almas de uns corpos em outros, e outros ao contrario affirmam que as almas se tornam em nada, assim como eram nada antes de nascerem. Tem gerarchia ecclesiastica tão disformemente conforme com a nossa que causa espanto. No Miako, metropole do imperio, reside o Zazo, dignidade correspondente ao summo pontifice no christianismo. Este canonisa os imperadores que quer, approva as seitas, consagra e ordena patriarchas e bispos, os quaes depois criam sacerdotes e lhes dão jurisdicção de offerecer incenso aos idolos e applicar os merecimentos de Amida e Xaca pela redempção dos vivos e salvação dos mortos. Os religiosos, assim solitarios como conventuaes, são quasi infinitos, de varios habitos e institutos. Consiste a sua ordinaria observancia em andarem rapados de barba e cabello, em não se casarem nem comerem carne nem peixe fresco. Não ha em todo o Japão gente mais perversa nem mais dada ao vicio nefando. Não faltam mosteiros de monjas, que elles chamam Biconis, virgens na apparencia e verdadeiramente tão deshonestas como os seus bonzos. D'ellas se derivou pelas mais mulheres a facilidade dos abortos. Têem ordem militar de cavalleiros em numero de trinta mil, famosos na guerra e de tão estreita castidade que não só se não casam, mas nem ainda se permitte a qualquer mulher que seja entrar em algumas poucas cidades da sua jurisdicção. Como estivemos tantos annos n'este imperio, tinha noticias sufficientes para compor um tratado sobre as cousas pertencentes aos costumes e ritos japonezes, que os curiosos podem ler com mais miudeza nas cartas do Japão, e no padre João de Lucena, porque para informar os que me lerem basta e sobeja o referido.»

Pedimos perdão á memoria do auctor, por termos modernisado a sua orthographia.

Passa depois o auctor a contar a historia do japonez Augero, o qual depois que se baptisou tomou o nome de Paulo de Santa Fé, e que é o mesmo que Fernão Mendes Pinto conta que recebêra no batel e mais dois creados, quando vinha fugindo de terra perseguido por outros. Aqui o auctor attribue a saída de Angero do Japão ao desejo de se fazer christão, mas conta todavia que elle comettêra um assassinato e que andava foragido; e que os capitães de algumas naus portuguezas lhe offereceram traze-lo para Malaca, emquanto se compunham as cousas com os parentes do morto.

Effectivamente um dos capitães, Jorge Alvares, o trouxe para Malaca com tenção de o apresentar a S. Francisco Xavier; mas o apostolo estava então nas Molucas, e só passado tempo é que o Angero lhe pôde ser apresentado, que nunca mais o largou até que, recebendo o santo d'elle Angero muitos esclarecimentos sobre a indole e costumes dos japonezes, o levou a Goa, onde o baptisou; e foi depois com elle para o Japão, para onde o santo partiu e chegou em 1549, levando em sua companhia, alem do Paulo de Santa Fé e dos seus dois creados João e Antonio, todos tres japonezes por elle baptisados e doutrinados, ao padre Cosme de Torres, e ao irmão (leigo) João Fernandes; os quaes, depois de muitos trabalhos soffridos na viagem, aportaram a Kangosima, patria do Angero.

Aqui começa a historia da propaganda ou conquista catholica do Japão, que é o fim principal da obra; mas note-se o muito commercio e trato que os portuguezes já tinham n'essa epocha com o Japão, pois dois annos antes se encontravam tres e mais naus (navios de gaveas) portuguezas reunidas ao mesmo tempo em Kangosima.

O ciume commercial de umas cidades com outras co-

nhece-se tambem ser uma das causas das perseguições religiosas; e por este ciume se conhece igualmente a importancia que os japonezes davam n'aquella epocha ao nosso commercio, ou a que na realidade elle tinha. Os navios portuguezes, talvez porque obtinham mais lucros ou encontravam melhores generos, entraram a abandonar o porto de Kangosima e a frequentar o de Firando; foi quanto bastou para que o duque de Kangosima (Cangoxima lhe chamavamos n'aquella epocha) perseguisse os christãos e o santo Xavier, o qual partiu para Miako, com o fim de pedir auctorisação para missionar.

É cousa curiosa ler no *Oriente conquistado* as disputas ou dialogos sobre materias religiosas que os bonzos tiveram com os jesuitas; e d'ellas se póde conhecer perfeitamente o estado das idéas philosophicas dos japonezes. Nação nenhuma seria n'aquella epocha capaz de argumentar com similhante logica. Citarei um só exemplo; o bonzo pergunta ao jesuita (dialogo 7.º):

«Por que razão nos carrega Deus com uma lei tão incomportavel á fragilidade da natureza humana? Porque nos deu um entendimento tão cego no conhecimento da verdade; uma vontade tão desordenada na eleição do bem; umas paixões assim contrarias á rasão e uma carne assim branda e flexivel ao carinho de qualquer deleite?» Um povo que em 1550 tinha doutores que faziam taes perguntas deve já ter produzido muitos Voltaires.

O *Oriente,* como se conclue do seu titulo, é uma historia destinada essencialmente á conquista religiosa, e já largamente tratámos d'este assumpto no que extractámos da *Historia da igreja do Japão,* do padre Crasset, que aqui ao *Oriente conquistado* veiu buscar grande parte, e até o melhor das noticias que nos dá, e que não apontaremos para não enfadar com repetições.

Na epocha de mil quinhentos usavam os nobres japo-

nezes da caça altaneira dos falcões (conquista 4.ª, divisão 2.ª, § 9).

No paragrapho ou periodo seguinte conta que o padre Pedro de Alcaçova, missionario do Japão, quando chegou a Goa acompanhando o cadaver de S. Francisco Xavier apresentou ao vice-rei D. Affonso de Noronha tres cartas, uma do duque ou rei de Firando, outra do de Amanguchi, e a terceira do de Bungo, que lhe mandava de presente as armas com que vencêra dois reis em uma batalha, e lhe dizia assim em um paragrapho da carta:

«Os dias passados, ouvindo eu ao padre Francisco Xavier arresoar sobre uma nova lei do creador de todas as cousas, que elle andava prégando aos povos de Amanguchi, lhe prometti em segredo, que ainda trago mui fechado no coração, de tomar da sua mão o nome e a agua do santo baptismo, quando elle voltasse a este meu reino, aindaque por esta causa se houvessem de levantar contra mim os meus Vassallos. E elle reciprocamente me prometteu de tornar logo a ver-me, por satisfazer a este meu desejo, se Deus lhe desse vida e saude. Mas porque a sua vinda se prolonga mais do que me promettia a minha esperança, envio este *homem* a saber d'elle e da rasão por que tanto se dilata; e rogo a vossa excellencia lhe peça em meu nome, se assim for necessario (porque os reis da terra não devem ter presumpção para o mandar) torne na primeira monção a este meu reino, no que fará grande serviço a Deus.»

Aqui attribuem os jesuitas a apresentação d'estas cartas aos seus padres; mas ha um homem, no conteúdo de uma d'ellas; e os reis ou duques do Bungo nunca chamaram homem a um padre. Veja-se o que conta Fernão Mendes Pinto, pela chegada do corpo de S. Francisco Xavier a Goa. Houve pois em 1552, ou em 1553, um emissario dos duques da ilha Kiusiu, no Japão, que veiu

com cartas e presentes ao nosso vice-rei da India D. Affonso de Noronha.

Tudo o mais que o *Oriente* conta em resultado d'estas cartas se conforma ainda com o que conta Fernão Mendes, a quem é muito natural que os padres não copiassem, porque tinham nos seus archivos documentos e memorias súas.

Mas a proposito de Fernão Mendes Pinto, e da epocha chronologica em que nos achâmos (1554), e poisque copiámos fragmentos do *Oriente conquistado*, copiaremos um relativo ao mesmo Fernão Mendes, a quem os padres passam aqui a considerar como pertencente á sua ordem; e que tendo tambem relação com o Japão, muito esclarece alguns assumptos. Trata este fragmento do grande enthusiasmo religioso, conversão e entrada na ordem, como leigo, do auctor da *Peregrinação* (conquista 1.ª divisão 2.ª §§ 7 e 8).

Tinha chegado a Goa o corpo de S. Francisco Xavier, è conseguintemente era espantoso o enthusiasmo religioso.

«Estava n'este tempo em Goa Fernão Mendes Pinto, bem conhecido pelo livro das suas peregrinações *tão verdadeiras na bôca dos noticiosos, como duvidosas na opinião do vulgo;* o qual depois de andar quatorze annos navegando e contratando da India até á China, e nos ultimos annos até ao Japão, tratou de passar á Europa em janeiro de 1554. Mas antes de se embarcar quiz fazer uma confissão geral com o padre Belchior Nunes, e deixar na India os peccados comettidos em vinte e um annos que peregrinára por estas partes. Para fazer isto com maior socego se retirou á ilha de Chorão, uma legua distante de Goa, e o confessor com elle. Aqui na igreja de Nossa Senhora da Graça, que por este tempo se fabricava, se confessou geralmente com muita consolação do seu espirito; e alliviado já de um peso tão grave e tão molesto se poz a pra-

ticar com o padre Nunes sobre a christandade do Japão, contando-lhe as virtudes e casos prodigiosos que pouco antes havia visto n'ella. No melhor da conversação proseguiu dizendo que se o padre vice-provincial se deliberasse a emprehender aquella viagem tambem elle em serviço da Santa Fé e conservação da companhia n'aquelles reinos dispenderia com alegre coração até doze mil pardaus que tinha em dinheiro amoedado, alem de um grande cabedal em drogas com que determinava voltar a Portugal; pois de quantas nações vira no Oriente, e eram quasi todas, nenhuma se podia igualar á japoneza, na facilidade de obedecer á rasão e na constancia em conservar a Fé. Com quatro mil pardaus fundaria um collegio na cidade de Amanguchi, d'onde a companhia podesse saír a prégar pelo restante d'aquelle imperio; e com isto satisfaria ao cordeal affecto com que amava o padre mestre Francisco. Pareceu ao padre Nunes obra da mão de Deus esta improvisa mudança de pensamentos em um homem que empregára os annos da sua vida em accumular riquezas com tantas fadigas; e agora quando já estava rico e as podia lograr em boa paz as consagrava todas em obsequio da Fé, com tão generoso e dilatado coração. E como o esteio de tudo dependia da sua viagem da India ao Japão, tomou alguns dias para consultar a ultima resolução com homens de virtude e prudencia. Estes foram os conegos da sé e os religiosos das duas ordens de S. Domingos e de S. Francisco, que, *n'aquelle bom tempo, quando o zêlo da honra de Deus prevalecia á emulação* [1], concorriam indistinctamente com os nossos, como se todos fossem filhos

[1] O italico é notado por nós, e serve para o leitor tirar consequencias sobre uma das causas da quéda do christianismo no Japão, que o padre Crasset hypocritamente nega. Mas estes que isto escreveram tambem eram jesuitas e estavam mais perto e mais ao facto.

da mesma familia. Foram tambem consultados os padres Balthazar Dias e Paulo Camerte; e ponderadas as rasões por uma e outra parte, concordaram todos na approvação da jornada. Sabia-se como S. Francisco Xavier determinava manda-lo; como o padre Cosme de Torres, columna d'aquella christandade, estava já muito velho, e faltando-lhe este arrimo seria facil arruinar-se; como aquella engenhosa nação necessitava das grandes letras do padre Nunes; e á India de anno em anno não faltariam novos subsidios de Portugal.

«Tomado este accordo não restava outra cousa senão o consentimento do vice-rei D. Affonso de Noronha; mas este não costou uma só palavra, porque entrando o padre a fallar-lhe na materia, o mesmo vice-rei lhe disse, ainda de longe: Que faz vossa paternidade aqui, por que se não vae para o Japão? E dizendo isto lhe mostrou tres cartas que estava lendo, uma de el-rei de Firando, outra de el-rei de Amanguchi e a terceira de el-rei de Bungo, *que todos se offereciam por amigos da corôa portugueza;* e lhe pediam padres da companhia para doutrinarem a seus vassallos. Vendo o padre Nunes que o mesmo vice-rei lhe ordenava o que elle lhe vinha pedir, acabou de persuadir-se ser inspirada por Deus a sua ida ao Japão; e todo enternecido lhe respondeu que esse era o unico motivo da sua vinda ao paço.

«Tão perigosa cousa é conjecturar as disposições do céu por accidentes casuaes. Sabemos que Santo Ignacio estranhou esta resolução, por não ficar na India sujeito de grandes talentos que a governasse; e se Deus gratificou o zêlo da vontade não aceitou o fructo das obras; como veremos na conquista 4.ª

«Assentada pois com o vice-rei a viagem, começou o Fernão Mendes Pinto a repartir sua fazenda. Remetteu a Portugal dois mil cruzados de emprego a parentes pobres.

Applicou quatro a outras esmolas. Forrou grande numero de escravos que possuia, excepto tres que com muitas lagrimas impetraram a continuação do captiveiro; e por acompanhar a seu senhor desprezaram a liberdade. Comprou escarlatas e brocados riquissimos da Europa para apresentar aos reis do Japão; e n'estas repartições do seu dinheiro andava sem comparação mais alegre do que antes quando o juntava: Teve o vice-rei noticia d'elle e cobrou-lhe tão grande affeição *que o nomeou por seu embaixador a el-rei de Bungo* [1], e lhe mandou entregar os presentes e as cartas de recommendação sobre os padres e muito em particular sobre o padre Nunes.

« Faltava sómente escolher do collegio de Goa companheiros para conduzir a nova fundação de Amanguchi; e foram tantos os pretendentes e tantas as suas lagrimas, que fizeram muito perplexa a eleição, resoluta finalmente em favor do padre Gaspar Villela e de quatro irmãos estudantes. Não foi menor a competencia entre os meninos do seminario; e foi preciso contemporisar com elles, escolhendo cinco dos mais dispostos a aprender a lingua japoneza, a fim de servirem de interpretes aos padres que depois passassem ao Japão; e aos mais se prometteu por escripto de os irem enviando successivamente pelo tempo adiante. Divulgada por Goa a leva de gente para tão gloriosa conquista, se vieram offerecer muitos seculares dos mais nobres; e o que mais admira matronas de muita idade, allegando que podiam servir de prégar a fé ás senhoras do Japão. Foi tal o fervor n'esta cidade, effeito sem duvida da benção de S. Francisco Xavier sobre os seus japões, que alguns devotos, ao saír da nau pela barra fóra, a foram seguindo em ligeirissimos balões (escaleres), gritando que assim a remo se metteriam ao mar largo se os

[1] No texto não ha italicos. Veja-se a 4.ª viagem ao Japão de Fernão Mendes.

não recebessem n'ella; e foi necessario recolher alguns poucos e despedir os mais com boas rasões.

« No dia determinado á partida substituiu o padre vice-provincial em seu logar ao padre Balthazar Dias, que sem estudar muita theologia era um S. Paulo no pulpito; e ao pôr do sol passou á ilha de Chorão a tomar a benção da Senhora da Graça, em cuja igreja poucos dias antes se haviam concebido os desejos d'aquella jornada. Quasi toda a noite levaram em oração diante do altar da Senhora; e ao repontar da aurora de 15 de abril disse missa o padre Nunes; e antes de commungar renovou os votos, segundo o costume da companhia. Já Santo Ignacio lhe havia mandado a profissão solemne de quatro votos; mas como não havia então na India quem a podesse aceitar foi preciso differi-la com grande gosto seu, como elle dizia, para ter mais tempo de lavar com lagrimas de penitencia as maculas de sua alma antes de fazer a Deus aquelle sacrificio. Renovaram os votos os mais companheiros por sua ordem; e foram tantas as lagrimas de devoção e de affectuosissima caridade com que se foram abraçando uns aos outros, que commovido com aquella vista Fernão Mendes Pinto, sem imaginar, como manda o evangelho, se tinha cabedal bastante para as despezas de tão grande edificio, levantou a voz, e com o rosto abrasado e todo desfeito em lagrimas, fez voto de pobreza, castidade e obediencia, e de viver e morrer na companhia de Jesus, e de empregar toda a sua fazenda no serviço da christandade japoneza.

« Assim acontece aos que nunca gostaram a doçura do espirito, que quando a primeira vez lhe tomam o gosto, levados da suavidade da consolação, não reparam em fazer votos de que finalmente se arrependem, passados os primeiros fervores. Um dos companheiros o quiz interromper para que não continuasse, mas foi em vão esta diligencia, porque elle arrebatado do impeto do seu fervor,

proseguiu adiante; e o padre Nunes, como se tudo viesse de Deus, lhe fez uma breve exhortação e o recebeu na companhia. Saíram os padres da igreja e o fervoroso noviço se deixou ainda ficar n'ella: tirou dos dedos alguns anneis de preço que trazia e os metteu nos de um menino Jesus que estava nos braços da Senhora. Todos estes fervores se vieram depois a esfriar, e finalmente desvaneceram.»

D'isto se conclue que Fernão Mendes Pinto, um dos portuguezes mais originaes que passou á India, tambem foi irmão leigo jesuita; que provavelmente depois largou o habito; e que talvez por isso não conseguisse na côrte a recompensa dos serviços que prestára, do que elle tanto se queixa.

Passa o *Oriente conquistado* (conquista 4.ª, divisão 2.ª, § 15) a contar os successos da embaixada do nosso vice-rei da India ao rei do Bungo, conformando-se exactamente com a narração do Fernão Mendes Pinto na sua quarta ida ao Japão, distinguindo entre a embaixada dos interesses do estado e a do tocante á fé religiosa; da primeira diz que fôra encarregado o Pinto, o qual levava do vice-rei ricos presentes de *armas guarnecidas de custosa pedraria e excellentes peças de oiro e joias de valor;* e da segunda o padre Nunes, o qual faz ao mesmo rei um eloquente discurso religioso que traz por extenso. E continua narrando largamente os progressos e contrariedades da propaganda religiosa, no que parece que mais influia nos potentados do Japão o interesse de chamarem aos seus portos o commercio das nossas naus do que o desejo de se fazerem christãos.

Na parte 2.ª, conquista 4.ª, divisão 1.ª vem a carta que el-rei D. Sebastião escreveu ao rei de Bungo, a qual copiaremos na sua integra:

«Nobre e honrado duque de Bungo. Eu D. Sebastião,

por graça de Deus rei de Portugal, etc. vos faço saber que por cartas que os padres da companhia de Jesus, que andam n'essas terras do Japão, escrevem a este reino, soube da muita rasão que ha para eu folgar com vossa amisade pelo consentimento que daes aos naturaes de vossas terras para se fazerem christãos e receberem a nossa santa fé, e pelo muito favor, que acerca d'isso déstes sempre aos ditos padres, e em tudo o que cumpria a suas pessoas, e segurança d'elles nos perigos, trabalhos e necessidades que se lhe offereciam, soccorrendo-os sempre com avisos, conselhos, ajuda e esmolas para seu remedio e sustentação, do que recebi e recebo mui grande contentamento, especialmente porque espero, que após estas boas obras, que são indicio e signal de nosso Senhor vos querer dar inteiro e verdadeiro conhecimento da verdade e pureza da lei de Jesus Christo redemptor nosso, vos fará mercê de vos dar luz e graça para o receberdes, e elle vos receber n'ella para a salvação de vossa alma e de todos os vossos vassallos, que ainda não chegaram ao conhecimento d'este bem: porque tenho esperança que recebendo-a vós, todos elles farão o mesmo; e assim como vos virem guardar a fé e lealdade ao Senhor e Creador de todo o mundo, não dando ás creaturas a honra, serviço e veneração, que a elle como a Deus, de todos se deve, vos serão leaes e fieis: e eu folgarei sempre de fazer tudo o que para vossa pessoa e para os vossos com rasão me requererdes, e de meus reinos e senhorios vos cumprir. E porque tenho mui grande esperança que folgareis de tomar esta lei tão santa e verdadeira, escrevo ao meu capitão geral e vice-rei nas partes da India, que tanto que o souber, ou tiver carta vossa, ou dos padres da companhia de Jesus, que andam em vossas terras, de como recebestes a agua do santo baptismo, e procuraes saber e guardar o que é necessario

para vossa salvação, como de tão honrada pessoa espero, mo escreva, pelo contentamento que receberei de tão grande mercê de Nosso Senhor e bem da vossa alma, e tambem elle terá cuidado de em meu nome fazer tudo o que com rasão lhe requererdes, e vos cumprir, e como sabe que eu desejo que sempre se faça a todos os que deixam os enganos e falsidades gentilicas, por receber a verdade da nossa santa fé. Nobre, e honrado duque, nosso Senhor vos alumie com sua graça, e com ella vos tenha sempre em sua guarda. Escripta em Lisboa, a onze de março de mil quinhentos sessenta e dois.»

O irmão João Fernandes, companheiro de S. Francisco Xavier e que ficou no Japão, quando esteve nas ilhas do grupo de Firando, compoz muitos livros e uma grammatica japoneza e traduziu varias obras de japonez para portuguez; o que tudo infelizmente ardeu em um fogo que queimou em uma noite a casa dos padres e a igreja.

Passa depois o *Oriente* a contar as espantosas conquistas que o christianismo ía fazendo em toda a parte do Japão e nos archipelagos que ficam sobre a costa occidental, tendo-se convertido os regulos ou senhores de Omura e de Arima no Kiusiu, e o principe herdeiro das ilhas de Gôto e outros do Bungo, e muitos nobres, successos admiraveis de conversão que pela maior parte já narrámos na historia da igreja do Japão.

Na côrte de Miako todos se queriam fazer christãos senão fosse o preceito de castidade. «Tonosama, filho primogenito do imperador, constrangido pelos rogos da principal fidalguia, e porque tambem elle assim o desejava, foi mais de quatro vezes procurar os padres e pedirlhe que se compadecessem de tantas e tão nobres almas; e já que o baptismo era meio preciso, o conferissem a quantos havia n'aquella grande cidade, mitigado porém o rigor

do insupportavel e gravissimo preceito da honestidade ». (Parte 2.ª, conquista 4.ª, divisão 3.ª, § 53).

Póde-se concluir d'aqui que os japonezes têem horror á hypocrisia; que quando promettiam queriam cumprir; e não fazer como muitos christãos que bem pouco escrupulosos se ostentam n'este como em outros pontos.

E não seria mais conveniente e mais politico modificar um pouco a severidade do preceito religioso? Não se evitaria assim a tremenda catastrophe que sobreveiu? Cremos ingenuamente que sim.

Lendo as historias escriptas pelos padres jesuitas, vê-se que os christãos que elles faziam no Japão eram verdadeiramente ascetas; que nunca faltavam ao jejum e ás continuas orações; que traziam constantemente o cilicio; e que se disciplinavam, ou açoitavam com tanto fervor que deixavam o chão salpicado de sangue. Era a religião dos seculos XVI e XVII!

Vê-se tambem que não foram os christãos os primeiros perseguidos no Japão, mas sim os primeiros perseguidores; que os padres aconselhavam os senhores e os povos convertidos a que exterminassem os bonzos e queimassem os pagodes; o que effectivamente foi executado em muitas partes.

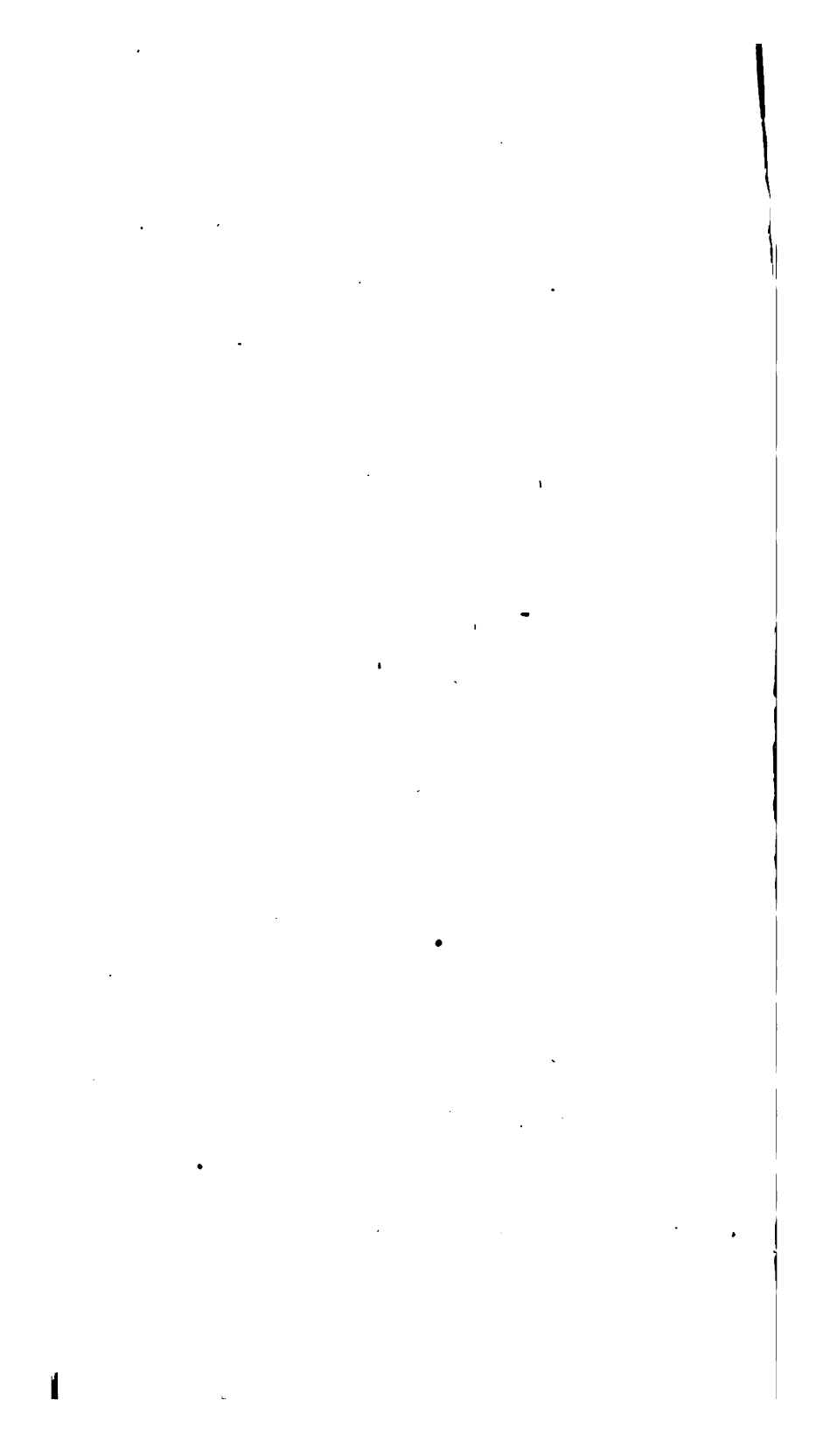
A reacção em um povo sensual e sanguinario era bem para temer.

Nos argumentos com os bonzos e nas explicações da religião que se queria fazer adoptar, não se dava todo o brilho e saliencia devida ás santas maximas do Evangelho; eram tudo disputas, mais philosophicas do que religiosas, sobre o cahos, sobre a materia, sobre a formação do mundo, sobre a existencia do inferno no centro da terra e outras, filhas de diversos systemas que não interessavam immediatamente a religião, porque não eram pontos da fé.

Em 1581 os padres jesuitas fizeram consultas, isto é,

estabeleceram discussões, sobre a melhor maneira de organisar as suas casas e conventos (residencias e collegios) no Japão, e sobre outros assumptos. E entre varias decisões tomadas são notaveis aquellas em que assentaram que não era conveniente que outras ordens religiosas tivessem entrada no Japão, nem mesmo que lá houvesse bispos. Eram elles só que queriam dominar.

E tinham rasão, porque a doutrina de Bossuet e de Fénélon não era igual á sua.

O *Oriente conquistado a Jesus Christo pelos padres da companhia de Jesus*, que temos extractado muito em resumo sómente na parte respectiva ao Japão, alcança só até ao anno de 1585; isto é, conta a conquista e não a derrota. Quão terrivel foi esta e exterminadora, não tanto contra os padres e outros europeus, porque esses foram mandados saír do paiz e poucos foram victimas, mas sim contra os japonezes que se tinham convertido!

IV

Da Asia de Diogo do Couto. Edição de Lisboa, 1780 a 1788

O nosso afamado historiador Diogo do Couto trata das cousas do Japão em duas das decadas da sua *Asia*. Extractaremos em primeiro logar o capitulo 12.º do livro 8.º da decada 5.ª, que tem por titulo: *De como se descobriram as ilhas de Japão: e de uma breve relação do principio e origem de seus povoadores: e de alguns ritos, e costumes d'aquellas gentes; e das provincias que tem.*

«Estando este anno de 1542, em que andamos, tres portuguezes companheiros, chamados Antonio da Motta, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto no porto de Sião, com hum junco seu fazendo suas fazendas, assentaram de hir á China, por ser então viagem de muito proveito. E carregando o junco de pelles, e de outras fazendas, deram á véla e com bom tempo atravessaram o grande golfo de Ainão, e passaram pela Cidade de Cantão, pera irem buscar o porto de Chincheo, porque não podiam entrar naquella Cidade; porque depois que o anno de 1515 Fernão Peres de Andrade, estando na China por Embaixador,

açoitou um Mandarim (que são os que governam a justiça, que entre aquelles gentios é mui venerada) de tal maneira ficaram os Portuguezes odiados e aborrecidos, que mandou El-rey por hum edicto geral: *Que se não consentissem mais em seus reinos os homens de barbas e olhos grandes;* que se escreveu com letras grandes de oiro e se fixou sobre as portas da Cidade de Cantão. E assim nenhum Portuguez mais foi ousado a chegar a seu porto; e alguns navios depois por tempos foram a algumas ilhas daquella costa a commutar suas fazendas, donde tambem os lançaram. Depois passaram ao Chincheo, pera onde estes hiam, e onde os consentiam pelo proveito que tinham do commercio; mas do mar faziam seu negocio, porque se não fiavam delles. Este junco hindo demandar o porto de Chincheo, deu-lhe um tempo muito grosso, a que os naturaes chamam tufão, que é tão soberbo, e feroz, e faz tantas bravezas, e terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andam revolvendo as ondas, e os mares, cuja furia parece que levanta lavaredas de fogo nos ares, e em espaço de hum relogio de arêa, corre o vento todos os rumos da agulha, e em cada hum delles parece que se vae refinando mais.

«He tal este tempo, que as aves do Céo, por hum instincto natural, o conhecem oito dias antes, porque logo lhes vem descer os ninhos de sima das arvores, e os vam esconder em algumas lapas. As nuvens oito dias antes andam tão rasteiras, que parece que as trazem os homens sobre as cabeças, e os mares nestes dias andam mui maçados, e azulados. Primeiro que este tempo dê no mar, mostra o Céo um signal mui conhecido de todos, que é uma couza grossa, a que os mareantes chamam olho de boi, todo de diversas cores, tão malenconizadas, e tristes, que metem temor a todos os que as vem. E assim como o arco celeste, quando apparece, he signal de bonança, e socego, assim

este o he da ira de Deus, que assim podemos chamar a este tempo.

«Os mareantes em vendo o signal, logo se prepararam, assim pera com Deus (porque poucos navios dos que tomavam naquelle tempo no mar escapavam), como pera o passarem, dando com os mastareos em baixo, e alijando ao mar todas as cousas de sima, pera ficarem lestes como estes fizeram, que se viram muitas veses debaixo do mar, e alagados, não fazendo conta de si, porque já o junco não dava pelo leme, antes á vontade dos ventos, e dos mares era levado de uma pera outra parte. O mar fervia, os ares representavam um juizo final com trovões, e relampagos, e já nenhum dos companheiros o tinha pera cousa alguma, porque como mortos estavam lançados por sima da tolda, e pelos chapiteos, entregues á sua ventura. Em hum extraordinario curso da natureza, que se neste tempo nota, se pode ver, que é o maior que pode haver no mundo; porque emquanto dura, é tal a sua força, que reprime o curso ordinario do mar, e enfrea as marés dos rios que não encham, nem vasam. Durou esta tempestade a estes homens vinte e quatro horas, e no cabo dellas quietou o junco; mas ficou tal e tão desgovernado, que não houve outro remedio mais, que deixarem-se hir á vontade dos ventos, que ao cabo de quinze dias o foram lançar antre umas ilhas, onde surgiram, sem saberem onde estavam.

«Da terra acudiram logo embarcações em que vinham homens mais alvos que os chins, mas de olhos pequenos, e de poucas barbas. D'elles souberam que se chamavam aquellas ilhas Nipongi, a que commummente chamamos Japão. E achando naquella gente affabilidade, se foram com elles, que os agasalharam bem. Alli consertaram, e apparelharam o junco, e commutaram as fazendas por prata, que alli não ha outras; e como foi tempo tornaram-se pera Malaca.

« A estes homens se deve a gloria d'este descobrimento,

posto que Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer estas ilhas muito primeiro, chamando-lhe Zipango, de quem escreveu por ruins informações, estando no Cathaio, algumas cousas que nos fizeram algum tempo duvidar, se eram estas ilhas Zipango; porque diz no itenerario que fez, que Zipango era huma ilha no oriente, apartada da terra de Mangi em mar alto mil e quinhentas milhas, que são mais de quatrocentas legoas; e que tinha oiro em tanta quantidade que os paços do rei eram cubertos com grandes pastas delle; e que os idolos eram de diversas feições, com testas de boi, outros de cão, e outros de outras alimarias, uns com uma cabeça, outros com duas, uns com dois braços, outros de vinte até cento; e que os que tinham mais braços, era maior Deus. Diz mais, que comiam carne humana os naturaes de Zipango. Estas cousas nos fizeram já duvidar fallar de Japão, porque estas ilhas não estão affastadas da terra firme de Mangi, mais que trinta até quarenta leguas; oiro não ha nenhum, senão o que lhe levam da China. Nos idolos tambem varia, e muito mais no comer da carne humana, cousa que se não achou nunca em alguma das ilhas do Japão, por onde não ha duvida nascer este erro das ruins informações que lhe deram. Mas sem duvida que estas ilhas são o seu Zipango; porque posto que diga estarem apartadas da terra de Mangi tantas leguas, foi quando a distancia do porto de Chincheo, d'onde naquelle tempo navegavam pera ellas, e a differença que faz da terra de Mangi á da China, he a que causou confuzão nos geografos; porque a verdade he, que o reino da China, e o de Mangi todo é hum, e tudo foi sempre sujeito a hum só senhor; e o proprio, e verdadeiro nome daquelle reino he Cin Mancin, e assim o nomeam suas escripturas; e não declarando Marco Polo isto, houveram todos, que eram duas provincias Cin, e Mancin.

«E daqui nasceo a Abraham Ortelio lançar no seu *Thea-*

trum Orbis a Provincia da China desde Cochinchina ate o Cabo de Liampó, e dalli pera o Norte toda aquella costa, que corre fronteira a Japão, a faz da Provincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupção, que á Provincia de Cin, que he o verdadeiro nome, chama China, e a Manci, Mangi; como tambem ao nome destas Ilhas, que (como dissemos) os naturaes chamam Nipongi, e elle Zipango, e deve de ser este nome corrupto daquelle, porque os Chins as nomeam, que he Gipon, que tem mais similhança. E os Portuguezes, depois que trataram aquellas Ilhas, o corromperam no de Japão. E posto que os Padres da Companhia de Jezus, que nellas tem tão dilatada a Fé de Christo (como diremos) escrevam dellas historia particular de sua descripção, ritos, costumes, origem, e principio, como homens, que as penetraram todas, e que sabem a verdade dellas, por lerem, e escreverem a letra dos naturaes, e verem suas escrituras; todavia diremos brevemente o que dellas podemos alcançar, por informações de alguns curiosos, que a ellas foram.

«Estão estas Ilhas do Japão, alem de toda a India, oppostas áquella Provincia, a que Ptholomeu chama *Cinarum Regio,* de trinta pera trinta e oito gráos do Pólo Arctico, são muitas, e a principal he a de Nipongi, em que está a Cidade de Meaco, que he a Corte, e residencia do Emperador. Esta Ilha affirmam os naturaes, que tem de comprido quinhentas legoas suas, que fazem trezentas sessenta e seis nossas. Os Pilotos Portuguezes a fazem de dozentas e sessenta. Quer esta Ilha imitar a figura de hum leão, com ancas viradas pera a terra da China, e o rosto pera o Nascente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta e oito gráos do Norte, e a ponta do rabo, que he á feição de huma raposa, em trinta e quatro. Debaixo delle lhe ficam as duas Ilhas de Ximo, e Xicoco, de que logo daremos razão: e por baixo da barriga desta Ilha lhe ficam

outras muitas, e o mesmo antre ella, e a terra da China. He repartida esta Ilha grande em cincoenta e seis governanças. E porque no nomear dellas não podemos guardar a ordem de sua situação, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, e iremos acabar na cabeça.

«Nagotono, onde está o porto de Ximino Xeque; e Sino, onde está a Cidade de Jamaguche, Aquinoquinum, Bigo, Bicchum, Bijam, Juami, Izzumo, Mifafeca, Farimá, Cunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimá, Tango, Vocasa, Cavachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximá, Yxem, Amato, Iga, Vovari, Xivano, Mino, Vosasaca, Vomi, Fida, Jechego, Chegon, Angua, Jecchum, Noto, Cozzuque, Camoconi, Mechava, Tutoni, Serugá, Izzum, Musaxi, Aun, Cuzzaca, Ximoza, Fitachi, Sagamixuno, Cuque, Chi-Jafaá, Vosum, Figou, Chiqugen, Chichaga, Bujar, Beigo, Deua, Xuracanano, Xequei, Aquitano, Xiro, Sotonofama, Eocugaruco.

«A segunda Ilha, que está na ponta do rabo, chamada Ximo, he repartida em dez governanças, e estas por quatro senhores, a que chamam Jacatas. O primeiro e mais poderoso he o de Bungo, que tem estas governanças: Bunga, Fonga, Bugem, Chiqugem, e Chicungo. O segundo he o Xaxumá, e Vosume. O terceiro he o de Fongó. O quarto de Arima, e Fingem que he hum Reyno muito grande.

«A terceira Ilha, que fica aos pés da grande, he a de Xicoco, dividida em quatro governanças, Tonca, Sanoqui, Ava, e Jionoconi.

«Quanto á povoação destas Ilhas, são tão soberbos os Japões, que se tem pelos primeiros do Mundo, sobre o que fabulão couzas muito pera rir, de que brevemente diremos algumas.

«Dizem suas escrituras, que hum gigante, que era senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em

sima, e outro em baixo, que este de hum ovo, que poz hum galo, formára o Mundo todo, da gema os Ceos, e das claras os elementos: e que arremeçára de sima dos Ceos huma lança, que cahíra sobre aquella Ilha do Japão e se metera pela terra, e que da abertura della sahíra huma mulher muito formosa, que estando um dia assentada á borda da agoa, sahíra hum crocodilo, e ferrára della, e a communicára por força, ficando daquelle accesso prenhe; e que por tempo paríra hum filho delle, e della, de quem se povoara toda aquella Ilha.

«E ainda ha hoje muito Japones, a que chamam Conguis, que são Fidalgos, e continuos da Caza do Rey, que se jactão virem direitamente daquella casta; e tanto se honrão disso, que trazem nos calções huns rabos dependurados á maneira do dos crocodilos.

«E deixando as fabulas, a verdade he, que procedem dos Chins, porque em suas escrituras se acha, que foi hum Principe daquelle Reyno degradado parar naquellas Ilhas, onde se deixou ficar, povoando-se todas da gente que comsigo levou. Isto em nenhum modo querem consentir os Japões, nem conceder, por haverem os Chins por muito inferiores a elles. Em tanto, que a mór affronta que se pode fazer a algum, he chamar-lhe Chim: e pela mesma maneira se tem os Chins por tanto mais honrados que elles, que o mór desprezo que se lhes pode fazer, he chamar-lhes Japões. Em fim, o governo destas Ilhas em seu principio, e ainda hoje, andou sempre, e anda nos descendentes daquelle Principe Chim, que tanto que vio a Ilha povoada, tomou titulo de Rey. E seus descendentes vendo a grande multiplicação, que já havia naquellas Ilhas, hum delles vendo-se tão grande Senhor, tomou um titulo soberbissimo, que he Vô, que quer dizer *Emperador*. Este em certo modo tomou tambem pera si o poder do espiritual, que ficaram herdando todos, porque el-

les confirmam os seus Bonzos, que são os mestres de sua religião.

«Este Emperador assentou sua cadeira na Cidade de Meaco, que está quasi no meio desta Ilha, ou na cintura do leão, em que a figuramos, que he o mais estreito da Ilha; porque por aquella parte não tem mais de trinta e quatro legoas de largura, dezoito athe á Cidade de Vacaçá, que está da banda do Norte, sobre as costas deste leão; e dezesseis pera a banda do Sul, athe á Cidade Saqui. Um destes Emperadores (porque o governo de tamanho Imperio lhe dava trabalho) provêo aquella Ilha de dous Governadores, com o nome de Cubos, hum com a juridição de Meaco pera o Levante, e outro delles pera o Ponente, pera administrarem justiça a todos os Estados (que se governaram por Cubos que os Emperadores proviam) em paz, e socego muitas centenas de annos. Mas perto dos do Senhor de mil, atearam-se antre estes dous Cubos taes guerras, que meteram toda aquella Ilha em revolta, dividindo-se em dous bandos, favorecendo o Emperador hum delles; e por fim do negocio veio a vencer o da parte contraria, desbaratando em huma batalha o inimigo, e ficando-lhe o Emperador nas mãos; e com elle se recolheo á Cidade de Meaco, e o metteo em seus Paços, onde ficou sem eleição alguma de querer, governando o Cubo absolutamente, dando tudo o necessario ao Vô, que nunca perdeo a authoridade, assim no espiritual, como no temporal; porque todos os Cubos, que hiam succedendo tyrannicamente, tomavam a investidura de sua mão, fazendo-lhe seus acatamentos, como a Senhor supremo.

«E o que he muito pera admirar, que nesta dignidade de Cubo, depois do primeiro tyranno athe hoje, não succedeo filho a pai, nem irmão a outro, porque todos foram mortos por outros tyrannos ou com ferro ou com peçonha: succedendo porem sempre na dignidade

do Vô herdeiros naturaes, sem se perder nunca aquella progenia.

«Tem os japões oito, ou nove seitas, alevantadas por homens estrangeiros, que alli foram ter, e que acabaram em vida religiosa, a que elles chamam *Fotoques*. E tambem alguns naturaes, que elles veneram por santos, a que chamam *Cammis*, fizeram outras; e todas são recebidas dos daquellas ilhas, tendo bem differentes opiniões, vivendo cada um na sua, sem lhe ninguem hir á mão. As seitas são as seguintes. A dos Jexuns: estes affirmam, que não ha mais que viver, e morrer: esta receberam todos os nobres.

«A dos Fonccenxum: estes adoram o sol, e dizem, que depois que um morre, vae viver lá outra vida em outro Mundo.

«A dos Jodoxum: estes adoram hum idolo, a que chamam Amida: e crem que todas as vezes que o nomeam, ficam absoltos de seus peccados: e tem hum templo alevantado a este idolo, que se chama o *Paraiso de Amida*, em que estão todos os idolos de vulto que adoram; e affirmam que tem mais de dois mil de differentes feições (assim como assima dissemos no capitulo 1.º do livro VI que Marco Polo escreve).

«A seita Jecoxú: os que a seguem affirmam, que depois da morte ha pena pera quem viveo mal, e gloria pera o que obrou bem: esta seita seguem os lavradores.

«A seita chamada Jamabuxé: os que a seguem adoram os diabos, e communicam com elles domesticamente, e de ordinario lhes apparece em forma de raposa; e cada vez que querem delles alguma cousa, os chamam com huma bozina, e tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem, entrarão, e tornarão a sahir, do corpo da pessoa que lhe disserem. E assim como tem odio a alguma pessoa, logo se vingam pela mão do diabo, porque se mette nella, e a atormenta.

«Ha outras seitas, de que os padres da Companhia fazem mais particular menção. Cada rito destes tem seus Pregadores, e defensores, a que chamam Bonzos, e trazem sinaes de suas opiniões pera serem conhecidos, e sobre ellas antre huns, e outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos, adoram a hum Seutó, que dizem, que he huma substancia, e principio de tudo, e que suas moradas são os Ceos.

«Os peccados principaes que entre os Japões ha, são, *luxuria* [1], furtar, matar, beber, mentir: pera estes vicios tem suas purificações, por esmolas, por officios, orações, e por romagem; mas os peccados, que não tem absolvição, são, traição, e morte do pai; suas contas são pelos annos, que os Reys reináram.

«E isto baste dos Japões.»

O 19.º capitulo da 12.ª decada tem por titulo: *De como o Bispo da China D. Luiz de Sirqueira da Companhia de Jezus, e o Padre Alexandre de Valignano foram a Japão; e de como aquelle Emperador faleceu; e do que lhe succedeu por sua morte*. Damo-lo tambem em seguida, conservando n'este como no primeiro excerpto a orthographia da edição original.

«No fim da onzena Decada deixámos dito que tinha partido pera a China a náo de viagem de Japão, de que era capitão mór Nuno de Mendoça, onde foram embarcados o Bispo D. Luiz de Sirqueira, Religioso da Companhia de Jezus. Foi eleito pera a India pera Bispo do Japão pera por morte do Bispo D. Pero Martins, tambem da Companhia, lhe succeder no Bispado; porque como aquella Christandade era ainda nova, e muito tenra, arriscava-se muito se ficára alguns annos sem Bispo. E por isso El Rey de Portu-

[1] O auctor usa aqui de uma palavra tão portugueza de mais (talvez classica), que nos resolvemos a substitui-la.

gal proveo nesta forma, por ser em extremo zeloso do augmento da Santissima Fé Catholica. Hia tambem embarcado o Padre Alexandre Valignano, Visitador da Companhia, que já o fora da India, e agora levava o mesmo cargo pera a Ilha de Japão; e fazendo sua viagem tomaram Malaca, e dalli passaram á China, onde se detiveram, esperando pela monção pera a Ilha de Japão, que he em Junho, depois de S. João, donde partiram já em noventa e oito (1598), e chegaram entrada de Agosto; e os Padres da Companhia commeçaram a exercitar seu officio, e correr com suas obrigações no ministerio da conversão das almas.

«Estava neste tempo muito mal o Taicozama, Emperador de todas aquellas Ilhas, e quasi no cabo; e sobre aquella herança havia entre os senhores Japões grandes pertenções, e desavenças, por que pelas idolatrias, e peccados daquella Ilha nunca de quinhentos annos a esta parte succedeo filho a pai, nem neto a avô, nem ainda a algum, a quem por linha direita succedesse naquella herança; por que o derradeiro Emperador, em que aquella successão se acabou, foi reteúdo, e foi prezo por hum Governador seu, que se lhe alevantou com o Imperio, deixando-o na Cidade de Meaco em huns paços muito ricos, onde assim elle, como todos os que lhe succederam por linha direita estiveram até hoje como estatuas, sem eleição de querer, nem commando algum, sómente tinham authoridade pera confirmar os Reynos aos tyrannos, e a todos os mais daquella Ilha; e com viverem assim privados de seu Imperio, eram muito ricos por pensões que lhes davam, e na authoridade, serviço, e riquezas eram outros Emperadores. E estes seus herdeiros, que assim lhe succediam por linha direita, não perderam nunca o titulo de Daires, ou Vôo, que he o mesmo que de Emperador; e o que os tyrannos tomaram de Taicozama he mais humilde por encobrirem sua tyrannia, que tanto quer dizer como do Imperio.

«Pelo alevantamento do primeiro tyranno, que desapossou o derradeiro Daire, se dividio aquelle Imperio em sessenta e seis Reynos destinctos, que são os seguintes.

«Faremos primeiro huma descripção destas Ilhas por esta maneira. Tomada esta terra a vulto, affirmam que tem quatrocentas leguas de comprido, mas o que he na realidade, não passa de duzentas, quanto á propria Ilha de Japão. Nasce isto de ser esta grande terra repartida em muitas Ilhas juntas, que fazem parecer hum grande continente.

«As maiores e mais principaes Ilhas, são tres. A primeira se chama Chimo, e por outro nome Xaicocu, que tem estes nove Reynos, *scilicet*, Figen, Bungo, Funga, Bonzumi, Cucuma, Fingo, Chicugen, Chicungo, Unigen.

«A segunda Ilha se chama Xicocu, que quer dizer quatro Reynos, por outros tantos que tem, que são estes, Tosa, Aba, Sanoqui, e Lijo.

«A terceira, e mais principal, he a que propriamente chamamos Japão, que tem em si estes quarenta e sete Reynos, scilicet, Nangato, Inami, Sura, Juxomim, Aqui, Foqui, Bingo, Ineba, Bichum, Mima, Zaca, Farima, Tanquima, Viger, Tambá, Tango, Bacasa, Xama, Xiro, Xamalo, Inzuno, Quij, Liquigem, Bomi, Inga, Xima, Ixe, Mino, Canga, Noto, Jetehic, Fitachi, Ximano, Boari, Micava, Cai, Jenchingo, Devá, Lencuque, Toutomi, Fugara, Ixu, Meaxi, Ximonu, Xicque, Sangami, Ximoneza, Findeaqui, Bonju, Bandou. A esta Ilha principal se juntam outras seis, que são estas. Sado, Voqui, Couxima, Iqua, Abangui, Iniunoxima, que são outros seis Reynos. Estes são os sessenta e seis Reynos do Japão. E entre quarenta e sete da Ilha principal ha cinco, que se chamam Tecão por hum nome só; e quem for senhor delles, he Emperador de toda a Ilha.

«Já que temos visto a grandeza deste imperio, torne-

mos a continuar com o discurso que levavamos da doença do Taicozama. Este vendo-se no cabo, andou discursando como poria na cadeira daquella Monarquia hum filho que tinha, de idade de sinco annos; por que ainda que era tyranno, e tinha tomado o estado alheio, não deixava de ver, e entender que o que elle fez ao filho alheio, lhe podiam outros fazer ao seu; e vendo que não tinha outro remedio senão fiar-se de alguem, quillo fazer antes do Rey de Bandou, chamado Yaya Su, por ser muito valeroso, de quem se receava mais que de todos os outros Reys, que por sua morte lançassem mão daquella Monarquia, e quillo levar por termos de muita confiança que delle fazia com lhe entregar seu filho; porque pela ventura que com isso o quietaria, e sustentaria seu filho menino naquelle estado. Chegado este Rey a elle, tendo comsigo muitos dos seus Grandes, lhe fez esta breve falla:

«Bem sei que não posso escapar desta enfermidade, por que vejo em mim signaes de ser chegado o meu termo; não sinto morrer, porque sei muito bem quão certa a morte he a todos, só sinto deichar meu filho de tão pouca idade, que não he capaz de lhe entregar este Reyno; e já que assim he, correndo pela memoria a quem com mais confiança podia entregar este menino, e esta corôa que tivesse valor, e posse pera o sustentar nella, e defender de seus inimigos; e que como chegar a idade de poder governar, lho entregue, em todo este Imperio não achei outro, senão vós que tenha pera isto as partes que quero, pelo que com muita segurança vos entrego este filho, e todo este Imperio; e pera que esta confiança, que de vós tenho, se acabe de mostrar a todos, vos rogo que cazeis este menino com vossa neta; pera que sendo vós avô de sua mulher sejais tambem pai deste meu filho. E mandando vir o menino, lho entregou, e lho pôz nos braços, onde elle o agazalhou com mostras de muito amor,

e cortezia, e com isso respondeo ao Taicozama estas palavras:

« Eu, senhor, quando morreu o Emperador Nabunango não possuia mais que o Reyno de Micava; e como vós senhor, succedestes n'esta monarquia, com vossa ajuda, mercês e favores conquistei outros tres Reynos. E depois pera me honrardes mais e alevantardes, me destes oito Reynos em o de Bandou a troco dos quatro que possuia: pelo que eu e toda a minha geração estamos obrigados a servirmos e amarmos ao Principe vosso filho, e a todos os seus descendentes com risco das fazendas, vidas e estados. E sem vós senhor mostrardes tanta confiança de mim, tinha eu obrigação, e estava mui apostado a pôr todas minhas forças, e industria, pera que o Principe vosso filho ficasse seguro em seu Imperio. Mas agora que sobre tantas honras e mercês, como são todas as que me tendes feito, me fazeis esta de novo, que passa por todas as outras, de me entregardes vossos Reynos, e vosso filho por genro, fico tão cativo de V. Alteza, e prezo com tão fortes cadeias de amor, que determino de fazer todo o possivel para cumprir tudo o que me deixaes encommendado[1].

« Acabado isto, mandou trazer sua neta, que era de dois annos, e ali os desposaram logo com as cerimonias do Japão, com muito gosto, e applauso de todos; e o Taicozama deu juramento ao rei do Bandou de governar seus reinos em paz e justiça, até seu filho ser em idade para lh'os entregar. E o mesmo fez a todos os grandes que estavam presentes, de serem fieis a seu filho, e procurarem conserva-lo em sua monarquia. Acabado aquelle acto, logo alli mandou trazer grande somma de joias, e riquezas, e as repartio por todos pera com isso os obrigar mais.

[1] O Tito Livio ainda servia de modelo aos historiadores d'esta epocha.

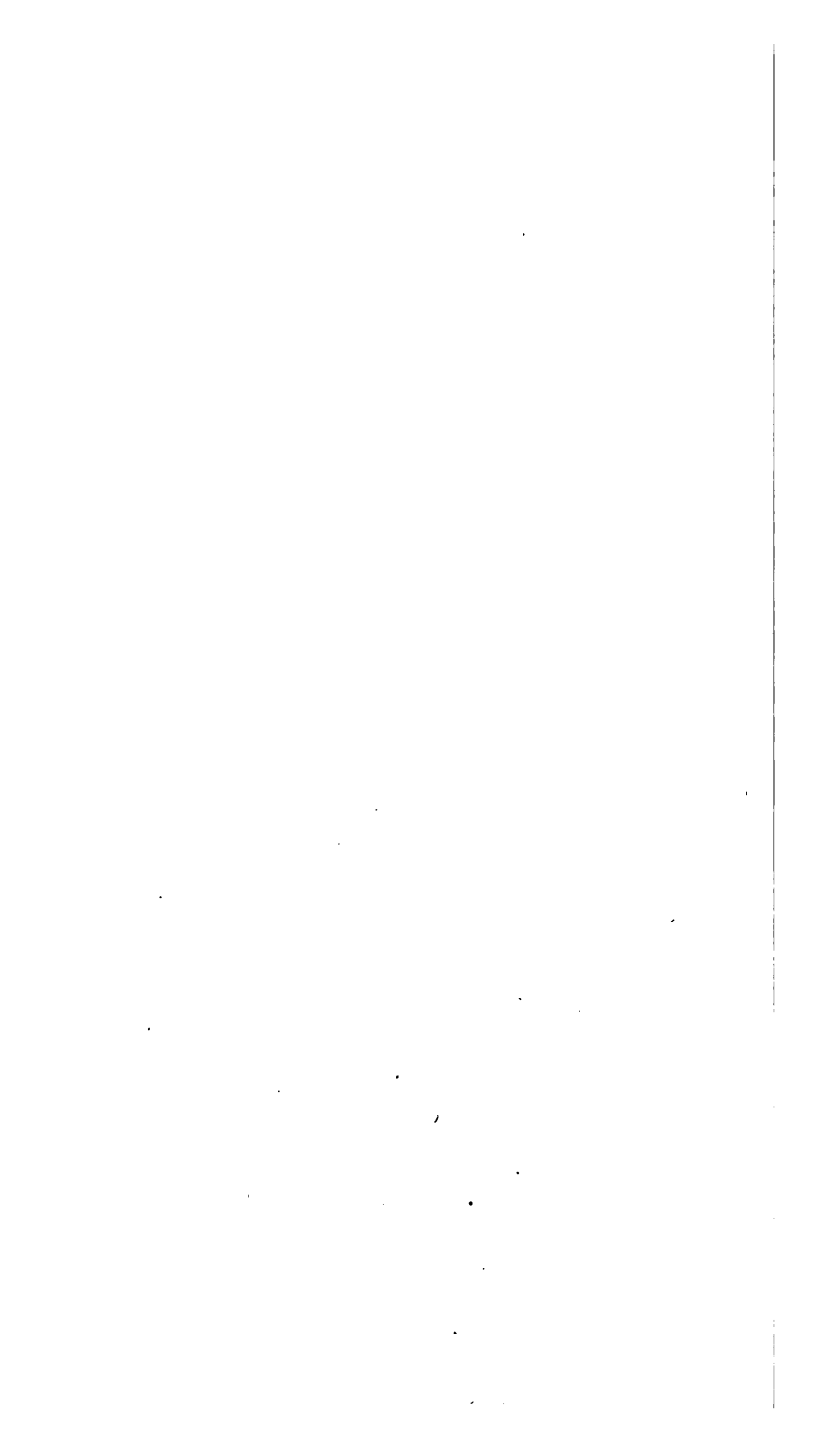
«E porque naquelles Reynos de Tenca não havia mais de quatro governadores, acrescentou-lhe mais hum chamado Asonodario, e este como presidente dos outros e que estes todos ficassem subditos de ElRey tutor de seu filho, e lhe obedecessem como a sua propria pessoa, se fôra vivo; e pera que estes sinco ficassem mais unidos, e conformes, fez casar os filhos de huns com as filhas dos outros.

«Havia muitos annos que este barbaro Taicozama andava com imaginação de se fazer adorar por Deus, para o que tinha na sua fortaleza de Fuximi (que era cousa muito notavel) ordenado hum certo logar de grande recreação pera n'elle alevantar, e pôr sobre altar a sua estatua; e por que este peccado de quererem os homens usurpar, e tomar pera si o que a só Deus é devido, he o que elle mais castiga que todos, o quiz fazer a este tyranno logo tanto que entrou naquella imaginação, e mostrar-lhe grandes signaes da sua justa indignação, pera ver se com elles entrava em si, e se apartava do seu mau proposito. E assim a 22 de Julho de noventa e seis (1596), andando elle ocupado no logar em que queria depositar sua estatua, appareceu sobre a cidade de Meaco hum grande Cometa que durou alguns dias; e logo d'ahi a pouco choveu grande quantidade de cinza, e na cidade de Osaca tambem choveu arêa; e depois d'isto na entrada de Dezembro seguinte foram tantos e tão grandes os terremotos, e tremores de terra na mór parte do Japão, que cahio pelo chão toda a Fortaleza e paços de Fuximi, onde aquelle tyranno queria pôr sua estatua, que elle tinha fabricado com excessivas despezas, e o tyranno escapou com o filhinho de tres annos nos braços, e na terra de Frenoxa cahiram grande quantidade de templos dos seus idolos, onde morreu muita gente; e em outro mui grande templo de Meaco se fizeram todos os idolos que havia em pedaços. Os mesmos damnos acon-

teceram na cidade de Osaca, e Sacai, e d'ellas pera Meaco ficaram tão grandes aberturas na terra, que os tremores della abriram, que se não podia passar pera aquella cidade sem grandes rodeios.

«Alem destes males da terra, fez o mar outros maiores que foi sahir do seu curso com duas correntes caudalosissimas, huma que foi caminho da Cidade Meaco, alagando e destruindo todos os lugares, e villas inteiras que havia, em que pereceu grande numero de gente, e outra que foi pera o Ximo e Reyno de Bungo, que tambem assolou muitos povos inteiros por que entrou vinte leguas pela terra dentro, cousa nunca vista, nem ouvida no mundo depois do diluvio geral. E toda esta inundação procedeu de hum estreito que faz o mar entre duas ilhas defronte do porto de Ximonoxeque; e foi este diluvio tamanho, que depois de passados alguns dias, ficou neste Reyno de Ximonoxeque sobre o mais alto monte delle perto de vinte braças de agua; e assim morreu naquella parte tanto numero de gente que se não pode estimar, sem este barbaro se mover nem tirar do seu máo proposito; e tanto foi perseverando nelle, que tornou logo a reedificar a Cidade de Fuximi com mores gastos, e despezas; e o logar em que havia de alevantar sua estatua, ornou-o com mais riquezas; e aos dezesseis de Setembro faleceu este tyranno, e seu corpo foi metido em huma caixa mui rica, e bem guarnecida, pelo elle assim mandar, sendo costume dos Japões queimarem-se: foi levado com grande magestade ao logar que elle tinha ordenado, e logo lhe alevantaram a sua estatua, que tinha feita, com hum letreiro que dizia *Xinfaquiman,* que quer dizer Deos das guerras, como aquella antiga gentilidade tinha alevantado outra a Deos Marte. E este lugar, em que foi depositado, era um jardim de grandes recreações, e frescuras, e sua alma foi parar entre grandes suspiros, tormentos, e fogo eterno que dura emquanto

Deos durar, que será pera sempre, que he o que só se hade adorar. Com sua morte tomou o Rey de Bandou, tutor do filho do Taicozama, posse do Imperio sem contradicção alguma, por que nenhum dos outros Reys quiz contender com elle, por ser de grande valor; mas tambem usou o mesmo que o Taicozama, que tem hoje este Principe, com ser seu genro, como estatua, e pertende pôr naquella cadeira hum filho que tem; mas não faltará quem lhe faça outro tanto por sua morte.

«Com estas couzas tornaram os Padres da Companhia a resfolgar, e tomar alento, e aquella grande Christandade a ir por diante, e reedificarem-se Templos, e Seminario: e tanto foi Deos nosso Senhor cumprindo os bons intentos destes Obreiros Evangelicos, que os mais dos Reys lhe offereceram lugares pera Igrejas, chamando-os cada hum para si, porque folgavam de communicar com homens de tanta virtude, e exemplo. E isto lhes succedeo sempre, depois de estarem nestas Ilhas, que com andarem muitos e sós, e apartados no ministerio da conversão das almas entre moças muito formosas, que as ha naquellas Ilhas, tanto como as da Europa, athe hoje, *por misericordia de Deos,* se não achou padre nem de Missa, nem Leigo, comprehendido em hum máo exemplo, nem escandalo: e assim por sua limpeza fertilisaram seus campos, e suas sementeiras, com o grão do santo Evangelho.»

V

Do dr. Francisco L. Hawks, escriptor americano

Por não fatigarmos os nossos leitores com mais fragmentos de diversos auctores remataremos esta obra com o que, a respeito das antigas relações dos portuguezes com o Japão, escreveu em 1856 o dr. Hawks, na sua bem elaborada introducção ao grosso volume que, por ordem do governo americano, compilou e coordenou; e que tem o titulo de «*Narrativa da expedição da esquadra americana aos mares da China e do Japão, nos annos de* 1852, 1853 *e* 1854».

Este moderno escriptor tendo compulsado, segundo mostra, o que sobre o Japão escreveram Titsingh, Klaproth, Siebold, Hoffman e Kœmpfer, parece dever-nos apresentar os factos historicos despidos das paixões e dos preconceitos que talvez possam ter tido influencia nos escriptores catholicos; tanto mais que parece no que diz terem sido consultados os annaes do Japão, por elle, ou por alguns dos auctores citados.

E para que se não julgue que pomos alguma cousa de nossa casa, traduziremos o referido artigo, reservando para as notas qualquer rectificação historica indispensavel.

«Fernão Mendes Pinto, immortalisado por Cervantes, foi tão infeliz em sua reputação que, segundo a phrase de Shakspeare, foi tido por um *immenso mentiroso*.

«Novo Marco Paolo, contou tão estranhas cousas que lhe aconteceram em suas peregrinações que os homens do seu tempo não o quizeram acreditar.

«Mas similhantemente ainda a Paolo, o grande numero de acontecimentos que elle refere têem todo o cunho de verdadeiros; e somos inclinados a pensar que, quando relatava o que elle mesmo tinha visto, entre poucas mentiras, diz cousas que são muito acreditadas pelos seus successores dos tempos modernos.

«Pinto era um bom representante dos portuguezes descobridores do seculo XVI[1]. Portugal n'esse tempo era uma potencia. Em menos de dois seculos tinha atravessado o Atlantico, *conquistado a Madeira* e as *ilhas de Cabo Verde*, a costa de Guiné e o Congo, tinha-se estabelecido mesmo nas costas do mar da India e obtido logar para pôr os pés na China. Tinha fundado uma rica metropole em Goa, que foi intitulada a *Roma das Indias*. Elle possuia Macau, e era o primeiro no oriente entre as potencias maritimas europeas. Albuquerque tinha lançado os fundamentos de um magnifico imperio oriental, que necessitava de um homem como Albuquerque para o consolidar e sustentar. Este homem era preciso, até que tal imperio chegasse á sua madureza.

[1] Estes senhores auctores estrangeiros enganam-se, ou julgam pelos seus. Pinto não era o typo dos descobridores portuguezes do seculo XVI. Pinto era apenas um soldado aventureiro; o typo dos descobridores portuguezes do seculo XVI tinha outro quilate; não sabem ou não querem avaliar esse oiro.

«N'estes prosperos tempos appareceram mui ousados marinheiros, meio heroes e meio aventureiros; já mostrando-se cavalleiros, ou já dando-se ao commercio; hoje soldados em terra e ámanhã corsarios no mar; excessivos devotos ou excellentes profanos, conforme a occasião; sempre promptos a arrostar com as fadigas, com as privações e com os perigos, uma vez que lhes resultasse ganho para elles ou grandeza para o seu paiz; o que em muitas occasiões se conciliava, felizmente, com os seus fins. Ora, n'esta classe, Pinto era um typo [1].

«Elle visitou o Japão, e escreveu em detalhe a historia das suas aventuras; e as melhores auctoridades do seculo actual acreditam que elle foi testemunha ocular e actor em muitas scenas das quaes nos conta incidentes pessoaes.

«Não obstante isto, cabe aqui uma discussão a respeito de datas, porquanto merecem-nos muito credito os annaes japonezes; e antes quereriamos suppor que na mesma epocha houve duas visitas de europeus ao Japão; sendo porém em todo o caso ambas feitas por naturaes de Portugal, aos quaes inquestionavelmente pertence a honra de terem sido os primeiros que desembarcaram no Japão, e que pozeram este paiz em communicação com a Europa. Aindaque esta descoberta foi accidental em ambos os casos, se duas vezes foram, com isto não se altera o facto de que isto foi praticado pelos portuguezes.

«Comtudo, nós inclinâmo-nos a pensar que não houve mais que uma só visita. Os annaes do Japão referem a chegada dos primeiros europeus tão substancialmente como a conta Pinto na sua historia. Tão notavel foi este suc-

[1] O retrato será exacto para Fernão Mendes Pinto, mas não serve para os Gamas, Almeidas, Albuquerques, Pachecos, Castros e milhares de outros que eram de outro typo melhor, e que vieram do oriente, ou lá morreram, mais pobres do que tinham ido.

cesso, e tão estranho em apparencia foi o novo commercio, que os japonezes conservam os retratos d'estes europeus. A data assignada nos annaes póde-se fazer corresponder com o nosso outubro de 1543. Pinto marca a data da sua chegada em 1545 [1]. Até agora os pormenores dados por Pinto e confirmados pelos annaes levam a crer que ambas estas narrativas se referem ao mesmo successo historico. Qualquer que fosse, um ou outro anno dos acima mencionados, a historia diz que um navio portuguez ou corsario china (não sabemos qual dos dois) em que Pinto ia embarcado, depois de um grande temporal, foi lançado sobre as costas do Japão; e ancorou finalmente no porto de Bungo, na ilha de Kiusiu. Os japonezes n'aquella epocha, aindaque vigilantes, não mostraram reluctancia alguma em admittir os estrangeiros a terem communicação com elles; e foi tão grande a sua cortezia e benignidade que não pozeram obstaculo algum ao livre commercio com os habitantes.

« O nome d'aquelles que primeiro desembarcaram é indicado diversamente por varios escriptores: segundo Maffei e Thunberg, eram elles Antonio da Mota, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto. Fraissinet pensa que estes nomes foram desfigurados ou alterados, e que os pretendidos individuos eram Fernão Mendes Pinto, Diogo Zeimoto e Christovão Borralho. Os annaes japonezes fallam em dois nomes; a saber: Moura Siouksia e Krista Mota; e Fraissinet lembra, ou pretende, que Siouksia, na pronunciação japoneza, quer dizer Zeimoto e que Krista se approxima bem de Christovão. Os habitantes e os estrangeiros concordaram entre si, com o consentimento do vice-rei ou principe do Bungo (os governos ou principados eram talvez n'aquelle tempo muito independentes do imperador),

[1] Não podémos fazer concordar similhante data.

que um navio portuguez viesse todos os annos á ilha de Kiusiu, com carga de tecidos de lã, pelles de martha, sedas manufacturadas, tafetás e outros objectos, de que os japonezes careciam. Este navio vinha provavelmente despachado de Macau[1], ou melhor seria de Goa. Os generos de retorno, ou troca, seriam oiro, prata e cobre; generos que se obtinham em grande quantidade no Japão; e provavelmente não era pequena a porção do primeiro.

«Com este principio de relações commerciaes, os portuguezes bem cedo introduziram alguns padres da religião que professavam. Em 1549, sete annos depois da descoberta, um joven japonez de alguma consideração chamado Hansiro, sendo-lhe necessario saír do seu paiz por causa de um homicidio, foi para o estabelecimento portuguez de Goa, na costa de Malabar. Ahi encontrou ecclesiasticos da igreja de Roma que o converteram ao christianismo e baptisaram.

«Elle era emprehendedor e malicioso, e bem depressa convenceu os commerciantes portuguezes de Goa a estabelecerem um commercio mais vantajoso com o Japão; e assegurou aos jesuitas que tambem podiam encontrar no Japão um notavel engrandecimento. Os portuguezes apressaram-se em fazer obra por ambas as suggestões; e um navio foi carregado de varias mercadorias e de presentes, com o fim de estabelecerem um commercio permanente com o Japão; e quanto ao segundo objecto, alguns padres jesuitas em numero sufficiente se apressaram a embarcar. Entre estes foi aquelle homem notavel, Francisco Xavier, que possuia em grau eminente muitas e mui boas

[1] N'essa epocha não tinhamos ainda estabelecimento em Macau, mas sim em Leam-pó, ou Ning-pó, grande estabelecimento ou cidade commercial, que se governava quasi sobre si, como nos primeiros tempos aconteceu tambem a Macau, e que foi saqueada e arrasada pelos chinas.

qualificações de missionario christão. Seu talento, de uma ordem muito superior, era acompanhado de um zêlo e enthusiasmo difficil de igualar, e de uma coragem que se não póde exceder.

«A idéa dos perigos inherentes a esta missão, bem longe de o desanimar, fê-lo crear forças e resolver-se a emprehende-la. No mesmo navio voltava para o Japão o joven japonez convertido e angariado para a empreza. Chegaram á provincia do Bungo, onde foram recebidos com os braços abertos, e sem a mais pequena opposição ao estabelecimento das relações commerciaes e da propaganda religiosa. Não havia ali systema algum de exclusão e sim perfeito espirito de tolerancia da parte do governo e nenhuma objecção a que se prégasse o christianismo. Livremente foi permittido aos portuguezes que andassem á sua vontade por todo o imperio, viajando n'elle á sua escolha por terra ou por mar. O povo ficou seduzido á vista das riquezas trazidas pelos commerciantes e pelo ensino das palavras que ouvia aos missionarios. O trabalho da conversão foi feliz, o que muito se deveu a Xavier e aos primeiros missionarios, os quaes eram na verdade homens muito exemplares, humildes, desinteressados e muito benevolentes; e havendo entre elles alguns que tinham conhecimentos medicos curavam benigna e gratuitamente ao povo e aos homens da classe elevada. Por este meio corriam as cousas sem molestar o governo, sem elles perturbarem a administração, imitando o devoto exemplo de Xavier no seu santo e unico officio e vocação; e por este procedimento foram amados pelos japonezes. Xavier dizia: *Eu não me canso de fallar com os japonezes; elles deleitam o meu coração.*

«Este homem eminente partiu do Japão para a China em 1551, ou em 1552; e falleceu em Chan-chan (San-Chuan), no rio de Cantão, não longe de Macau; deixando

após de si, espalhados por aquellas ilhas, homens muito excellentes e habeis; muitas igrejas em construcção e milhares de japonezes convertidos.

«Não foram menos prosperas as relações commerciaes que os portuguezes obtiveram, conseguindo todas as commodidades necessarias para estabelecerem um mercado em correspondencia com Macau e Goa, d'onde tiravam mais de cento por cento de lucros nas mercadorias da Europa; e, segundo refere Kœmpfer, esta prosperidade commercial durou por mais de vinte annos, produzindo, ou dando a Macau maiores riquezas do que as que se accumularam em Jerusalem no reinado de Salomão. Conforme a opinião de um antigo escriptor, os portuguezes obtiveram a *medulla do oiro do Japão*. Em vista d'este facto, se procedessem com prudencia, teriam, com o correr do tempo, feito dominar a sua raça no Japão, casando os rapazes com as raparigas ricas e christãs; e nenhuma outra nação da Europa poderia desaloja-los da sua forte posição.

«Foi proximo do anno de 1566 que os primeiros portuguezes chamaram a attenção do principe reinante do Omura para a superioridade do porto de Nagazaki sobre os outros que elles costumavam frequentar, e foi por suas suggestões que ali se formou um estabelecimento. Bungo, Firando (Firato), e Nagazaki eram as principaes praças para as transacções commerciaes.

«Todas estas prosperidades acabaram por um motivo desprezivel, a que deram causa os proprios ecclesiasticos. Tinha sido a obra da propaganda deixada por Xavier e seus companheiros em mãos, ou ao cuidado, de homens que se lhe assimilhavam; e muito duvidâmos que houvesse leis japonezas que prohibissem o christianismo no imperio. Estes varões prudentes, inoffensivos e laboriosos foram depois excedidos em numero por um enxame de frades franciscanos e agostinianos, vindos de Goa e de Ma-

cau d'onde os attrahiram as lisonjeiras narrações dos notaveis successos dos jesuitas.

«Elles não tinham que plantar a seara, só tinham ou iam ter os lucros da colheita.

«Os franciscanos e os dominicos tiveram disputas e questões entre si; e todas as ordens as tiveram com os jesuitas.

«Debalde rogaram aos recemchegados que se aproveitassem da experiencia, que tivessem a discrição necessaria para evitar a discordia, respeitando as leis e usos do paiz. Debalde se lhes representou que similhante procedimento poderia comprometter inteiramente não só a esperança que tinham, como tambem todo o progresso possivel do christianismo no Japão. Nada aproveitou.

«Os japonezes convertidos presenceavam este estranho espectaculo, de uns ecclesiasticos disputando com outros; e a corporação dos sacerdotes do paiz, intrigando com os pagãos para derrotarem os outros, emquantoque os pobres christãos nativos procuravam reconciliar entre si os belligerantes sagrados.

«Estas dissensões das ordens monasticas foram uma das causas da expulsão do christianismo do imperio do Japão.

«Mas não foi só isto. O orgulho, a avareza e as extorsões praticadas pelos portuguezes seculares desgostaram muito os japonezes. Muitos ecclesiasticos, tambem esquecidos dos deveres do seu ministerio, em vez de reprehenderem os peccados, prestavam a sua protecção e tinham indulgencia pelos ricos proprietarios, e muitas vezes sustentavam seus actos informando-se dos seus haveres. O seu orgulho e cubiça era igual á dos seculares; e até mesmo os christãos nativos se offendiam e desgostavam quando viam as diligencias e esforços que os seus directores espirituaes faziam por adquirirem as suas propriedades, e

diligenciavam obter mais baratos os seus perdões ou indulgencias.

«As tradições do Japão que se referem a esta epocha indicam a quéda do christianismo n'aquelle paiz como causada em parte pela avareza, sensualidade e orgulho dos padres catholicos, pelo seu procedimento contrario ás instituições e costumes do paiz, e insultos feitos aos altos funccionarios do governo *por estudadas indignidades.*

«Relata-se uma circumstancia occorrida em 1596, a qual deu causa immediata para a grande perseguição; e foi que um bispo portuguez, encontrando em uma estrada um alto dignatario ou funccionario do estado, indo cada um em sua cadeira ou *noriman,* passou por elle sem fazer caso, quando os usos do paiz e as conveniencias do bispo pediam que elle se apeiasse, como era costume em taes occasiões. Instado para que se conformasse com este uso e cortezia, não quiz obedecer, voltou-lhe a cara com desprezo e mandou andar para diante os homens que o conduziam.

«Este procedimento, considerado pelas altas personagens japonezas como uma offensa mortal, e confundindo todos os portuguezes com o seu alto clero, fez conceber contra elles um implacavel resentimento; e sendo immediatamente levado ao conhecimento do imperador, ao qual se fez sentir com phrases energicas quanto era offendida a dignidade e orgulho nacional com a vaidade e insolencia dos portuguezes, o Taicum, que já estava n'este tempo senhor do imperio, vendo que estes homens, que aliás tinham sido consentidos pelas leis e costumes do paiz, apesar da qualidade de estrangeiros, tratavam os naturaes com desprezo, mostròu-se muito escandalisado. Alienados d'este modo os bons sentimentos do imperador, apresentou-se sómente a questão de tempo. Tal foi a infatuação dos ecclesiasticos, a insolencia do estupido procedimento episcopal e o orgulho e avareza dos portuguezes, que se

desconceituaram na opinião de que até ali tinham gosado[1].

«Finalmente em um navio portuguez capturado por outro hollandez a leste de Lisboa foram encontrados, entre outros objectos de seu bordo, varias cartas escriptas por um certo Môro, japonez, e dirigidas ao rei de Portugal. Môro era um zeloso catholico, enthusiastico amigo dos jesuitas e agente dos chefes amigos dos portuguezes no Japão.

«Por estas cartas via-se que os japonezes christãos conspiravam contra o imperador, que pediam a Portugal auxilio de soldados e navios; e continham todos os pormenores da conspiração, não deixando sobre a mesma duvida alguma.

«Os hollandezes, que estavam em guerra com os portuguezes, foram entregar ás auctoridades do Japão as cartas interceptadas; o resultado foi que em 1637 saíu ou publicou-se um decreto imperial, declarando que: *toda a raça dos portuguezes, seus descendentes, amas com cria e quaesquer pertencentes aos mesmos fossem banidos do imperio*. A mesma proclamação ou decreto prohibia sob pena de morte a todos os naturaes ou subditos japonezes que saíssem do paiz, ordenando que fossem condemnadosá morte todos os que viessem de paiz estrangeiro, bem como aquelles que se descobrisse terem correspondencias com outras nações; que nenhum nobre ou militar comprasse cousa alguma aos estrangeiros; que todo o individuo que propagasse a religião christã, ou que tivesse o titulo de chistão fosse posto a tormentos; que um premio ou recompensa fosse dada a quem descobrisse um padre ou um christão nativo.

[1] Se os escriptores ecclesiasticos encobriram talvez algumas circumstancias, este, peccando pelo lado opposto, parece-nos que exagera.

«Pelo mesmo decreto eram os portuguezes expulsos do paiz, devendo aquelles que não podessem partir logo, ser encerrados na feitoria de Dezima, emquanto o tempo lhe não desse logar para saírem, e que se lhe retirasse a faculdade de commerciarem.

«Decidiu-se finalmente o imperador a cortar pela raiz todo o favor dado á importação das mercadorias e ao commercio dos portuguezes com o Japão e á tolerancia da religião christã no paiz.

«Os escriptores catholicos asseveram que este procedimento do imperador foi motivado pela malicia e falsas informações dos hereticos hollandezes, os quaes foram os promotores d'esta perseguição dos missionarios e dos japonezes convertidos, o que deu em resultado a expulsão do christianismo; mas examinando as datas vê-se que similhante asserção é completamente falsa: tanto os portuguezes ecclesiasticos como os seculares foram só elles que tiveram a culpa.

«Sem duvida os hollandezes procuravam violentamente derrubar os seus rivaes em qualquer occasião que podessem, aproveitando para isso a primeira calamidade que os perseguisse; mas esse ensejo tinha começado na perseguição do christianismo, tres annos antes que um só hollandez pozesse os pés no Japão. Como já o dissemos, tudo foi originado das discordias entre as ordens religiosas entre si[1].

[1] Não estamos de accordo com o auctor; a mais poderosa causa da expulsão dos portuguezes do Japão procedeu, segundo nossa opinião, de motivos politicos: foi sem duvida do receio de uma sublevação dos christãos na parte do sul do imperio, especialmente na grande ilha de Kiusiu, onde os nobres e vassallos quasi todos eram christãos; sublevação que faria sem duvida d'aquella ilha uma colonia portugueza ou hespanhola, se a decadencia da monarchia dos Filippes permittisse ou consentisse na expedição que Môro solicitava. Já antes de ser encontrada e denunciada a cor-

«Mal poderiamos findar este breve esboço das relações dos portuguezes com o Japão sem testemunhar os soffrimentos e nobre constancia de milhares de christãos, que padeceram a morte pela fé. A historia das perseguições do christianismo no Japão contém alguns capitulos que referem os crueis tormentos e heroico valor christão de homens, mulheres e creanças, que bem davam a conhecer a sinceridade da sua crença.»

Parece-nos ter dado a nossos leitores sobeja e authentica noticia das nossas relações antigas com o Japão; e por isso os não enfadaremos mais com alguns outros fragmentos que poderiamos ainda extractar de outros auctores. E aqui daremos fim a esta pequena composição e compilação.

---

respondencia de Môro se póde perceber este receio da parte do imperador na expedição que mandou contra a Coréa e China, expedição quasi exclusivamente composta de chefes e soldados christãos, com o fim sem duvida de os afastar do imperio; e da qual largamente tratam os escriptores catholicos. Não duvidâmos todavia que a discordia entre as ordens religiosas desacreditasse a religião e produzisse a primeira perseguição religiosa. Se no goso da bemaventurança eterna se podessem soffrer pezares e dores, quaes seriam as do virtuoso e heroico S. Francisco Xavier, vendo o resultado que por fim tiveram os seus apostolicos trabalhos!

APPENDICE

Relatorio apresentado ao ex.mo sr. ministro da repartição da marinha e ultramar, pelo commandante da corveta D. João I, na chegada a Lisboa em 22 de setembro de 1862.

Ill.mo e ex.mo sr.—Foram tão varias as escalas e commissões d'esta corveta *D. João I,* do meu commando, n'estes ultimos tres annos em que foi destinada á estação de Macau e mares da China, que estou certo que v. ex.ª não desprezará a leitura do presente relatorio, que, como devo, tenho a honra de levar á sua presença.

Foi no dia 28 de agosto de 1859 que saí d'este porto de Lisboa com destino para a estação de Macau, devendo fazer escala por Loanda, para onde conduzia dinheiro e passageiros, com faculdade para ir refazer-me de mantimentos á cidade do Cabo da Boa Esperança, e devendo depois forçosamente tocar em Dilly, na ilha de Timor, visto que tinha que ir alcançar o oceano Pacifico, para ganhar por barlavento a costa da China, em rasão de ir ainda encontrar a contra-monção n'aquelles mares.

Os ventos septentrionaes, que na epocha em que saí de Lisboa reinam quasi sempre frescos, levaram-me em

sessenta e nove horas á vista e a proxima distancia da cidade do Funchal; e communicando, só por meio de signaes, com a corveta *Estephania* que estava ali fundeada, segui ávante; e passando ao oriente das ilhas de Cabo Verde fui ver terra de Africa pouco ao norte de Cabo de Palmas, onde encontrei ventos pelo quadrante do sudoeste, que me deram bordada por barlavento da ilha de Anno Bom, e que em trinta e cinco dias me levaram ao porto de Loanda, viagem a mais breve e feliz que até hoje têem feito, para aquelle porto, os nossos navios de guerra sem serem movidos a vapor.

Demorando-me sómente onze dias em Loanda, segui para o cabo de Boa Esperança; proximo do qual, no dia 13 de novembro, me sobreveiu um temporal tão violento dos costumados n'aquella localidade, acompanhado de mares tão grossos, que não permittindo o soffrê-los de kapa, me obrigou a correr fugindo-lhe no quadrante do sueste; corrida que durando alguns dias me entranhou muito pelo oceano Indico.

Era o meu caminho para a China, e postoque os mantimentos e mais que tudo a agua não fossem assás abundantes a bordo, em rasão dos muitos passageiros do estado que tinha levado para Loanda e da pouca capacidade dos paioes da corveta, resolvi-me a seguir ávante, regulando-os o mais possivel, e a ir entrar no estreito de Sunda e vitualhar-me em Batavia, unico porto proprio para isso que me ficava em caminho, porquanto a ilha de Timor, alem de me ficar mais distante, mal suppre com mantimentos as poucas necessidades dos seus habitantes.

Sem pratico, e sómente ajudado das cartas hydrographicas de Horsburg, naveguei sem accidente por entre grande numero de baixos da bahia de Batavia e surgi em frente da cidade; e como na mesma não havia consulado portuguez recorri ao consul inglez mr. Foster, o qual

com a melhor vontade prestou, mesmo da sua consideravel casa commercial, toda a somma precisa para eu, em concurso de fornecedores, vitualhar a corveta de tudo o necessario.

Devo levar ao conhecimento de v. ex.ª que durante os treze dias que me demorei em Batavia, fui muito obsequiado e recebi varios convites do governador geral da India Neerlandeza, bem como do almirante commandante n'aquelles mares das forças navaes da mesma nação.

No dia 17 de janeiro de 1860 larguei de Batavia, e navegando com bella monção por entre as innumeraveis ilhas e baixos do mar de Java fundeei em Dilly, capital da parte portugueza da ilha de Timor, em 24 do mesmo mez.

De todas as nossas possessões ultramarinas a menos importante e mais atrazada é sem duvida a parte assás consideravel que temos na ilha de Timor, a qual bem longe de poder prestar auxilios aos nossos navios de guerra carece quasi sempre dos mais essenciaes, e por esta occasião lhe forneci da botica da corveta algumas drogas medicinaes para o seu pobre hospital.

Muito má foi a viagem que de Dilly, onde só me demorei seis dias, levei até Macau, pois encontrando ventos bonançosos e contrarios por entre as ilhas Molucas e ao norte da Nova Guiné, difficultosamente pude avistar as ilhas de Pelêo no oceano Pacifico; e só pude fundear em Macau no dia 15 de março com duzentos dias de viagem de Lisboa.

Eu já disse a v. ex.ª que a minha viagem era contra monção.

Surto no porto interior de Macau sem acontecimentos notaveis, recebi ordem do sr. conselheiro Guimarães, governador d'aquella cidade, para partir para Changae, no norte da China, fazendo escala por Hong-Kong; e largan-

do de Macau no dia 27 de maio do mesmo anno de 1860, fundeei em Hong-Kong na madrugada do dia seguinte.

A monção do sudoeste favoravel para ir para o norte ainda estava duvidosa, e as forças navaes inglezas e divisões de tropa que em differentes comboios partiam tambem para o norte para o ataque de Pekin, e que tive quasi sempre em vista até Changae, ali estavam, parte, arribadas, e só no dia 5 de junho podémos partir todos. Ainda pelo caminho encontrámos por alguns dias ventos fortes da monção contraria que, secundados pelas correntes da mesma direcção, nos fizeram arribar por duas vezes aos abrigos de algumas das numerosas ilhas de que é coberta ou franjada toda esta costa da China desde Hainão até á foz do Yang-Tse.

No dia 23 de junho fundeei em frente de Wussung, cidade china situada na foz do rio do mesmo nome que vem de Changae, distante quinze ou dezeseis milhas, e que é o maior affluente do grande rio Yang-Tse.

Este rio Yang-Tse é um dos maiores rios do mundo, sobe ainda acima de Nankin na distancia de perto de cem leguas. Com as suas bôcas e numerosos riachos forma um delta muito maior que o delta egypcio. São tão baixas as suas margens que postoque não tenha mais que tres ou quatro milhas de largo na sua foz principal, navega-se dez ou mais leguas por elle dentro sem se descobrirem as mesmas margens, fazendo-se indispensavel um extremo cuidado na sondagem para evitar os encalhes, que em algumas partes importam a perda dos navios.

Quando fundeei em Wussung já o sr. conselheiro Guimarães, governador de Macau, estava em Changae, para onde tinha vindo no vapor inglez da carreira do norte da China; e no dia 29 de junho desceu o rio e veiu embarcar n'esta corveta para partir na mesma para o Japão na qualidade de ministro plenipotenciario de Sua Magesta-

de, a negociar um tratado de paz e commercio com o mesmo paiz. Com s. ex.ª veiu tambem o seu secretario da missão e dois addidos.

No dia seguinte, 30 de junho, partimos para o Japão.

S. ex.ª o sr. ministro Guimarães tinha-me perguntado se precisava de um piloto pratico da costa e portos do Japão; mas eu, em vista da difficuldade de se obter um pratico de confiança e da excessiva paga que tal pratico poderia exigir, resolvi-me a ir sem elle, não obstante a deficiencia e incorrecção das cartas e planos que tinha podido obter.

Como o destino do sr. ministro plenipotenciario era mesmo para Yêdo, capital do Japão, que fica já no mar Pacifico ao nordeste da grande ilha japoneza de Nipon, naveguei atravessando o mar do norte da China ou mar Amarello; entrei no Pacifico pela passagem de Colnet, por os ventos escassos não me deixarem ganhar o estreito de Van-Diemen; e percorrendo para o nordeste as ilhas ou parte oriental do archipelago japonico, com variaveis e fracos ventos, mas com correntes favoraveis, entrei no vasto golfo de Yêdo; e depois de obtermos noticias em Kanagawa, cidade aberta ao commercio e muito proxima da capital, sobre o estado politico do paiz, surgi em frente da mesma capital Yêdo no dia 12 de julho de 1860.

S. ex.ª o ministro plenipotenciario desembarcou n'esse dia e foi habitar junto com mr. Alcok, ministro inglez ali residente.

As favoraveis disposições em que se achava o governo do Japão a respeito do tratado com Portugal e as activas diligencias do sr. ministro Guimarães, fizeram com que corressem com brevidade as conferencias para o mesmo tratado, o qual no dia 3 de agosto foi assignado solemnemente, a cujo acto assisti com os meus officiaes fazendo corpo com a embaixada, o que já tinha feito na audiencia

de apresentação das credenciaes, e que igualmente pratiquei no dia seguinte, 4 de agosto, á entrega da carta de Sua Magestade, desembarcando tambem para este ultimo acto uma guarda de honra de sessenta bayonetas que acompanhou a mesma carta.

Em todas estas occasiões tive sempre a honra de ser considerado como a segunda pessoa da embaixada.

S. ex.ª o sr. ministro Guimarães, preferindo regressar á China em um vapor, e desejando ir instaurar um consulado portuguez em Nagazaki, que é a principal cidade commercial do Japão, partiu n'essa mesma tarde de 4 de agosto em um vapor de guerra inglez que ía atravessar por entre os canaes interiores do archipelago japonez.

No dia seguinte fiz a corveta de véla do logar em que estava em frente de Yêdo e fui fundear junto de Yokuhama, bairro de Kanagawa, destinado ao trato commercial com os estrangeiros, o que tudo fica a respeito da capital Yêdo como Cascaes a respeito de Lisboa.

Tendo ali recebido alguns fornécimentos de que carecia, larguei no dia 11; e diligenciando saír do fundo golfo de Yêdo, naveguei para o sudoeste; e saíndo do Pacifico pelo estreito de Van-Diemen, tive que lutar com uma forte tormenta do noroeste,[1] serenando a qual entrei no dia 30 no rio Yang-Tse; e no dia 1 de setembro subi o rio de Wussung e surgi em Changae em frente do palacio do consulado portuguez.

Algumas noticias que eu poderia dar a v. ex.ª sobre o imperio do Japão, e que não é possivel consignar nos limites d'este relatorio, serão narradas na viagem que escrevi, para cuja publicação peço a protecção de v. ex.ª

A cidade de Changae, na margem esquerda do rio Wussung, affluente do Yang-Tse, a dezeseis milhas da foz do primeiro d'estes rios e a mais de sessenta da foz do ulti-

mo, na latitude de 31° 14′ norte e na longitude de 130° 38′ ao oriente de Lisboa, é já uma das mais ricas e commerciaes da Asia, e onde os estrangeiros (europeus e ameriranos) têem consideraveis estabelecimentos e habitações, em uma extensa planicie ao correr da margem do rio, proximo mas fóra das muralhas da cidade china do mesmo nome. O seu porto formado pelo estreito mas caudaloso rio que lhe fica em frente, está sempre cheio de grandes navios da Europa e da America que disputam a carga e descarga de varios productos commerciaes; a Inglaterra, a França, a Russia e a America do norte ali têem quasi sempre alguns dos seus navios de guerra da estação da China. Changae é pois ou será em pouco tempo pelo crescimento rapido em que vae, a primeira cidade commercial da Asia. Mas Changae, pertencendo a todas as nações estrangeiras, não pertence a nenhuma, ou pertencerá essencialmente áquella que tiver mais força naval e mais opulencia commercial; e effectivamente é a nação ingleza a que mais predomina ali, apesar da phantastica divisão em tres grandes bairros, inglez, francez e americano, sendo o primeiro, o inglez que fica no centro, o mais opulento e extenso, como era de esperar.

O que se não póde vaticinar é o que será porém Changae em caso de guerra entre algumas d'estas tres nações, ou quando os chinas quizerem aprender e procurar quem lhes ensine a arte moderna da guerra.

Alem do futuro duvidoso que ameaça esta opulenta cidade, a qual póde ter a sorte que teve no seculo xvi a nossa notavel e rica Ling-pó, ou Ning-pó, existe em roda d'ella um flagello que a persegue de continuo, e que tem contrariado ou diminuido o seu rapido crescimento e ameaçado desde já a sorte que lhe receio.

V. ex.ª certamente não ignora que um verdadeiro ou supposto descendente da dynastia de Min se levantou ha

alguns annos com parte do imperio da China, pretendendo desthronisar a dynastia tartara. Este chefe, que se intitula irmão de Jesus Christo, parente do Padre Eterno, ou com outros disparatados titulos d'este genero, com o fim de angariar a christandade imperfeita ou scismatica que existe no imperio, tem senhoreado grande parte das provincias do mesmo imperio, com a segunda capital Nankin e larga extensão de territorio em roda de Changae até Ningpó ao sul. Bem que até hoje estes chamados rebeldes só façam a guerra ás populações chinas, queimando, assolando e passando a ferro os habitantes, sem perdoarem a mulheres nem a creanças, têem por este modo paralysado o commercio com o interior do paiz, e já por duas vezes se têem querido apossar da cidade china de Changae, q protegida pelos estrangeiros, se conserva obediente á dynastia tartara, e pelas forças inglezas e francezas ali de guarnição têem sido repellidos.

Quando cheguei a Changae, no 1.º de setembro de 1860, havia poucos dias que elles tinham sido batidos no seu primeiro ataque, mas conservavam-se com grandes forças a pouca distancia da cidade; e foi por isso que recebi ordem do sr. governador de Macau para ali ficar com a corveta, a fim de proteger o consulado portuguez e os mais subditos portuguezes, pela maior parte filhos de Macau, que ali se acham empregados ou estabelecidos.

Ali pois me demorei surto até 10 de outubro, sem outra novidade mais do que um panico que me fez desembarcar força armada na noite de 13 de setembro, a qual retirou logo para bordo. Saí no mencionado dia 10; e, por ordem que de Macau tinha recebido do sr. governador Guimarães, vim ao porto de Amoy solicitar do Tautay ou governador china alguma indemnisação, se fosse possivel obte-la amigavelmente, pelos roubos praticados pelos chinas em um vapor mercante portuguez de Macau, que

deu á costa proximo d'aquelle porto; e entrei em Amoy no dia 14 de outubro.

Em consequencia das minhas reclamações, de combinação com o nosso consul na mesma cidade, procedia o Tautay ás inquirições necessarias, quando, no dia 28 do mesmo mez, recebi ordem do sr. governador Guimarães para recolher a Macau, o que cumpri saíndo no dia seguinte e entrando em Macau no dia 2 de novembro.

Foi então que por mais algum tempo me demorei na estação de Macau, pois sómente nó dia 4 de agosto do anno seguinte (1861) é que por ordem do mesmo sr. governador saí outra vez para Changae, para ali o esperar.

No dia 16 entrei no Yang-Tse e fui fundear no dia seguinte em Wussung. No dia 26 do mesmo mez subi aquelle rio e surgi em Changae.

Um incommodo de saude novo para mim, e que só posso attribuir ao clima da China, carecia absolutamente de um tratamento regular; e quando o sr. conselheiro Guimarães chegou a Changae, pedi-lhe licença para me retirar para Macau, vistoque o mesmo ex.mo sr., na qualidade de ministro, ía partir outra vez para o Japão, como effectivamente partiu na corveta no dia 22 de novembro, indo a mesma corveta commandada interinamente pelo meu official immediato o primeiro tenente Thomás José de Sousa Soares de Andréa.

No dia 24 parti para Macau, no vapor *Aden* da companhia oriental peninsular, bastantemente incommodado de saude.

A corveta, não podendo alcançar o porto de Yêdo por causa de ventos contrarios e tempestuosos que a perseguiram constantemente, por ser no rigor de estação invernosa, e em mares tão tormentosos, arribou muito maltratada, e veiu para Macau, onde entrou no dia 26 de dezembro.

Tendo eu conseguido melhorar de saude durante os dias que me tratei em Macau, tomei o commando effectivo da corveta, e recebi ordem do sr. governador Guimarães para preparar a mesma, a fim de partir para Timor, em consequencia das ordens que tinha recebido do governo de Sua Magestade.

A corveta vinha com as enxarcias e outros muitos cabos do seu apparelho fixo arrebentados, costuras abertas, o panno rasgado, os mastaréus de gavia incapazes, e outras avarias que careciam de remedio; e em consequencia de tanta obra, só no dia 19 de fevereiro do corrente anno é que pude partir de Macau com ordem para ir a Timor *coadjuvar o governador d'aquella colonia na commissão de que estava encarregado; e que quando o dito governador podesse dispensar os serviços da corveta do meu commando, seguisse viagem para Lisboa, tocando em Loanda*, para onde conduzia alguns degradados.

Com a monção favoravel do nordeste atravessei para o sul o mar da China, entrei pela passagem de Karimata no mar de Java, que atravessei pela segunda vez em toda a sua extensão do occidente para o oriente, e surgi em Timor no dia 13 de março, com vinte e dois dias de viagem de Macau.

Os regulos insurgidos já havia muito tempo que tinham sido domados; e a barca-transporte *Martinho de Mello* havia poucos dias que ali tinha deixado umas cem praças de infanteria. Mal irá áquella colonia se no futuro precisar em caso identico ser soccorrida pela metropole ou por Macau; taes soccorros nunca lhe chegarão a tempo, em rasão das distancias; pois v. ex.ª não ignora que Timor fica junto da Nova Hollanda; que os auxilios de Macau, havendo-os lá para se lhe prestarem, só podem chegar no fim de quatro mezes, e os da metropole no fim de oito ou dez.

A pedido do sr. governador Affonso de Castro lhe forneci de bordo d'esta corveta os objectos de material de guerra que pude dispensar sem prejuizo do meu armamento, taes como dois obuzes de campanha, bombas, granadas de mão, foguetes *à Congrève* e outros, o que já fiz sciente detalhadamente em meu officio de 28 de março proximo passado dirigido ao sr. chefe do estado maior.

Tendo-me feito saber o sr. governador de Timor, em seu officio datado de 17 de março proximo passado, que a rebellião dos indigenas estava completamente aniquilada; e que, conseguintemente, a demora da corveta se tornava desnecessaria, mas que seria conveniente ir visitar os presidios de Manatuto e Batogadé, um ao oriente e outro ao occidente de Dilly, com o fim de mostrar a força da corveta, por meio de salvas aos fortes e outras demonstrações; e que depois podia seguir viagem no desempenho ou cumprimento das minhas instrucções, assim o pratiquei partindo de Dilly no dia 24 de março; e, depois de visitar os mencionados presidios, saí do estreito ou passagem de Ombay no dia 5 de abril e entrei no oceano Indico.

N'esta travessa de todo o vasto oceano Indico fui tão feliz que passados trinta e oito dias estava com a costa oriental da Africa em vista, pouco ao norte da bahia da Aguada ou da Lagoa. Em seis dias dobrei o cabo de Boa Esperança, passando para o oceano Atlantico; e em 3 de junho fundeei em Mossamedes para dar alguns refrescos á guarnição da corveta.

Tinham ali reinado antes da minha chegada febres bastante mortiferas, e nas manadas bovinas d'aquelles povos, essencialmente pastores, tinha havido uma mortandade incalculavel. Os habitantes queixavam-se amargamente da falta de recursos com que se achava aquella colonia, que tanto ia promettendo em seus principios.

Larguei de Mossamedes no dia 10 de junho; e tendo

tambem tocado em Benguella, onde recebi, como é costume, alguns bois vivos, surgi em Loanda em 21 do mesmo mez.

Escasseavam n'aquella cidade alguns dos generos de que carecia, e para vitualhar a corveta para o resto da viagem tive que me demorar até ao dia 21 de junho, no qual me fiz de véla com destino para esta cidade, conduzindo 32 passageiros do estado, pela maior parte praças de pret e degradados que acabaram de cumprir degredo.

Entrei hoje a barra d'esta capital, contando 215 dias de viagem de Macau, 172 de Timor e 63 de Loanda.

Resta-me dizer a v. ex.ª alguma cousa a respeito d'este navio e da sua guarnição.

Navios de guerra sem terem ao menos uma machina auxiliar de vapor é hoje uma cousa completamente estranha. Os navios de guerra das nações estrangeiras que encontrei nos muitos portos que percorri, com poucas excepções, todos tinham machinas a vapor; esta corveta passou pois por todos os inconvenientes do velho systema, e foi talvez por isso que o sr. governador de Macau a despediu da estação sem ser substituida; todavia no seu genero tem boas qualidades nauticas, e o seu andamento não é dos peiores, especialmente larga do vento; é um navio que serve ha mais de trinta annos o paiz, e que no fim de uma campanha de tres annos não faz uma pollegada de agua.

Quanto á guarnição, se exceptuarmos os officiaes, que cumpriram sempre com as suas obrigações, coadjuvando-me efficazmente, e portando-se com intelligencia e dignidade, como tenho feito constar pelas informações semestres, a marinhagem porém era, e ainda hoje é, muito inferior e desigual; a terça parte pelo menos era inutil, por ser composta de creanças mal conformadas, ou de homens já avançados em idade e não creados na vida maritima, como soldados do exercito com baixa e outros.

Por ordem do sr. governador de Macau ficaram destacados de guarnição na lorcha de guerra *Amazona* surta n'aquelle porto, 2 guardas marinhas e 15 praças de marinhagem.

Durante esta commissão ou campanha de mais de tres annos, perdi 28 homens; a saber: 14 mortos (entre os quaes 4 por desgraça), e 14 desertores, tudo praças de prôa.

Bordo da referida, surta no Tejo, em 22 de setembro de 1863.=*Feliciano Antonio Marques Pereira*, capitão de fragata commandante.

INDICE

PARTE PRIMEIRA

VIAGEM E NOTICIA GERAL DO JAPÃO

PARTE SEGUNDA

ANTIGAS RELAÇÕES DOS PORTUGUEZES COM O JAPÃO

(EXTRACTOS E FRAGMENTOS)

APPENDICE

152°
Rashau I.
Ushihir. I.
Ketoy. I.
SIMOSIRI
Estreito de Boussole
Porpey.
orpey.
nide.
L I S
46°
44°
42°
40°

38°
JAPÃO
36°
ds
ada
ILAS BENT
34°
Americana
32°
153